FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

ANO 105 ★ Nº 35.034 TERÇA-FEIRA, 4 DE MARÇO DE 2025 R$ 7,90

'Ainda Estou Aqui' abre portas de Hollywood a Fernanda Torres

Ainda que o Oscar de melhor atriz tenha escapado no domingo, Fernanda Torres virou queridinha de Hollywood com o sucesso de "Ainda Estou Aqui", que ganhou a estatueta de melhor filme estrangeiro. Ao cumprir agenda árdua para a divulgação do filme nos últimos meses, ela tem conquistado diretores e produtores americanos, que a podem escalar para futuras produções.

Ela pode seguir os passos de europeias, como Isabelle Huppert, que jamais ganhou um Oscar, mas é considerada diva do cinema, e de latinas, como Salma Hayek, que em 2003 concorreu a melhor atriz por "Frida". **Ilustrada B2 e B3**



O diretor Walter Salles, a atriz Fernanda Torres e o ator Selton Mello falam sobre a vitória de 'Ainda Estou Aqui' Fernanda Ezabella/Folhapress

Davi Galantier Krasilchik

Redes sociais abriram o caminho até o 1º Oscar B7

Vera Iaconelli

Vencemos em inspiração, reflexão e alento. A25

Carolina Casarin

Looks do tapete vermelho remetem a personagens B10

ANÁLISE

Leonardo Sanchez

Mikey Madison premiada nos lembra de preconceitos B4

EDITORIAIS A2

Oscar para "Ainda Estou Aqui" tem significado especial Sobre premiação ao Brasil.

Ao levar Gleisi para o Planalto, Lula dá sinais preocupantes Acerca da nova ministra.

"

Penso nas crianças hoje, que filmes elas farão daqui a 50 anos sobre nossa resistência ao autoritarismo... É um filme sobre transmissão e resistência ao longo do tempo

Fernanda Torres
sobre legado de "Ainda Estou Aqui"

Ganhe um pôster celebrando triunfo do filme B8 e B9

alalaô

MULHERES PRESIDEM ESCOLAS DE SAMBA

Primeira mulher a assinar um samba-enredo em 1965, Ivone Lara abriu caminho para o protagonismo feminino no Carnaval carioca A20

CARNAVAL DE MASCARADOS É SUCESSO NO AGRESTE

Em Bezerros (PE), os papangus, personagens com rostos cobertos, tomam as ruas da cidade que fica a 100 km do Recife e arrastam uma multidão de foliões A24

Trump dobra tarifa cobrada da China e confirma taxa para México e Canadá

Bolsa americana desaba com a alíquota de 20% sobre importações chinesas e alíquota de 25% para vizinhos a partir desta terça

O presidente dos EUA, Donald Trump, escalou sua guerra tarifária dobrando a alíquota de importação sobre produtos chineses para 20% e confirmando que vai cobrar 25% do que for comprado de seus parceiros na América do Norte, México e Canadá.

Ambas as medidas passam a valer nesta terça (4). Ele afirmou que não havia mais chances de negociar com os vizinhos, como ocorreu há um mês.

O anúncio derrubou o mercado de ações dos EUA, que sofreu o pior tombo do ano tanto na Bolsa convencional, com queda de 2%, quanto na de alta tecnologia, com perdas de 3%.

Alguns perderam ainda mais, como a produtora de chips avançados Nvidia, que viu suas ações despencarem 9,6%.

Trump disse esperar que Pequim, que já havia respondido com tarifas equivalentes antes, não retaliasse tanto. **Mercado A11**

Líder americano considera acordo de livre comércio com a Argentina

O presidente Donald Trump afirmou que pode considerar a negociação de um acordo de livre comércio com a Argentina, como já foi sugerido anteriormente por seu homólogo do país sul-americano, Javier Milei.

O argentino, admirador de Trump, foi chamado de "grande líder" pelo americano. Para realizar tal acordo, a Argentina teria de deixar o Mercosul, que exige tratados negociados por todos os membros. **Mercado A11**



Os papangus mascarados são uma tradição surgida no século 19 em Bezerros Adriano Vizoni/Folhapress

Supremo decide de forma alinhada ao governo em 90% das ações constitucionais A6



Eufrázio

opinião

EDITORIAIS

folha.com/editoriais
editoriais@grupofolha.com.br

Oscar para 'Ainda estou aqui' tem significado especial

Escolha da obra de Walter Salles com Fernanda Torres como melhor filme internacional ganha projeção em um momento em que as ameaças à democracia cruzam fronteiras e fazem do mundo um lugar menos seguro

A premiação de "Ainda estou aqui" com o Oscar de melhor filme internacional marca uma data histórica para o cinema brasileiro.

É fato que, ao longo de sua trajetória, a produção cinematográfica do país obteve reconhecimento e láureas em festivais importantes, como a Palma de Ouro em Cannes, em 1962, por "O pagador de promessas".

O mesmo festival veio a consagrar Glauber Rocha, em 1969, pela direção de "O dragão da maldade contra o santo Guerreiro"; e, anos depois, em 1986, uma jovem atriz, chamada Fernanda Torres, então com 19 anos, venceu pelo seu papel em "Eu Sei que Vou Te Amar", de Arnaldo Jabor.

Indicações e galardões foram reconhecidos na própria disputa do Oscar, que consagrou "Orfeu Negro", em 1960, como melhor filme internacional. Baseado em musical de Vinicius de Moraes e Tom Jobim e filmado no Rio com atores brasileiros, acabou considerada obra francesa, sob direção de Marcel Camus.

É inegável, entretanto, que o troféu concedido a "Ainda estou aqui" pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood revestiu-se de significados especiais. Trata-se de uma produção integralmente nacional, inspirada no livro do escritor Marcelo Rubens Paiva, que oferece uma trama ambientada em período relevante da história social e política do país.

Com engenho e arte, o longa dirigido por Walter Salles consegue apresentar de modo arrebatador a comovente história de Eunice Paiva e de sua família em busca de um desenlace para o dramático desaparecimento do engenheiro e ex-deputado Rubens Paiva, sequestrado e assassinado pela ditadura militar em circunstâncias jamais esclarecidas oficialmente.

Bem recebido no Festival de Veneza, onde estreou e ganhou o prêmio de melhor roteiro, o filme logo cativou as plateias brasileiras e passou a merecer atenção internacional. Num ambiente extremamente competitivo, no qual o cinema brasileiro ocupa lugar periférico, as virtudes de "Ainda estou aqui", entre as quais a notável atuação de Fernanda Torres, se impuseram.

O filme marca o reencontro do Brasil com seu cinema. Nada mais justo e significativo que o triunfo tenha sido comemorado com paixão e alegria neste já histórico Carnaval

A vitória da atriz no Globo de Ouro e as indicações ao Oscar em três categorias —melhor filme, melhor filme internacional e melhor performance feminina— somaram-se ao expressivo e bem-vindo reencontro do Brasil com seu cinema.

Em que pesem desprezíveis rixas da parte de saudosistas do autoritarismo, o exemplo e a resiliência de Eunice Paiva ganham projeção num momento em que as ameaças à democracia cruzam fronteiras e fazem do mundo um lugar menos seguro para se viver.

Ao reavivar a memória da opressão, do desrespeito aos direitos, da violência do Estado e do desprezo pela vida, traços que infelizmente ainda estão aqui, o filme nos deixa um legado essencial e valioso. Nada mais justo e significativo que o triunfo tenha sido comemorado com paixão e alegria neste já histórico Carnaval.

Ao levar Gleisi para o governo, Lula dá sinais preocupantes

Nova ministra das Relações Institucionais, responsável pelas negociações com o Congresso, lutou por mais espaço para o PT na Esplanada, já teve atritos com políticos proeminentes e é crítica ao controle de gastos

Gleisi Hoffmann deixará a presidência do PT para se tornar ministra das Relações Institucionais, responsável pelas articulações com parlamentares e partidos. É também provável que coordene alianças para as eleições de 2026.

Aguerrida defensora da linha gastadora petista, Gleisi criticou o moderado projeto de contenção de despesas do ministro Fernando Haddad (Fazenda), que chamava de "austericídio", e combateu a política monetária.

É fiel ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva e esforçou-se para dar ao PT o maior número de ministérios, mesmo o governo sendo minoritário no Congresso.

É duvidoso se Gleisi terá sucesso na transição do posto de general para diplomata. De certo é que, ao nomeá-la, o presidente da República dá sinais inquietantes.

Passou a mensagem de que é menor a possibilidade de ampliação do diálogo com outros partidos, correntes de pensamento e setores sociais que não aqueles mais fiéis a ele mesmo e ao ideário petista. Reafirmou também que pode não adotar a política de moderação de gastos e tímidas reformas fiscais de Haddad.

O ministro da Fazenda perdeu, de resto, raro aliado no Planalto, Alexandre Padilha, que deixou o cargo para ser ministro da Saúde.

É outro indício de que Haddad tem apoio mínimo para seu programa, o que ficou evidente com a mudança da meta de saldo primário em abril de 2024, a desidratação do plano fiscal em novembro, e as afirmações de Lula, em janeiro deste ano, que sinalizam poucas chances de melhoria na gestão das contas públicas.

Firme, combativa e com histórico de desavenças com figuras e partidos relevantes do Congresso, Gleisi deverá negociar a aprovação de projetos que o Planalto julga vitais para a recuperação de sua popularidade —o maior deles é o da isenção do Imposto de Renda para parte dos assalariados.

Ao escolher Gleisi, Lula isola ainda mais Fernando Haddad e sinaliza que não pretende adotar uma política de moderação de gastos e tímidas reformas fiscais propostas pelo ministro da Fazenda

Abrindo mão dessa receita, o governo terá de tributar rendimentos do topo da pirâmide, o que desagrada o Congresso. Quanto maior a proximidade de 2026 e pior a avaliação da atual gestão, será menos provável que Lula conte com a boa vontade de deputados e senadores.

Para conseguir obter sucesso, Gleisi teria de renegar a defesa obstinada dos interesses do petismo, desfazer a crença de que não vai solapar o que resta de credibilidade da política econômica e conquistar votos para o programa de incremento da posição de Lula nas pesquisas em um ambiente indócil no Legislativo.

Dado o seu histórico, porém, há risco de converter-se em mais uma má escolha de Lula.

FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patrícia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila (*secretário*)
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Alexandre Bonacio (*financeiro, planejamento e novos negócios*), Anderson Demian (mercado leitor e estratégias digitais), João Cestari (tecnologia) e Marcelo Benez (*comercial*)

CIRCULAÇÃO FOLHA (VERIFICADO POR PWC)
860.629 - Fechamento 1º Semestre de 2024
Assinantes Folha + Venda Avulsa Impressa.
Veja os critérios em folha.com.br/circulacao-verificada/

Jean Galvão



COLUNISTAS

folha.com/editoriais
editoriais@grupofolha.com.br

SÃO PAULO

Lula à espera do inverno russo

Hélio Schwartsman

Começo com uma piada. É 1973. Depois da virada israelense na guerra do Yom Kippur, uma coluna de tanques do Estado judeu toma a direção do Cairo. Preocupados, os egípcios pedem conselho aos russos, conhecidos por sua habilidade em repelir invasões estrangeiras.

A primeira instrução chega de Moscou através de um telegrama: recuar. Os egípcios retrocedem suas forças, mas os tanques não se detêm. Pelo contrário, aceleram. Nova consulta a Moscou, nova resposta: recuar. Quando os israelenses chegam às portas da capital, os egípcios, visivelmente mais nervosos, perguntam de novo aos soviéticos o que devem fazer. Algumas horas depois, vem a resposta: aguardar início do inverno.

Minha impressão é que Lula pensa como o Estado-Maior soviético. Adota como estratégia algo que já funcionou no passado, tendo tido sucesso em derrotar as tropas de Napoleão e de Hitler, mas sem considerar que a situação atual é muito diferente.

O inverno egípcio não é comparável ao russo. Não há a menor chance de o vale do Nilo acumular alguns metros de neve e assim impor sérios reveses às forças inimigas. O boom das commodities, que tirou Lula das cordas em 2005, na sequência do mensalão, e lhe deu a reeleição em 2006, dificilmente vai se repetir e, mesmo que se repita, ocorreria num contexto político muito diferente e menos favorável à Presidência.

Lula, hoje, divide poderes com um Congresso muito mais forte e menos dócil e ainda enfrenta uma oposição muito mais implacável do que era a dos tucanos. É pouco provável que a indicação de Gleisi Hoffmann para o ministério das Relações Institucionais, encarregado da articulação política, e a contratação de um marqueteiro bastem para reverter a crise de popularidade.

Ao percorrer esse caminho, Lula meio que descarta quaisquer planos alternativos de maior envergadura. Parece apostar que, com o tempo, medidas no varejo e propaganda, as coisas se acertarão para seu governo. Enfim, ele parece apostar num inverno russo que dificilmente chegará.

helio@uol.com.br

BRASÍLIA

O novo anormal

Dora Kramer

Uma operação casada entre os três Poderes foi o que possibilitou uma trégua no embate das emendas parlamentares, suspensas desde agosto do ano passado. Estão, por ora, liberadas por força de um acordo entre Executivo, Legislativo e Judiciário.

Havia uma audiência marcada para o último dia 27, desmarcada na véspera, quando se soube da aceitação do plano de trabalho apresentado ao ministro Flávio Dino pela Controladoria Geral da União junto com o Congresso.

Nesse meio tempo, a Comissão Mista do Orçamento havia confirmado votação para o próximo dia 11, com previsão do envio da proposta ao plenário ainda na segunda semana de março. Ato contínuo, veio o sinal verde ao acordo, em seguida, a antecipação em 15 dias do exame no STF.

Na sexta-feira anterior ao Carnaval, o plenário formou maioria em prol do acordo. Não por coincidência, a tempo de se cumprir o prazo estabelecido no Parlamento para votação do Orçamento, no embalo da urgência do governo em destravar a exigência dos parlamentares em só votarem depois de ver a cor do dinheiro.

Pois agora poderão ver de novo. Não como vinha sendo. Deputados e senadores recuperam os recursos essenciais a seus planos de sobrevivência eleitoral, mas ficam submetidos a regras anteriormente inexistentes.

O avanço sobre o Orçamento, sabemos, começou em 2015, abriu a porta ao manejo secreto das verbas, ignorou a decisão de inconstitucionalidade da prática pelo STF em 2022 e agora teve a merecida freada. Importante, mas não suficiente.

Estamos bem longe de ter a normalidade restabelecida. O Congresso brasileiro domina um quarto das despesas livres do Executivo, algo inédito no mundo e evidente distorção no equilíbrio institucional entre poderes.

Aprovado o Orçamento, é de se esperar que o Supremo recue da ação casada de procedimentos e volte a impor o indispensável rigor no cumprimento do tal plano que promete transparência total no uso, sem abusos, das emendas. Um naco de R$ 50 bilhões do dinheiro de uma população carente de bons serviços públicos.

RIO DE JANEIRO

Mas que calor, ô ô ô ô ô ô

Alvaro Costa e Silva

O Carnaval é uma festa móvel e onívora que se renova a cada fevereiro ou março, apesar daqueles que não gostam dele (e têm o direito de não gostar), das pessoas que o atacam preconceituosamente e de quem o proíbe, como o prefeito de Porto Alegre.

No processo de modernização permanente, é inevitável um olhar ao passado para rever as tradições. O que não significa abraçar os saudosistas, gente para as quais o melhor não volta: as marchinhas do Nássara, os sambas do Império Serrano, os blocos de sujos, o Baile do Havaí no Iate Clube de Botafogo (onde, diz a lenda, a certa hora ouvia-se a ordem: "Todo mundo nu pulando na piscina!").

Depois das fanfarras, com instrumentos de sopro e percussão, no Rio, ressuscitaram os Gorilas de Saco, já habituais nas zonas norte e oeste e, daqui a pouco, na zona sul, que sempre chega atrasada. Animal noturno e assustador, bicho-papão da criançada, é rival dos Clóvis, os bate-bolas surgidos nos anos 1930, com roupa bufante, máscara e bola de borracha.

Imagine o calor que sente o Clóvis dentro da fantasia. Com o Gorila, o sufoco é ainda maior. A caracterização da figura exige, além da máscara, um casaco e uma calça, nos quais são feitos furos para acomodar milhares de tiras de sacolas plásticas. Pobre e louco Gorila, em busca de diversão na cidade que em fevereiro registrou 44°C, a mais alta temperatura desde 2014, e em que a sensação térmica bate recordes. Não veio nem uma chuvinha para animar a avenida.

"Allah-la-ô, ô ô ô ô ô ô / Mas que calor, ô ô ô ô ô ô". O de 2025 será lembrado como o Carnaval da ferveção, e não pelo entusiasmo, que está mais ou menos igual ao de anos anteriores. Com a crise do clima —algo que não existe, segundo o zap da titia—, o folião fez o inimaginável para se oxigenar. Não deixou de cantar e brincar, mas o cansaço e a ressaca bateram mais cedo.

Até entre a turma que não pula, apenas observa os outros pularem, notei uma mudança no visual. Estavam todos de camiseta regata. Pode ser de mau gosto, mas refresca.

Washington Post é o jornal de Trump?

Veículos como o New York Times criticam a postura adotada pelo Post, mas também estão polarizados

Juliano Spyer

Antropólogo, autor de "Povo de Deus", criador do Observatório Evangélico e sócio da consultoria Nosotros

A noção de que "um bom jornal é uma nação conversando consigo mesma" deixou de ser verdade para o Washington Post. Desde a semana passada, a publicação aceita apenas artigos opinativos que defendam as liberdades individuais e econômicas. Teria se tornado, como dizem os críticos, o veículo de notícias oficial do trumpismo?

"A sociedade não precisa de jornais, o que precisamos é de jornalismo", escreveu em 2008 Clay Shirky, professor e pesquisador da Universidade de Nova York. Para ele, o desafio era deixar de pensar em salvar jornais como modelo de negócio para, em vez disso, salvar a sociedade. Isso traria a motivação para reimaginar o jornalismo a partir de outros modelos.

O jornalista e pesquisador russo Andrey Mir, ligado à Universidade de York, no Canadá, aprofunda essa análise. Em seu livro mais famoso, "Post-Journalism and the Death of Newspapers" (Pós-Jornalismo e a Morte dos Jornais), ele argumenta que o trumpismo evoluiu a partir do mesmo contexto que produziu movimentos de contestação como a Primavera Árabe e o Occupy Wall Street.

Mir sustenta que não há uma intenção maliciosa ou uma conspiração por trás da polarização política. O modelo de negócio de veículos tradicionais como o Washington Post dependia da fabricação de consensos para agregar leitores com visões de mundo diferentes. Mais leitores significavam mais receita publicitária. Mas a horizontalização do acesso à mídia tornou esse modelo obsoleto.

Por que pagar por notícias se elas não estão mais limitadas à materialidade do papel, do rádio ou da TV e podem ser copiadas, coladas e redistribuídas infinitamente online?

Por que pagar por notícias se elas não estão mais limitadas à materialidade do papel, do rádio ou da TV e podem ser copiadas, coladas e redistribuídas infinitamente online? E como competir pela atenção do público com youtubers que entregam seu conteúdo gratuitamente nas redes sociais?

Jeff Bezos, bilionário dono do Washington Post, justifica a mudança na política editorial do jornal com base nessa mesma lógica da abundância de conteúdo. Em nota publicada no X, ele afirmou que, no passado, os jornais ofereciam aos leitores "uma seção de opiniões de base ampla que buscava cobrir todas as visões. Hoje, a internet faz esse trabalho".

A teorização de Mir explica a trajetória recente dos jornais —não apenas do Washington Post— de substituir a fabricação de consensos pela escolha de um dos lados do debate político polarizado. Em um cenário em que todos têm acesso à mídia, é o dissenso, e não mais o consenso, que impulsiona a mensagem.

Essa mudança, segundo Mir, força o jornalismo a se transformar em "propaganda financiada por vaquinhas online". O apelo para financiar o serviço passa a ser "defender a democracia" ou "combater o comunismo". "Os membros pagantes não pagam para receber as notícias (eles já as conhecem)", escreve Mir. "Eles pagam para que as notícias sejam distribuídas para outros."

A polarização não é um efeito colateral, mas uma condição para o sucesso desses negócios. Pessoas mais ansiosas tendem a apoiar mais seu veículo preferido. A perspectiva que Mir apresenta sugere que publicações como o New York Times, que criticaram a decisão de Bezos, estão mais próximas do Washington Post do que admitem.

opinião

TENDÊNCIAS / DEBATES

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

folha.com/tendencias
debates@grupofolha.com.br

Instabilidade e desumanização digital impulsionam ansiedade no Brasil

A urgência por resultados e a conectividade ininterrupta nos afastam de um estado de serenidade, essencial para a saúde mental e uma vida plena

Wankes Leandro
Professor de gestão e liderança na FGV, palestrante e criador do Método Reequilibre

A ansiedade se tornou a marca registrada do Brasil contemporâneo. Em meio às constantes turbulências políticas, econômicas e sociais, os brasileiros despontam como a população mais ansiosa do planeta, informa a Organização Mundial da Saúde (OMS).

De acordo com a pesquisa Covitel de 2024, 26,8% da população sofre algum transtorno de ansiedade, o equivalente a 56 milhões de pessoas. O Sistema Único de Saúde (SUS) registrou um aumento de 14,3% nos atendimentos relacionados ao problema em relação ao ano anterior. Mas por que o Brasil se tornou o epicentro dessa epidemia psicológica?

A resposta está em um coquetel de fatores que incluem a hiperconectividade digital, a polarização política, as crises econômicas e a crescente desumanização da internet. O próprio Nassim Taleb, autor de "O Cisne Negro", alertou recentemente para a volatilidade extrema dos mercados financeiros impulsionados pela inteligência artificial, o que gera uma sensação de imprevisibilidade global. A ascensão de startups como a DeepSeek, que em 36 horas abalou gigantes da tecnologia, mostra que as transformações estão ocorrendo em uma velocidade sem precedentes. E essa velocidade tem consequências psicológicas profundas.

Inspirado na famosa Lei de Moore, que previa a duplicidade da capacidade dos chips a cada dois anos, podemos formular a "Lei de Moore da Ansiedade": a cada nova onda de transformação digital e social, a percepção de incerteza dobra, intensificando os níveis de ansiedade na população. Essa equação explica por que, na medida em que o mundo acelera, nossas mentes ficam cada vez mais sobrecarregadas.

A internet, que outrora prometia conexão e conhecimento, está sendo tomada pela chamada "internet morta". Estudos mostram que quase 50% do tráfego digital é gerado por bots, enquanto redes sociais priorizam conteúdo manipulador e polarizado. Como se não bastasse, o tempo de tela dos brasileiros atinge cinco horas diárias em média, uma das maiores do mundo. A exposição constante a notícias catastróficas, discussões inflamatórias e estímulos por algoritmos que favorecem o medo são combustíveis perfeitos para uma sociedade cronicamente ansiosa.

Essa hiperconectividade também tem impacto profundo nos jovens. Segundo Jonathan Haidt, autor de "A Geração Ansiosa", o advento das redes sociais transformou a puberdade em um campo de batalha emocional. O aumento exponencial de transtornos ansiosos entre adolescentes coincide com a popularização dos smartphones. A necessidade incessante de aprovação digital, as comparações irreais e a redução de interações presenciais aprofundam a fragilidade emocional.

E como então saímos desse ciclo? A resposta passa por educação digital, regulação das redes sociais e uma cultura de bem-estar mais centrada no ser humano do que no algoritmo. Precisamos urgentemente de espaços "livres de inteligência artificial" para interações autênticas, bem como redes descentralizadas que devolvam o controle aos usuários. A transição para a web 3.0 pode ser um caminho para recuperar a autenticidade da comunicação digital.

Se quisermos reverter esse quadro, é necessário equilibrar progresso e sanidade, tecnologia e humanidade. A ansiedade não pode ser o preço da inovação. A busca pelo equilíbrio entre produtividade e bem-estar é um desafio central da era digital

A "Lei de Moore da Ansiedade" nos alerta para a relação direta entre a aceleração das transformações e o aumento do sofrimento mental. Se quisermos reverter esse quadro, é necessário equilibrar progresso e sanidade, tecnologia e humanidade. A ansiedade não pode ser o preço da inovação.

A busca pelo equilíbrio entre produtividade e bem-estar é um desafio central da era digital. A urgência por resultados e a conectividade ininterrupta nos afastam de um estado de serenidade, essencial para uma vida plena. Como nos ensinou o filósofo estoico Epíteto: A felicidade e a liberdade começam com a clara compreensão de um princípio—algumas coisas estão sob nosso controle e outras não. Devemos reconhecer que o ritmo frenético das mudanças tecnológicas não pode ser controlado, mas nossa resposta a ele sim.

Priorizar momentos de desconexão, práticas de autocuidado e interações humanas genuínas são passos fundamentais para evitar que a ansiedade se torne um custo inevitável do progresso. Somente através desse equilíbrio poderemos avançar sem comprometer nossa saúde mental e emocional.

O impacto e a reconstrução do litoral norte paulista

Instalação de sirene e de novos radares meteorológicos permitiu treinar a população para deixar as casas e buscar abrigo nos núcleos comunitários

Marcelo Branco e Henguel Ricardo Pereira
Secretário de Desenvolvimento Urbano e Habitação do Estado de São Paulo
Coronel da PM, é secretário-chefe da Casa Militar do Estado de São Paulo e coordenador estadual de Proteção e Defesa Civil

Uma tempestade sem precedentes assolou o litoral norte paulista no Carnaval de 2023, sobretudo no município de São Sebastião. Era apenas o segundo mês de gestão e tivemos o maior desafio que o poder público pode enfrentar. Ruíram casas e barreiras. O socorro do Estado precisava ser imediato. Sob a orientação do governador Tarcísio de Freitas (Republicanos), disponibilizamos toda a estrutura do governo de São Paulo para resgatar a dignidade das famílias afetadas e colocar novamente a região na rota do desenvolvimento.

Entendemos desde o início que a união de esforços faria a diferença no acolhimento de mais de mil famílias em pousadas da cidade e, depois, na reconstrução do local. A coordenação das diferentes equipes possibilitou o cadastro e a assistência emergencial às famílias, além de um plano de ação que levou à reconstrução de estradas e escolas e à entrega de 704 moradias em velocidade nunca vista no estado, em pronta resposta a um acidente, levando segurança para as pessoas que tiveram as vidas transformadas com a tempestade.

Essas entregas não encerraram a preocupação do estado com a região. Em parceria com a sociedade civil, pactuamos um protocolo de atuação para minimizar os impactos de novos eventos climáticos extremos, com atenção especial à Vila Sahy. A instalação de novos radares meteorológicos em Ilhabela e Campinas, além de uma sirene na comunidade, permitiu treinar a população para, ao ouvir o alerta, deixar as casas e buscar abrigo nos núcleos comunitários previamente identificados.

Recentemente, a Defesa Civil inaugurou o Centro de Gerenciamento de Emergências e o Centro Paulista de Radares e Alertas Meteorológicos, ampliando a capacidade de ação nas áreas mais densamente ocupadas do estado, com mais ocupações irregulares em encostas e em várzeas de rios. Já disparamos as primeiras mensagens pelo novo sistema "cell broadcast", com alertas severos ou extremos de chuvas.

A Defesa Civil ampliou a capacidade de ação nas áreas mais densamente ocupadas do estado. Já disparamos as primeiras mensagens pelo sistema 'cell broadcast', com alertas severos ou extremos de chuvas

Usamos a tecnologia também para monitorar a supressão da vegetação, a exposição do solo e a construção de edificações ilegais em todo o litoral e na região metropolitana. O Sistema de Monitoramento de Alertas por Satélite (SMAS) apoia as equipes de fiscalização de 30 municípios e 17 órgãos estaduais no combate às ocupações irregulares, especialmente em áreas de risco.

Desde 2023, temos priorizado o atendimento a moradores de áreas de risco. Cerca de 4.000 famílias já foram beneficiadas, e estamos investindo mais R$ 1,9 bilhão para garantir moradia digna a outras 10 mil por meio das unidades que estão em construção. Estamos na direção certa, ampliando a oferta de moradias e reforçando as medidas de prevenção para garantir segurança, desenvolvimento e dignidade a todos os paulistas.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor
leitor@grupofolha.com.br

É do Brasil!

"'Ainda Estou Aqui' vence o Oscar de melhor filme internacional, o 1º do Brasil" (Ilustrada, 3/3). Fernanda Torres estava brilhando, sua mãe provou que pode receber um Oscar até com cem anos e Walter Salles derramou lágrimas de quem tem sensibilidade.
Maria Aparecida (Sorocaba, SP)

*

Merece registro a contribuição definitiva da atriz Fernanda Torres, não só em relação a sua notável atuação como Eunice Paiva no em "Ainda Estou Aqui", mas, sobretudo, por cumprir uma maratona nos EUA, durante meses, concedendo entrevistas e divulgando o filme! Tudo isto contribuiu na sua conquista do Globo de Ouro, derrotando atrizes muito respeitadas, e para sua indicação ao Oscar! Parabéns, Fernanda, este Oscar também é seu!
Jane Medeiros (Rio de Janeiro, RJ)

*

A verdade é que a Hollywood dos democratas precisava de "Ainda Estou Aqui", tanto quanto o Brasil democrata precisava do Oscar. Uma simbiose perfeita, no momento certo, em oposição à extrema direita trumpista e bolsonarista. Tudo veio a calhar.
Antônio Beethoven Cunha de Melo (São Paulo, SP)

*

Depois dessa façanha, só falta um Nobel no currículo do Brasil. Pelo que se vê nas comemorações do Oscar, o dia que vier um Nobel será declarado feriado nacional.
Jonas Nunes dos Santos (Juiz de Fora, MG)

Axé, 40

"'Axé é caldeirão que fervilha, ainda está muito quente', diz Luiz Caldas" (Cotidiano, 2/3). O axé music nunca esteve tão vivo aos 40 anos. Depois do boom, da febre, o que vemos hoje é a consolidação e o reconhecimento desse movimento tão legítimo e brasileiro. Nosso axé que não é um, mas uma porção de ritmos, também é a nossa fortaleza, nossa raiz. Viva Luiz Caldas!
Matheus das Neves (Curitiba, PR)

Corpo feminino

"Minha bunda cinquentona no Carnaval significa" (Giovana Madalosso, 2/3). Giovana, que texto incrível! Deu vontade de enquadrar para reler sempre que bater alguma insegurança!
Gabriela Tavone Macherti (Marília, SP)



Foliões em Salvador comemoram vitória do Brasil no Oscar de melhor filme estrangeiro por 'Ainda Estou Aqui' Rafaela Araújo - 3.mr.25/Folhapress

Emocionada ao ler. Parabéns pelo texto! Parabéns pela determinação que, infelizmente, só sabemos que temos e a conhecemos, ao chegar perto dos 50 ou aos 50 e tantos. Viva o nosso corpo, que de tão belo, reproduz.
Alessandra Capobianco (Mogi das Cruzes, SP)

*

Giovana, gostei de ler esse texto. Você expressou tudo o que sente no momento atual, sobre o seu corpo de maneira espontânea e livre. Não se ateve a nada do que os outros sentem e criticam. Simplesmente, você se despiu dos preconceitos, normas e modismos daqueles que querem impor às pessoas e, principalmente, às mulheres.
Silene Maria de Sousa (Goiânia, GO)

Segurança pública

"O crime na legalidade" (Ruy Castro, 2/3). Exato. Mas num degrau acima estão os que chegam ao topo político para roubar minérios de outros países, facilitar empresas de oligarcas, tudo dentro da lei, e os que usam brechas da lei para demitir os indesejáveis.
Raymundo de Lima (Maringá, PR)

Governo Lula

"Conta da popularidade erodida foi para o colo de Lula" (Elio Gaspari, 1º/3). O problema do governo Lula se chama PT. Todo mundo gosta de Lula e até do Haddad, mas a maioria não gosta do PT. O partido não evoluiu e mais atrapalha do que ajuda. Por isso a popularidade de Lula caiu.
Mario Donizete Pelissaro (Atibaia, SP)

Articulação política

"Desafio na direita para 2026 é manter unidade sem Bolsonaro na urna" (Política, 1º/3). A vantagem que a direita tem em relação a esquerda é que existem opções e assim que for feito o direcionamento em torno de um nome, ou até dois, não tem para ninguém. A esquerda não construiu lideranças e ficou somente com Lula, que pensa que é imortal.
Domis Vieira Lopes (Campinas, SP)

*

Bolsonaro, por seus próprios erros e características, não tem chance. Mas o Brasil precisa de um governo mais enxuto e realizador, cortando mordomias e acelerando nossa produtividade e eficácia em todas as áreas.
Carlos Cunha (São Paulo, SP)

Conflito no Oriente Médio

"Israel suspende entrada de ajuda humanitária em Gaza para pressionar Hamas" (Mundo, 2/3). Soltem os reféns e entra a ajuda. Não é complicado.
David Rosenberg (São Paulo, SP)

*

Impedir ajuda humanitária e retomar a estratégia de matar o povo de fome é crime de guerra, foi isso que motivou o mandado de prisão do primeiro-ministro de Israel e seu general pelo Tribunal Penal Internacional em novembro do ano passado.
Marina Gutierrez (Sertãozinho, SP)

*

O fato é que Israel ainda não cumpriu totalmente sua parte na primeira fase do acordo, pois se recusa a retirar as tropas da fronteira com o Egito, condição necessária para passar à segunda fase
Luiz Leal (Florianópolis, SC)

FOLHA DE S.PAULO UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

EDIÇÃO DIGITAL ILIMITADA R$ 29,90 (plano mensal)
EDIÇÃO DIGITAL PREMIUM R$ 49,90 (plano mensal)

EDIÇÃO IMPRESSA	VENDA AVULSA seg. a sáb.	dom.	ASSINATURA MENSAL* Todos os dias
SP	R$ 7,90	R$ 9,90	R$ 204,90
MG, PR e RJ	R$ 7,90	R$ 9,90	R$ 209,90
DF e SC	R$ 8,90	R$ 11	R$ 266,90
ES, GO, MT, MS e RS	R$ 9,90	R$ 12	R$ 334,90
AL, BA, PE, SE e TO	R$ 14,90	R$ 15,50	R$ 361,90
Outros estados	R$ 15,90	R$ 16,50	R$ 448,90

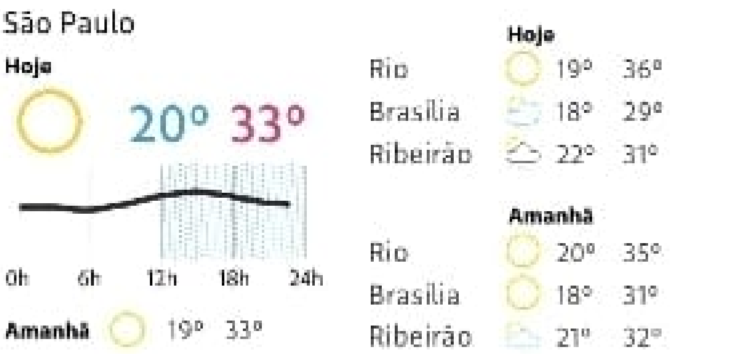
* Com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

REDAÇÃO SÃO PAULO
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222

OMBUDSMAN
ombudsman@grupofolha.com.br
0800-015-9000 (das 14h às 18h)

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
(11) 3224-3090 | 0800-775-8080

ATMOSFERA



Fonte: www.climatempo.com.br

ATENDIMENTO PARA VÍTIMAS DE ASSÉDIO



O QUÊ Conforme publicado pela coluna Mônica Bergamo, advogadas da OAB-SP estão atuando em regime de plantão 24 horas neste Carnaval para atender vítimas de assédio, a fim de dar assistência jurídica gratuita para mulheres no feriado. O atendimento se restringe a cidade de São Paulo.

COMO SER ATENDIDA A OAB-SP pede que a vítima de assédio preencha um formulário e indique como prefere ser contatada (por WhatsApp ou via ligação telefônica). Para acessar o formulário e se cadastrar, aponte a câmera do seu celular para o QR code acima.

CARNAVAL DO RJ

O QUÊ A Polícia Militar do Rio de Janeiro lançou uma iniciativa para facilitar a localização de pessoas perdidas no Carnaval, especialmente menores de idade.

COMO FUNCIONA É preciso baixar o aplicativo 190RJ. No app, pais e responsáveis poderão cadastrar os dados dos filhos, por exemplo, com nome e foto, habilitando buscas usando reconhecimento facial.

MONITORAMENTO Caso o menor de idade se perca, as câmeras espalhadas pela cidade do Rio poderão identificá-lo e alertar a polícia.

Segundo a PM, a novidade não invalida a pulseirinha convencional colocada nas crianças com o nome e telefone de contato dos responsáveis.

BUSCA BLOCOS



Ferramenta da **Folha** informa data, horário e local dos blocos do Carnaval de São Paulo e do Rio. Acesse folha.com/buscabloco ou aponte a câmera do seu celular para o QR code ao lado.

ACERVO FOLHA

Leia mais em acervo.folha.com.br

HÁ 100 ANOS | 4.MAR.1925



Folha da Noite

Alfandega de Santos

PELA POLITICA

DIVERSÕES

Pianista brasileira de 15 anos encanta Leipzig, na Alemanha

A jovem pianista brasileira Ophelia Nascimento, 15, fez sucesso ao se apresentar no conservatório da cidade de Leipzig, que é um importante centro artístico da Alemanha. Conforme as informações recebidas pela Folha da Noite, ela fez vibrar de entusiasmo a plateia com a peça o "Prelúdio, coral e fuga", de César Franck.

PAINEL

Fábio Zanini
painel@grupofolha.com.br

Fervura

Aliados de Lula (PT) dizem que o evento do qual o presidente participará com o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) num acampamento em Minas Gerais nesta sexta-feira (7) poderá servir como termômetro da permanência do ministro Paulo Teixeira (Desenvolvimento Agrário) na pasta. Ele é citado na bolsa de apostas das mudanças ministeriais em meio a cobranças por reforma agrária. Além disso, foi criticado no governo por não ter tomado medidas para amenizar a crise dos alimentos.

VEM AÍ Cinco interlocutores de Lula afirmam, sob reserva, que a situação de Teixeira é delicada e é preciso que ele apresente propostas concretas para tentar reverter esse cenário. No evento de sexta, o ministro deve anunciar o assentamento de 12 mil famílias, além de crédito de instalação para assentados no valor de R$ 1,5 bilhão, segundo integrantes da pasta.

MAIS QUE AMIGOS,... A presidente do PT, Gleisi Hoffmann (PR), ligou para o líder do MDB na Câmara, Isnaldo Bulhões Jr. (AL), antes de ser anunciada como nova ministra da SRI (Secretaria de Relações Institucionais). Nos bastidores, a cúpula da Câmara trabalhava para que o deputado ocupasse o posto.

...FRIENDS Aliados de Isnaldo dizem que, na ligação, Gleisi elogiou o papel do emedebista na Câmara. Procurado, o parlamentar diz ter muita confiança na deputada e afirma que ela poderá contar com a sua ajuda no dia a dia na Casa.

TEM VOLTA Líder do PT na Câmara, o deputado federal Lindbergh Farias (RJ) promete apresentar dois requerimentos de informação contra a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro (PL) a cada pedido do tipo feito pela oposição contra Rosângela da Silva, a Janja, esposa do presidente Lula. Só em 2025, Janja já foi alvo de 13 requerimentos de informação protocolados na Câmara por aliados do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL).

MAIS PRESSÃO

O "pensamento ideológico" do Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais) impede que o órgão autorize as pesquisas para exploração de petróleo na Margem Equatorial, afirma o deputado Pedro Lucas Fernandes (União-MA). "Eu acho que ter uma pessoa que responda ideologicamente lá dentro é muito ruim para o governo", afirmou o parlamentar.

PRIMEIRO PASSO Indicado para ser o novo ministro da Saúde, Alexandre Padilha discutiu em reunião neste domingo (2) um projeto de cooperação do governo federal com o Novo Banco de Desenvolvimento (NDB), o banco do Brics, para a criação de um hospital inteligente e digital em São Paulo.

CONTA NÃO FECHA Substituída pela bolsonarista Silvia Waiãpi (PL-AP) na comissão de conciliação no STF (Supremo Tribunal Federal) que debate o marco temporal, a deputada federal Célia Xakriabá (PSOL-MG) diz que só um lado está ganhando na discussão. "Não tem conciliação, porque quando você fala em conciliação, você está tentando, pelo menos, chegar no meio-termo entre os dois lados", critica.

OLHA SÓ Um gibi para crianças e um jogo de memórias sobre a Revolução de 1932, patrocinados com uma emenda parlamentar de R$ 300 mil do deputado estadual Guto Zacharias (União Brasil), trouxeram como personagens ele próprio e três colegas do MBL (Movimento Brasil Livre): o deputado federal Kim Kataguiri (União-SP), a vereadora Amanda Vettorazzo (União) e o ex-deputado Arthur do Val.

FOI SURPRESA Em nota, o MBL diz que a decisão pela escolha dos personagens foi tomada pela diretoria da Sociedade de Veteranos de 32 – MMDC como uma homenagem e que o movimento não tinha conhecimento do teor da história em quadrinhos.

Com Danielle Brant, Carlos Petrocilo e Victoria Azevedo

Supremo decidiu em linha com governo Lula em 9 de cada 10 ações constitucionais

Levantamento da Advocacia-Geral da União mostra aderência de decisões a posicionamentos do órgão federal em 2023 e 2024

Arthur Guimarães de Oliveira



O presidente do STF, Luís Roberto Barroso, conversa com o presidente Lula durante a abertura do ano judicial em Brasília Lucio Tavora - 3.fev.2025/Xinhua

SÃO PAULO Desde o início deste mandato, o governo do presidente Lula (PT) registrou decisões em linha com as suas posições e obteve uma sucessão de vitórias no STF (Supremo Tribunal Federal) por meio da AGU (Advocacia-Geral da União).

Das 111 ações constitucionais com origem no Supremo nas quais a AGU se manifestou e que foram julgadas em 2023 e 2024, 99 tiveram resultados aderentes ao posicionamento da instituição, o que corresponde a 89% do total.

Nesse tipo de ação, em tese não se discute um interesse individual como em um processo judicial comum. O STF verifica se o objeto em debate é constitucional ou não "em abstrato", independentemente do caso concreto.

Sob outra ótica, a taxa de sucesso judicial da AGU nos processos em que ela atuou efetivamente como parte defendendo os interesses da União alcançou 74% em um universo de 5.888 decisões no acumulado do período. Em 2024, a razão foi de 76%. No ano anterior, de 72%.

À **Folha** o advogado-geral da União, Jorge Messias, afirmou que o resultado da atuação no Supremo ao longo de 2024 demonstra o trabalho do órgão na defesa do patrimônio da União e do Estado democrático de Direito.

"Estamos no caminho certo e nos preparamos para obtenção de resultados ainda melhores em 2025", disse Messias, que tem entre as atribuições a representação da União no STF e o assessoramento direto e pessoal do presidente.

Questionada, a AGU não enviou dados relativos ao período de Jair Bolsonaro (2019-2022).

Segundo especialistas, para além dos números registrados em cada período, vitórias da gestão petista contrastam com o padrão observado sob Bolsonaro.

O governo Lula contabiliza êxitos em processos relacionados à restrição de acesso a armas de fogo, à PEC dos Precatórios, à desoneração da folha de pagamento e à abertura de crédito extraordinário para combate a queimadas.

O ex-presidente, por outro lado, enfrentou derrotas quando estava no poder, na disputa com os estados em torno do isolamento social, na tentativa de flexibilização do acesso a armas de fogo e até na nomeação de Alexandre Ramagem para a Polícia Federal.

Antes de Jorge Messias, que está no cargo de advogado-geral da União desde o início deste governo, em 2023, ocuparam o posto, sob Bolsonaro, Bruno Bianco, José Levi e André Mendonça, este hoje ministro do STF.

Gabriela Zancaner, professora de direito constitucional da PUC-SP, considera que a diferença entre os governos não deriva tanto da atuação da AGU, mas da composição da corte e, principalmente, da própria falta de compatibilidade das políticas evocadas pelo ex-presidente com as leis do país.

Zancaner vê um tribunal mais alinhado a Lula que a Bolsonaro, composto inclusive por uma maioria de ministros indicados nas gestões petistas. Mas, segundo ela, "não é uma questão de eu chuto, e você marca o gol", e sim uma "questão de competência do Supremo e do caminho que esse governo tem seguido".

"Estávamos um pouco fora da normalidade, com determinadas atitudes do governo passado, próprias e até pessoais do ex-presidente, que foram autoritárias e contrárias ao texto constitucional," afirma a professora. "Lula, parafraseando Bolsonaro, age muito mais dentro das quatro linhas da Constituição".

O professor de direito constitucional do IDP André Rufino, coordenador grupo Observatório Constitucional, vinculado à mesma instituição, afirma que, pelo menos nos últimos dois anos, o Supremo e os órgãos que atuam perante a corte trabalham em um ambiente de "maior tranquilidade institucional".

O diálogo era um dos problemas do governo Bolsonaro, de acordo com o pesquisador, e o foi em especial de 2020 a 2022, durante a pandemia e antes das eleições presidenciais. "Quando não há essa conversa, isso traz resultados negativos aos processos, aos julgamentos, a tudo."

Segundo Rufino, a própria atuação da AGU no governo anterior se dava mais pela via do processo, em uma lógica mais combativa de ganha-perde, enquanto a gestão atual tem visado a uma construção dialógica de soluções —pela via da conciliação.

Por sua vez, Álvaro Palma de Jorge, professor de direito constitucional da FGV Direito Rio, diz não ver um Supremo mais inclinado a nenhum governo. Aponta também a dificuldade de se separar as vitórias de cada gestão por as questões serem muitas vezes circunstanciais.

Ele diz que Bolsonaro pode ter tido mais ações contestadas por desrespeitar a Constituição e adotar medidas erradas na pandemia. No entanto, ressalta que Lula não enfrentou uma crise como aquela, por isso não seria possível prever o que ele faria.

"A percepção", afirma Palma de Jorge, "de que o Supremo tomou mais decisões [contrárias] ao governo Bolsonaro tem muito mais a ver com o quanto o governo agiu em questões que são constitucionalmente sensíveis ou não".

STF marca 11 a 0 e confirma decisão que liberou emendas

O STF (Supremo Tribunal Federal) confirmou nesta segunda (3), por unanimidade, a decisão do ministro Flávio Dino que homologou o plano de trabalho apresentado pelo Congresso para dar mais transparência às emendas parlamentares. Dino deu aval à proposta do Legislativo na última quarta (26) e submeteu a decisão para análise do plenário da corte, em votação virtual. O placar foi de 11 a 0 pela confirmação. Ainda que tenha liberado a execução das emendas de 2025 e de exercícios anteriores, Dino manteve ressalvas impostas anteriormente, como as suspensões referentes às ONGs e entidades do terceiro setor.

Eufrázio

INFORME PUBLICITÁRIO

StandWithUs BRASIL®
A educação é o caminho para a paz.

PARABENIZAMOS O CINEMA BRASILEIRO E RELEMBRAMOS:

ELES AINDA ESTÃO LÁ

REFÉNS MANTIDOS NA FAIXA DE GAZA DESDE 07 DE OUTUBRO DE 2023.



Eufrázio

PT domina núcleo palaciano de Lula, mas até PL teve seu feudo sob petista

Compõem ainda divisão da Esplanada dos Ministérios hoje no terceiro mandato do presidente MDB, PSD, União Brasil, PP, Republicanos, PDT, PSB, PC do B, PSOL e Rede

Ranier Bragon

BRASÍLIA A escolha de Gleisi Hoffmann para ser a nova articuladora política segue um histórico de manutenção do PT no núcleo do governo, comandando postos-chave. Mas a evolução dos feudos partidários nas três gestões de Lula (2003-2006, 2007-2010 e 2023 em diante) mostra que vários deles, até o hoje oposicionista PL, têm ou já tiveram seus espaços.

Em uma escalada ascendente, hoje os ministros de outras legendas e sem vinculação partidária somam mais da metade dos filiados ao PT, em um placar de 26 a 11.

Por ora, a reforma ministerial de Lula tem se concentrado em trocas "caseiras", em peças do próprio PT ou ligadas ao partido.

Paulo Pimenta (Secretaria de Comunicação), do PT, cedeu a vaga ao marqueteiro Sidônio Palmeira em janeiro. Nísia Trindade (Saúde), sem filiação, mas ligada ao partido, foi trocada por Alexandre Padilha (PT), até então o responsável pela articulação política. Na sua vaga, entra agora a presidente do PT.

Em seu primeiro mandato, Lula iniciou o governo só com o PT e partidos de esquerda, além de alguns ministros e figuras importantes sem vinculação partidária, entre eles o banqueiro e ex-tucano Henrique Meirelles no Banco Central (o BC à época não tinha status de ministério).

Só no início do segundo ano, em 2004, foi que Lula fez uma primeira reforma em seu ministério para ingresso de um partido que seguiria até Dilma Rousseff (2011-2016), além de estar aliado atualmente, o PMDB (hoje MDB).

Apesar da relação muitas vezes conturbada, o MDB foi nos dois primeiros governos Lula o aliado preferencial, só havendo um rompimento completo no período do impeachment de Dilma, que foi liderado por duas figuras centrais do partido, o então presidente da Câmara, Eduardo Cunha, e o então vice-presidente, Michel Temer.

A aliança se explica pelo fato de o MDB ter sido a sigla de oposição ao regime militar e de, no início da gestão Lula 1, ser uma das maiores do Congresso. As outras duas potências da época, PSDB e PFL, eram arquirrivais do PT.

A evolução do feudo do MDB nas gestões Lula, porém, foi pontuada por algumas crises.

A aliança com o PT chegou a ser negociada ainda na transição de 2002, por José Dirceu (PT), que viria a ser o todo-poderoso ministro da Casa Civil.

Por divergências internas nas duas siglas, Lula acabou desautorizando a aliança. Só em 2004 o MDB ingressou no governo, mesmo assim de forma tímida, com dois ministérios mas periféricos: Previdência, com o senador Amir Lando, e Comunicações, com o deputado federal Eunício Oliveira.

A primeira encorpada do MDB nas gestões Lula ocorreu em meados de 2005, no auge do mensalão, escândalo que abalou o governo na época e chegou a levar aliados a sugerir a Lula que abandonasse a ideia de tentar a reeleição.

Na ocasião, o MDB trocou Previdência pelos bem mais robustos Saúde (com o deputado federal Saraiva Felipe) e Minas e Energia, com Silas Rondeau. Comunicações permaneceu na cota do partido, mas o senador Helio Costa assumiu o lugar de Eunício.

Com Lula superando a crise e sendo reeleito em 2006, na sua segunda gestão o MDB assumiu um maior protagonismo. O partido de Temer pulou de terceira maior bancada eleita na Câmara em 2002 para a primeira bancada, em 2006, com 89 das 513 cadeiras.

Com isso, o partido manteve Saúde, Comunicações e Minas e Energia e incluiu em seu naco Integração Nacional e Agricultura. Em 2007 acrescentaria Defesa ao leque.

A alta popularidade de Lula em seu segundo mandato e a ausência de solavancos maiores consolidaram a aliança a ponto de Temer ser alçado à vice na chapa de Dilma, que venceria as disputas de 2010 e 2014.

Após o rompimento durante o impeachment e os governos Temer e Jair Bolsonaro, o MDB voltou a ser parceiro de Lula, em seu terceiro mandato.

Dessa vez, porém, divide o protagonismo com outras duas legendas de centro e de direita, União Brasil e PSD. Republicanos e PP completam a ala de centro-direita da gestão, controlando 11 ministérios.

Dos grandes partidos de direita, só o PL de Bolsonaro não compõe, naturalmente, o governo Lula. Mas a sigla esteve nos dois primeiros mandatos, bem antes de Bolsonaro se filiar a ela.

Em Lula 1 e 2 e durante Dilma, o PL comandou a área de transportes. A sigla foi alvo da chamada "faxina ética" da petista em 2011, com a demissão de Alfredo Nascimento da pasta, mas continuou dando as cartas. Hoje, o ministério dos Transportes está com o MDB (Renan Filho).

A ampliação da atual coalizão se explica, fundamentalmente, pelo fato de o PT e a esquerda serem minoritários no Congresso (controlam apenas cerca de um quarto das cadeiras), além de Lula e o partido estarem desde ao menos 2015 sob artilharia cruzada do que viria a se tornar a nova direita, ora reunida em torno de Bolsonaro.

Apesar do avanço de outras legendas, Lula mantém o PT no comando de postos chave como Fazenda, Casa Civil, Educação, articulação política e, agora, Saúde.

Já o histórico dos partidos menores de esquerda, PSB, PDT, PC do B, PV e Rede estiveram ou estão nos governos Lula, mas quase sempre ocupando ministérios considerados periféricos. O PSOL, que foi criado por dissidentes do PT, aderiu só em Lula 3 e comanda o ministério dos Povos Indígenas, com Sônia Guajajara.

Feudos partidários nos ministérios dos governos Lula

PT (principais)	Lula 1	Lula 2	Lula 3
Fazenda	PT	PT	PT
Casa Civil	PT	PT	PT
Relações Institucionais	PC do B, depois PT	PTB (hoje PRD) e PT	PT
Educação	PT	PT	PT
Saúde	PT, depois MDB	MDB	Sem partido e PT
Desenvolvimento social	PT	PT	PT
Partidos de centro-esquerda e esquerda			
Previdência	PT, MDB, depois PT	PT	PDT
Ciência e Tecnologia	PSB	PSB	PC do B
Meio Ambiente	PT	PT	Rede
Desenvolvimento, Indústria e Comércio	Sem partido	Sem partido	PSB
Empreendedorismo, da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte	Não existia	Não existia	PSB
Povos Indígenas	Não existia	Não existia	PSOL
Partidos de centro-direita e direita			
Planejamento	PT	PT	MDB
Cidades	PT, depois PP	PP	MDB
Transportes	PL	PL	MDB
Minas e Energia	PT, depois MDB	MDB	PSD
Pesca	Não era ministério	PT	PSD
Agricultura	Sem partido	MDB	PSD
Comunicações	PDT, depois MDB	MDB	União Brasil
Turismo	PTB	PT	União Brasil
Integração Nacional	Cidadania e PSB	MDB	União Brasil
Esportes	PC do B	PC do B	Sem partido e PP
Portos e Aeroportos	Não era ministério	PSB	Republicanos

Eufrázio



lia & léo

Vamos combinar: nem todo casal chega na segunda com tanta disposição.

Flávia Alessandra e Otaviano Costa estão de volta na segunda temporada de "Lia & Leo", agora com episódios mais longos sobre o casal que trata com muito bom humor as situações do dia a dia, de problemas com dinheiro a crises de ciúmes.

Assista toda terça-feira, às 22h no Canal UOL e no YouTube de Splash.





Eufrázio

Direita, celebre 'Ainda Estou Aqui'!

Primeiro Oscar brasileiro produziu catarse, mas nem todo mundo entrou na festa

Joel Pinheiro da Fonseca

Economista, mestre em filosofia pela USP.

O primeiro Oscar para um filme brasileiro produziu a catarse nacional. Infelizmente, nem todo mundo entrou na festa. Muita gente da direita brasileira não celebrou. Se falam do filme, é para fazer alguma ironia ou crítica da política atual. Por quê?

O teor de muitas dessas manifestações é o de comparar a ditadura militar à suposta ditadura atual: a do Supremo. É um paralelo fraco, por mais que os inquéritos do Supremo possam e devam ser criticados. Não há semelhança entre as pessoas presas por tentarem um golpe de Estado que derrubaria a democracia —com penas, sim, excessivamente longas— com a prisão, tortura e assassinato de pessoas que lutavam pela democracia. Os golpistas de hoje têm julgamentos públicos e são defendidos por advogados, além de podermos falar livremente deles na imprensa e nas redes. Os democratas dos anos 1970 eram censurados, torturados e mortos.

E mesmo aceitando o paralelo, o repúdio ao filme não faz sentido. Se o que vivemos é digno de protesto, então a ditadura militar —que foi muito além do que vivemos hoje— o é ainda mais. Celebremos, portanto, "Ainda Estou Aqui"!

O real motivo para tanta gente torcer o nariz para Walter Salles e Fernanda Torres —e que também é o motivo de defenderem com unhas e dentes os golpistas de 2022 e 23— é outro, e seu nome é Bolsonaro.

Bolsonaro fez da sua carreira uma luta pela memória do regime militar. Tinha no gabinete de deputado um cartaz com a frase "quem procura osso é cachorro", sobre os esforços de se investigar os crimes da ditadura. Cuspiu no busto de Rubens Paiva no Congresso. Quando presidente, conspirou e tentou persuadir generais a embarcarem em seu plano de golpe de Estado.

O teor de muitas manifestações da direita é o de comparar a ditadura militar à suposta ditadura atual: a do Supremo. É um paralelo fraco, por mais que os inquéritos do Supremo possam e devam ser criticados

É por causa de Bolsonaro que governadores como Ratinho Jr, Romeu Zema e Tarcísio de Freitas silenciaram sobre o Oscar brasileiro. Outros governadores de direita ou centro-direita —como Ronaldo Caiado e Eduardo Leite— postaram homenagens. Mostram sua independência. Enquanto Bolsonaro for a grande referência da direita, ela não poderá ter a democracia como um valor inequívoco seu.

O próprio Walter Salles, é verdade, esticou a corda da polarização ao redor do filme ao dizer, numa entrevista, que "durante quatro anos, o país virou para a extrema direita e nunca teríamos tido a possibilidade de filmar durante esse período". Não explicou, contudo, qual ato de Bolsonaro inviabilizaria a filmagem.

A história que Salles contou com maestria é muito maior do que a disputa eleitoral brasileira. Os valores que ele traz deveriam ser universais. De um lado, sequestro, tortura e assassinato extrajudiciais, efetuados por agentes não fardados e sem qualquer registro burocrático. Do outro, Eunice Paiva, enfrentando o regime e buscando a verdade, não com luta armada e atentados, mas por meio da educação e do ativismo. Tudo isso, lembremos, em defesa da família. Tem que se esforçar muito para ver problema.

Num mundo em que "tudo é política" —e política partidária—, você não pode nem ir ao cinema impunemente. Há alguns anos atrás, havia quem se recusasse a torcer pela Seleção de Neymar. Arte, talento, orgulho nacional e mesmo valores universais são sacrificados no altar da disputa política. Não sejamos assim. Direita, ouse celebrar o bom e o belo onde ele estiver. Aí, sim, você estará ajudando a civilização.

DOM. Elio Gaspari, Celso Rocha de Barros
SEG. Deborah Bizarria / Camila Rocha TER. Joel Pinheiro da Fonseca
QUA. Elio Gaspari QUI. Conrado H. Mendes
SEX. Marcos Augusto Gonçalves SÁB. Demétrio Magnoli



Vera Paiva recebe homenagem em nome da mãe, Eunice Paiva, na Assembleia Legislativa de São Paulo Rodrigo Costa - 5.abr.2025

Vera Paiva diz seguir pistas sobre corpo de seu pai e critica lentidão de Lula

Primogênita de Eunice e Rubens Paiva afirma que 'não é fácil lidar com as memórias' diante da repercussão do premiado 'Ainda Estou Aqui'

Géssica Brandino

SÃO PAULO Passados 54 anos do desaparecimento de Rubens Paiva, a primogênita Vera Paiva, 72, afirma que a família continua a luta travada pela mãe, Eunice Paiva, pelos mortos e desaparecidos durante a ditadura militar.

A história da família é retratada no filme "Ainda Estou Aqui", baseado no livro de Marcelo Rubens Paiva e premiado na edição do Oscar deste ano.

Professora titular de psicologia na USP, Vera trabalha desde 2014 na Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos, da qual Eunice fez parte, em 1996.

"Ela sempre disse que a violência contra nossa família era uma violência contra o Brasil, porque era o início do momento em que a tática de desaparecimento político começava a ficar clara."

À Folha Vera falou sobre a pressão junto ao governo Lula (PT) para retomar os trabalhos do grupo, extinto pela gestão de Jair Bolsonaro (PL). Ela reforça que a família segue na busca pelo corpo de Rubens Paiva e que o sucesso da produção de Walter Salles foi inesperado e reconfortante.

"Que pelo menos essa história sirva para iluminar o que está acontecendo no mundo", diz.

Eunice teve atuação na à época Comissão de Desaparecidos Políticos, instituída pelo governo de FHC nos anos 1990 e extinta faltando 15 dias do término de governo de Bolsonaro.

Vera critica a demora de Lula para reinstalar o colegiado, algo que só aconteceu após a manifestação das famílias de vítimas.

"A Comissão de Anistia foi logo reinstalada pelo governo Lula. A Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos levou 18 meses para ser reinstalada pelo Lula, só depois de muita pressão, por quê? Porque há movimentos políticos de direita."

Vera afirma que a mãe, em seu trabalho na comissão, estava decidida a apurar a perseguição contra milhares de indígenas pela ditadura, o que não estava sendo considerado pelo grupo. Além disso, cita o sofrimento relatado por Eunice com o trabalho.

"Ela sofria muito com os relatos detalhados da tortura e isso ela nos disse várias vezes. Ficava horrorizada porque ela ia viver aquilo e ficar imaginando o que teria acontecido com o meu pai", diz.

Para Vera, a tarefa da comissão, de verificar quem foi assassinado e torturado, encontrar os restos mortais e dar um enterro digno, é das mais duras. "Por isso ela não aguentou."

Reportagem do jornal O Globo, em março de 1996, mostrava que Eunice citou estresse por causa de recordações dolorosas e pediu afastamento do grupo.

A saída da família Paiva do RJ veio após a promessa do então ministro da Justiça, Alfredo Buzaid, feita ao pai de Rubens Paiva, de que ele seria solto depois disso. Vera conta que a família sabia do monitoramento feito pela ditadura. "A gente pegava o telefone, você ouvia o barulho [de interceptação]. Claro que minha mãe não tinha medo. O que mais que a ditadura podia fazer?", diz.

Vera conta que Eunice esteve com ela e com as irmãs, Ana Lucia e Eliana, no Dops (Departamento de Ordem Política e Social), por causa da atuação delas no movimento estudantil. Apesar disso, ela nunca as impediu. "Ela só dizia: 'por favor, não me façam passar de novo por essa situação'."

Vera afirma que, embora Eunice tenha recebido em julho de 1971 o relato sobre a morte de Rubens, ela relatou que só assumiu a morte do marido ao receber, em 1996, a certidão de óbito.

"A gente evitava de falar no assunto também, para ela não sofrer mais. Era um pacto de silêncio para que a gente tocasse a vida que a gente tinha pela frente."

Para Vera, o reconhecimento da morte do pai veio dez anos depois e não quando a família deixou o Rio de Janeiro. "Eu me sentiria cúmplice do assassinato. Como assim se a gente não tem o corpo? Como assim eu estou enterrando meu pai?", diz.

Sobre o corpo, Vera diz que a família está atenta às notícias sobre restos mortais encontrados na Usina Cambahyba, no Rio de Janeiro. Os fornos do local teriam sido usados pela ditadura para incinerar as vítimas. "Talvez esteja lá, não sabemos. O que importa a gente ir atrás de cada pista. Eu, particularmente, estou."

Com o sucesso do filme sobre a família, Vera conta que tem sido difícil reviver o que aconteceu. "Não é fácil lidar com essas memórias. Conforme eu vou contando, vou me emocionando cada vez. São coisas que a gente guarda numa caixinha."

Apesar disso, ela diz esperar que o filme ajude na conscientização sobre o que são os movimentos neonazistas e fascistas que querem reconstituir ditaduras do mundo, no que critica o governo de Donald Trump por naturalizar as milhares de mortes de palestinos no conflito com Israel.

Vera pede ainda mais tolerância entre pessoas de posições políticas e religiosas diferentes e diz que nenhuma religião defende o que aconteceu com seu pai.

"Nenhuma religião é a favor disso [tortura], muito menos a cristã em nome de Cristo, ele que morreu torturado na cruz. No Alzheimer, minha mãe fazia questão de falar alto na hora do Pai-Nosso, quando a gente ia à missa. Ela rezava com a mão pra cima e no final dizia: meu maridinho também morreu torturado como meu Cristinho."

Eufrázio

Trump dobra sobretaxa contra China e confirma tarifa de 25% para Canadá e México a partir de hoje

Presidente descarta negociações de última hora com os vizinhos e reafirma plano de cobrar alíquotas recíprocas de outros países a partir de 2 de abril; Bolsas despencam e têm o pior dia do ano nos EUA

Julia Chaib

WASHINGTON O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, afirmou que o país cobrará tarifas de 25% sobre todas as importações do Canadá e do México a partir desta terça-feira (4), além de dobrar as sobretaxas aplicadas a produtos chineses para 20%.

"As tarifas, vocês sabem, estão todas definidas. Elas entram em vigor amanhã [terça]." Trump ainda afirmou não haver espaço para negociações de última hora, frustrando expectativas de autoridades canadenses e mexicanas.

O republicano também afirmou que o seu plano de cobrar tarifas recíprocas de outros países entrará em vigor em 2 de abril.

A confirmação foi feita pelo republicano durante entrevista na Casa Branca nesta segunda-feira (3), enquanto anunciava um acordo com Taiwan para a produção de chips nos EUA.


O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, na Casa Branca Roberto Schmidt/AFP

As declarações do presidente americano tiveram efeito imediato no mercado. O S&P 500 recuou 1,75%, para 5.850,31 pontos, a maior queda deste ano. O Nasdaq Composite perdeu 2,64%, para 18.350,19 pontos. Já o Dow Jones Industrial Average registrou queda de 1,47%, para 43.197,30 pontos. A situação das ações individuais foi ainda pior, com a fabricante de chips Nvidia despencando 8,69% e o grupo de energia ConocoPhillips caindo 6,58%.

No Brasil, não houve pregão, em razão do Carnaval.

As ações de empresas também se desvalorizaram devido à divulgação de dados que indicaram retração na produção industrial americana em fevereiro.

Os comentários de Trump vieram um dia após seu secretário de Comércio, Howard Lutnick, sugerir que a extensão e o momento das tarifas planejadas ainda seriam definidos, descrevendo a situação como "fluida".

A justificativa do presidente para impor as tarifas aos vizinhos é que os países teriam permitido entrada descontrolada de imigrantes e drogas, particularmente o fentanil, para os EUA.

A imposição das tarifas de 25% a Canadá e México foi anunciada em 1º de fevereiro e entraria em vigor no dia 3 do mês passado. Trump, porém, pausou as aplicações das taxas por um mês após negociações com as nações vizinhas, que se comprometeram a reforçar a segurança nas fronteiras. O presidente, no entanto, manteve a promessa de aplicar tarifas de 10% a produtos chineses — que serão dobradas agora para 20%.

O primeiro adiamento e o alarde de economistas de que cobrar a mais pelos bens importados dos países vai repassar aos consumidores a alta em diversos produtos vendidos nos Estados Unidos, de abacates a carros, levantaram dúvidas se o republicano manteria seu plano.

A presidente do México, Claudia Sheinbaum, afirmou nesta segunda, por exemplo, que as reuniões das autoridades mexicanas com as americanas foram "muito boas". A presidente ainda usou dados para atestar que houve uma queda de 49,9% de apreensões de fentanil na fronteira com os EUA de outubro até janeiro. Depois, afirmou que aguardaria a decisão de Trump.

"Nós temos um plano, A, B, C", afirmou Sheinbaum em relação às tarifas. "Qualquer que seja a decisão [de Trump], também tomaremos nossas decisões."

Um conjunto de bens podem ser impactados pela imposição de tarifas. Os EUA importam carros e peças do México e do Canadá. Deste último, recebe também insumos primários, como ferro, alumínio e gás. Já a China exporta uma gama de produtos, entre eles computadores e brinquedos.

Segundo a CNN, em 2022, 90% dos avocados, tipo de abacate consumido nos EUA, foram importados, dos quais 89% vieram do México.

Os únicos bens a serem isentos dos 25% que Trump cobrará do Canadá são o petróleo e produtos energéticos do país, que terão tarifa de 10%. O Canadá é o maior fornecedor estrangeiro de petróleo para os EUA, representando cerca de 60% de suas importações de petróleo bruto.



TSMC anuncia investimento de US$ 100 bi nos EUA

A TSMC (Taiwan Semiconductor Manufacturing Company), maior fabricante de chips do mundo, anunciou um investimento de US$ 100 bilhões (R$ 590 bilhões) em manufatura avançada nos Estados Unidos.

A medida é a mais recente iniciativa das empresas para agradar ao presidente Donald Trump em meio à sua campanha agressiva para impor tarifas aos parceiros comerciais dos EUA.

Na semana passada, a Apple anunciou que gastaria mais de US$ 500 bilhões no país nos próximos quatro anos.

O ministro de Energia e Recursos Naturais do Canadá, Jonathan Wilkinson, afirmou que os americanos vão experimentar alta no preço de energia e gasolina com as novas tarifas. "Veremos preços mais altos de gasolina, preços mais altos de eletricidade da hidreletricidade do Canadá, preços mais altos de aquecimento residencial associados ao gás natural que vem do Canadá e preços mais altos de automóveis", afirmou o ministro em entrevista à CNBC.

Nesta segunda, ao confirmar as tarifas, Trump disse que as taxas só seriam amenizadas caso os países transferissem duas fábricas e manufatura para os EUA.

"Então, o que eles têm que fazer é construir suas fábricas de automóveis, francamente, e outras coisas nos EUA, caso em que não terão tarifas", disse ele.

Quando questionado nesta segunda sobre quais seriam as tarifas máximas que ele aplicaria contra as importações chinesas, ele respondeu: "Não posso dizer, depende do que eles fazem com sua moeda, depende do que fazem em termos de... algum tipo de retaliação econômica".

O republicano acrescentou que não esperava que Pequim "retaliasse muito".

Trump também já ameaçou impor tarifas de 25% sobre aço e alumínio, gerando caos pela indústria dos EUA, com empresas que vão da manufatura até perfuradoras de petróleo e gás enfrentando custos crescentes para os metais.

Os EUA importam mais do que exportam esses bens, e a aplicação das tarifas atingiria em cheio o Brasil, um dos principais fornecedores desses bens.

Muitos executivos correm para encontrar maneiras de mitigar a turbulência política e as consequências da alta de preços, mesmo que as tarifas de 25% para esses produtos só entrem em vigor daqui a cerca de mais um mês.

Com Reuters

Leia mais na pág. A12

Republicano diz considerar acordo de livre-comércio com a Argentina

SÃO PAULO O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, disse nesta segunda-feira (3) que considerará a possibilidade de assinar um acordo de livre-comércio com a Argentina.

Falando a repórteres na Casa Branca, Trump disse achar o presidente argentino Javier Milei um "grande líder".

A afirmação foi uma resposta a uma pergunta de um jornalista do jornal argentino La Nación sobre a gestão de Milei e sobre um possível acordo comercial. Segundo o jornal argentino Clarín, é a primeira vez que Trump afirma estar disposto a negociar um acordo com o país sul-americano.

Países do Mercosul podem negociar acordos comerciais isoladamente, desde que as discussões não incluam a adoção de tarifas distintas das de outro país do bloco.

O Brasil possui um acordo sobre "temas de natureza não tarifária" com o Chile, focado, por exemplo, em outras questões de facilitação de comércio, como regras sanitárias e sobre propriedade intelectual.

Argentina e Uruguai têm defendido uma flexibilização nas regras do Mercosul para permitir que os países-membros possam negociar individualmente acordos tarifários com outros países. O Brasil também já defendeu essa ideia, no governo de Jair Bolsonaro (2019-2022).

Milei tem afirmado que o país pode deixar o Mercosul caso essa seja uma condição para fechar o acordo de livre-comércio com os Estados Unidos. Para o argentino, a tarifa externa comum do bloco tirou competitividade das indústrias locais.

No sábado (1º), em discurso no Congresso, o presidente do país vizinho afirmou que o Mercosul só serviu para enriquecer os industriais brasileiros" à custa do argentinos.



Bitcoin sobe 20% após Trump sugerir reserva

Trump disse que sua ordem executiva de janeiro sobre ativos digitais criaria um estoque de moedas tendo bitcoin e ether como as principais. Os nomes não haviam sido anunciados.

Com Reuters

Eufrázio

mercado

PAINEL S.A.

Julio Wiziack
painelsa@grupofolha.com.br

Apetite chinês

Depois de renegociar com o governo da Bahia o contrato de construção da ponte que ligará Salvador à ilha de Itaparica, a construtora chinesa CCCC (China Communications Construction Company) se prepara para disputar uma das mais aguardadas obras do país: o túnel entre Santos e Guarujá, no litoral paulista. Pessoas que acompanham as negociações em torno da formação dos consórcios que disputarão o contrato em leilão afirmam que a ideia dos chineses é assumir o comando do grupo que hoje é liderado pela portuguesa Mota Engil. A CCCC possui um terço (32%) dessa companhia.

O VR CONTRA... O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, afirmou nesta segunda (3) ao Painel S.A. que o novo PAT (Programa de Alimentação do Trabalhador) permitirá somente a portabilidade do benefício, que passará a ser aceito por todas as maquininhas, independentemente da bandeira dos tíquetes. A declaração desagrada o varejo alimentício, que vinha pleiteando junto ao governo novas medidas para estimular a concorrência entre as tiqueteiras.

...A INFLAÇÃO Com uma gama mais ampla de funcionalidades, o setor considera ser possível reduzir as taxas impostas aos supermercados e restaurantes e, com isso, ajudar a baixar os preços dos alimentos. A reclamação é de que essas taxas são mais elevadas que as do cartão de crédito.

A BATATA... A parceria entre Burger King e Nubank deu o que falar nas redes sociais por conta da campanha promocional que oferta uma batata ou um refil de refrigerante para quem paga com o cartão do "roxinho" a promoção permanente "dois sanduíches a partir de R$ 25,90". "Sabe que uma batata ou refrigerante custa R$ 16 a mais?", disse Igor Puga, diretor de marketing da Zamp, dona da rede de fast food, em entrevista ao Painel S.A.

...FRITOU "O cara que não come fast food com dinheiro contado não é o cara cujo prazer é ir ao Burger King. É o cara que vai comer no Z Deli, no Ráscal. É o cara que o cartão é do BTG e não do Nubank. Aí, p...a, esse cara vai me encher o saco em redes sociais? Quero é que ele se f..a.", disse Puga. Ele afirmou que rastreou os perfis de quem chamou a campanha de "porcaria". "Eram todos de classe social mais alta."

DEMOROU, MAS SAIU
Incluído no Novo PAC, o túnel que liga Santos e Guarujá, no litoral paulista, custará cerca de R$ 6 bilhões. Aguardada há mais de meio século, a obra será rateada entre União e o governo de São Paulo. O leilão para definir a construtora deve ocorrer em agosto. O BNDES ajudará a financiar o projeto, que desafogará o trânsito até o porto.

ELES... O Banco do Brasil passou à liderança nos repasses do BNDES. Em janeiro, o BB movimentou R$ 1,36 bilhão. Em janeiro de 2023, ele ocupava a 17ª posição na lista de intermediários dos empréstimos. A virada reflete orientação de Lula de cooperação entre os bancos e instituições de crédito públicos.

...VOLTARAM Como noticiou a coluna, nos dois últimos anos as operações do BNDES via BB, Caixa, Finep, BNB, Basa, entre outros, totalizaram R$ 20 bilhões. Entre 2018 e 2022, elas foram de R$ 8 bilhões.

NÃO É ASSIM Shein, Alibaba entre outras gigantes representadas pela Amobitec reagiram à entrevista de Edmundo Lima à coluna. Ele é presidente da Abvtex, associação do varejo têxtil, e afirmou que o aumento de imposto de importação e de ICMS nos estados para plataformas digitais fez o varejo como um todo crescer, mas não deu conta de conter o corte de empregos. "É preciso um estudo isento [sobre isso]", disse o presidente da Amobitec, André Porto. Além disso, o varejo tradicional também se vale de marketplaces para vender no país e no exterior.

com Stéfanie Rigamonti



Visitantes do Museu Militar, em Pequim, assistem a vídeo com o dirigente da China, Xi Jinping Pedro Pardo - 2.fev.25/AFP

China se prepara para retaliar EUA com tarifas sobre produtos agrícolas

Pequim diz estar 'extremamente insatisfeita' com anúncio de sobretaxa extra de Trump; Bolsas asiáticas iniciam terça-feira em baixa

Nelson de Sá

PEQUIM O Ministério do Comércio da China informou, em comunicado divulgado na manhã desta terça (4) em Pequim, que o governo está "extremamente insatisfeito" com a confirmação das tarifas adicionais de 10% anunciadas por Donald Trump nesta segunda-feira (3) e que vai retaliar a medida.

Na segunda, antes de o republicano confirmar a sobretaxa extra, o jornal Global Times, de Pequim, noticiara que a China estava "estudando e formulando contramedidas relevantes".

Segundo fonte não nomeada pelo veículo, que é ligado ao Partido Comunista da China, as medidas incluem tanto tarifas como uma série de medidas não tarifárias de impacto. Produtos agrícolas e alimentícios americanos estarão na lista, provavelmente, publicou o jornal.

A autoridade chinesa que adiantou a informação afirma que, se os EUA formalizassem as tarifas unilaterais prometidas pelo presidente Donald Trump —o que acabou ocorrendo—, a China irá retaliar, com certeza, de acordo com o Global Times.

As Bolsas asiáticas iniciaram esta terça em baixa em respostas ao anúncio das sobretaxas extras de Trump. O índice Hang Seng, da Bolsa de Hong Kong, caía 1,5% por volta das 10h30 (23h30 de segunda pelo horário de Brasília). A Bolsa de Xangai recuava 0,10%, e o índice Nikkei, de Tóquio, tinha desvalorização de 1,9%.

Maior concorrente dos EUA na exportação de commodities agrícolas como soja, milho e algodão para a China, o Brasil pode ser beneficiado caso a ameaça chinesa seja confirmada.

Desde a eleição de Trump, em novembro, o agronegócio brasileiro se prepara para ganhar ou perder espaço na China, com as tarifas propostas pelo presidente americano desde a campanha e com a eventual negociação que faça com Pequim para retirá-las.

"Quanto mais [Trump] exagerar na dose, mais oportunidades vejo para o Brasil", disse o ministro da Agricultura e Pecuária, Carlos Fávaro. "Os EUA competem na área agrícola conosco, [Trump] pode fazer uma negociação e impor produtos agrícolas para a China", disse a senadora Tereza Cristina, ex-ministra da pasta.

Em janeiro, logo após sua posse e um telefonema com o líder chinês, Xi Jinping, o americano chegou a responder, ao ser questionado pelo canal Fox News se faria um acordo comercial com a China: "Eu posso fazer isso".

Pequim também mostrou disposição para negociar o acordo, com o Ministério do Exterior dizendo que "os dois países têm enormes interesses comuns".

Pequim anuncia a suspensão da compra de carne bovina de três frigoríficos do Brasil

SÃO PAULO A Administração-Geral de Aduanas da China determinou a suspensão temporária das importações de três estabelecimentos exportadores de carne bovina do Brasil. A medida também atinge dois frigoríficos da Argentina, um do Uruguai e um da Mongólia.

A informação é da Abiec (Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes). Segundo a entidade, a suspensão foi determinada após a realização de auditorias remotas que identificaram "não conformidades em relação aos requisitos chineses para o registro de estabelecimentos estrangeiros".

A Abiec disse que a suspensão segue a regulamentação prevista para esses casos e que "as empresas já foram notificadas e estão adotando medidas corretivas para atender às exigências da autoridade sanitária chinesa".

No Brasil, a decisão afeta uma unidade da JBS, outra da Frisa Frigorífico Rio Doce e uma da Bon-Mart Frigorífico, segundo a Reuters, que cita uma investigação sobre o aumento das importações de carne bovina aberta no fim de 2024 pelo país asiático, o que elevou o risco de medidas comerciais por parte de Pequim.

A Abiec também diz que, em parceria com o Mapa (Ministério da Agricultura e Pecuária), segue em diálogo com as autoridades competentes para garantir a rápida resolução da questão.

"Os demais estabelecimentos habilitados seguem operando normalmente, assegurando o fluxo das exportações de carne bovina brasileira ao mercado chinês", diz a associação.

colunistas da semana

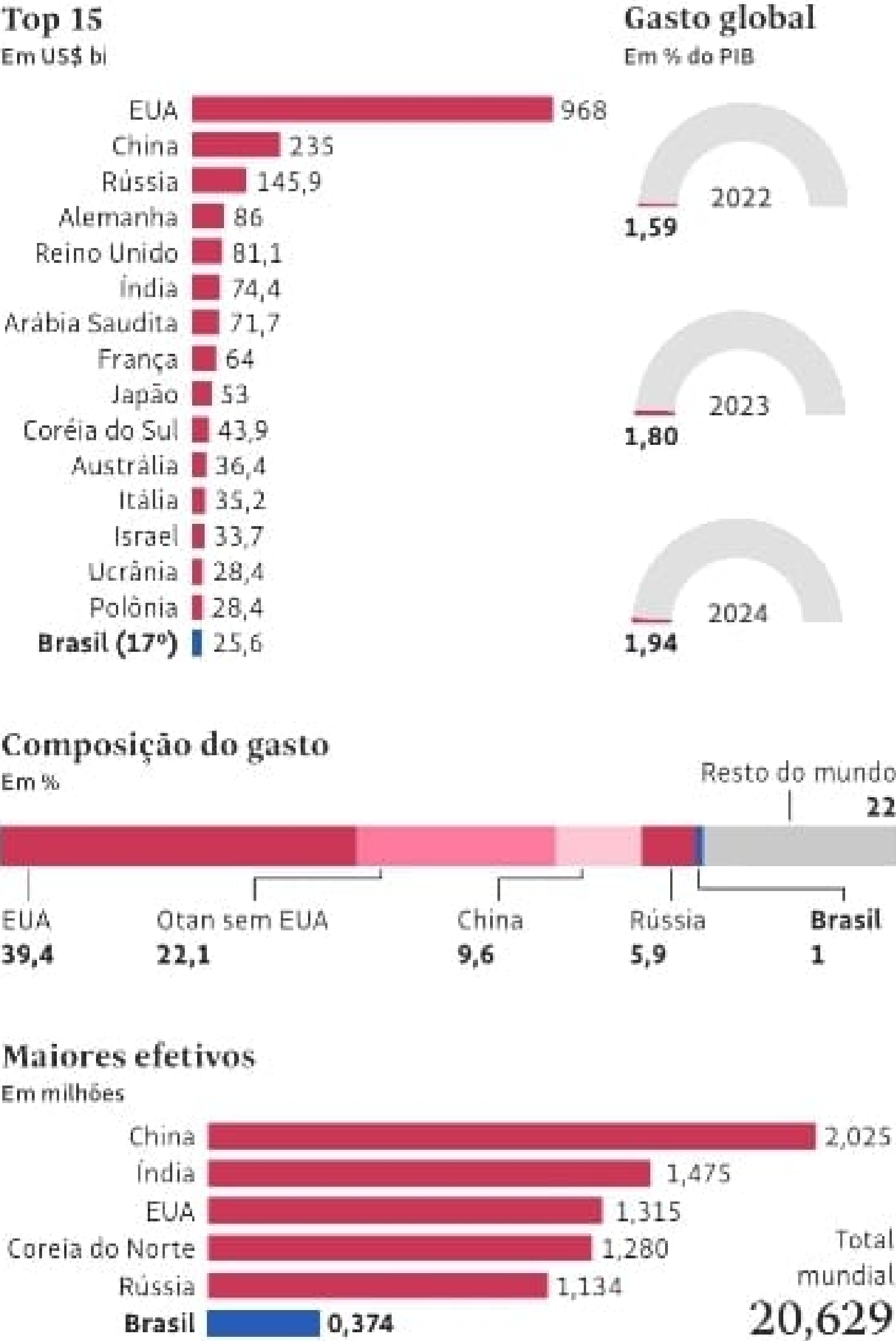
DOM. Samuel Pessôa, Vinicius Torres Freire, Ana Paula Vescovi / Marcos Lisboa / Candido Bracher **SEG.** Marcos de Vasconcellos, Ronaldo Lemos, Eduardo Cucolo, Michael Viriato **TER.** Michael França / Cecilia Machado, Mauro Zafalon **QUA.** Bernardo Guimarães / Lorena Hakak, Vinicius Torres Freire, Jerson Kelman **QUI.** Cida Bento / Solange Srour, Vinicius Torres Freire, Rômulo Saraiva **SEX.** Bráulio Borges, Vinicius Torres Freire **SAB.** Marcos Mendes / Rodrigo Zeidan, Laura Müller Machado

Ações de fabricantes de armas da Europa disparam com a crise entre Trump e Zelenski

Papéis do setor de defesa têm ganhos recordes após ameaça do presidente dos EUA de abandonar Kiev e o continente

Igor Gielow

Gasto militar global em 2024



Fonte: IISS

SÃO PAULO A decisão europeia de elevar os gastos militares levou a uma segunda-feira de euforia nos mercados do continente, com ações de empresas do setor de defesa puxando altas históricas.

O referencial FTSE 100, da Bolsa de Londres, atingiu o maior índice desde que foi criado, em 1984, com quase 9.000 pontos nesta segunda (3). A BAE Systems, fabricante de diversos armamentos, viu suas ações subirem 14,3%.

Ela é a sexta maior empresa de defesa do mundo e a primeira não americana no ranking do Sipri (Instituto para Estudos da Paz de Estocolmo, na sigla em inglês), com uma receita anual de US$ 30 bilhões (R$ 176 bilhões). O setor militar acumula alta de 36% no ano na Bolsa londrina.

A tendência foi registrada em todo o continente. A Rheinmetall, maior da área na Alemanha, viu suas ações subirem 15%. A carro-chefe italiana Leonardo marcou 17,3%. Já as da Thales francesa subiram 16,7%, as da sueca Saab chegaram a 11,6% de elevação, e as da norueguesa Kongsberg, a 14,4%.

O índice Stoxx Europe Aeroespace anda Defence, que mede variações em 600 firmas em diversos mercados europeus, aferiu os maiores ganhos em um dia desde 2020, com 8% de alta, acumulando mais de 30% no ano até aqui.

Tudo isso é cortesia da nova realidade geopolítica trazida pela volta de Donald Trump à Casa Branca, em particular a feroz altercação entre o presidente e o colega Volodimir Zelenski, que chocou o mundo na sexta (28).

O republicano alinhou-se a Vladimir Putin na sua percepção dos motivos que levaram Moscou a invadir a Ucrânia em 2022 e, pior para Kiev, abriu negociações de paz bilaterais sem incluir os agredidos ou os europeus.

O resultado foi desastroso, com Trump e seu vice, J.D. Vance, batendo boca e humilhando Zelenski ao vivo. O ucraniano acabou deixando a Casa Branca sem acordo nenhum.

Restou a Europa, que está atordoada com a agressividade de Trump, que de todo modo nunca tratara bem o continente em seu primeiro mandato (2017-2021). O republicano tem desdém histórico pela Otan, a aliança militar criada pelos EUA com seus aliados europeus em 1949 para barrar a expansão soviética na região.

O clube chegou a ter a "morte cerebral" decretada pelo presidente da França, Emmanuel Macron. A chegada de Joe Biden à Casa Branca em 2021 reativou os laços transatlânticos, mas foi a guerra de Putin que renovou o senso de missão do clube.

Em todo o continente, países começaram a elevar seus gastos militares, acelerando uma tendência que já vinha surgindo desde que Putin anexou a Crimeia, em 2014. De lá para cá, segundo o Instituto Internacional de Estudos Estratégicos (Londres), os aliados dos EUA na Otan dobraram sua despesa bélica.

Há dez anos, apenas 3 dos então 28 membros da Otan gastavam acima dos 2% do PIB previstos como meta pela organização. Agora, são 24 de 32. Ainda assim, o valor global do continente é ainda inferior ao total que a Rússia gasta, levando em consideração o critério de paridade de poder de compra —pouco mais de US$ 400 bilhões (R$ 2,3 trilhões).

De volta ao poder, Trump retomou a pressão para mais gasto europeu, exigindo 5% do PIB dos países para defesa. Isso é irreal: a Polônia, membro da Otan que mais investe no setor, gastou, em 2024, 4,12% de seu PIB.

O americano comanda a maior máquina militar da história, que soma 39,4% do gasto global com defesa —seus colegas de Otan, somados, chegam a 22,1%. Mas em proporção do PIB estão em 3,4%.

Para complicar, Trump ameaça deixar Kiev sem ajuda militar, o que obriga uma despesa maior dos europeus se eles quiserem se manter contrários a Putin.

Com tudo isso, os líderes europeus se reuniram no domingo (2) em Londres para mais uma rodada de promessa de aumento de gastos, um projeto que a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, disse que será apresentado nesta terça (4).

O anfitrião, o premiê Keir Starmer, já havia anunciado uma elevação de seu gasto de 2,3% do PIB para 2,5% em 2027 e até 3% no final da década. O mesmo Macron anunciou que vai comprar mais 30 caças franceses Rafale.

O ambiente levou à euforia nos mercados nesta segunda. Há, contudo, limites. Por sofisticada que seja, a indústria europeia não tem o mesmo escopo e capacidade produtiva da americana, tendo falhado até em entregar a meta de munição que havia previsto para a Ucrânia.

Redução da jornada ajudaria produtividade?

Políticas complementares são necessárias para o bem-estar da classe trabalhadora

Michael França

Ciclista, vencedor do Jabuti Acadêmico, economista pela USP e pesquisador do Insper. Foi visiting scholar em Columbia e Stanford

Exemplos de países desenvolvidos não dizem muito sobre qual seria o efeito da implementação de uma redução da jornada de trabalho no Brasil. A explicação é simples: nossa estrutura produtiva é distinta, nossa cultura é distinta.

Enquanto países desenvolvidos possuem uma economia com alta produtividade e um sistema educacional que garante a formação de uma mão de obra qualificada, ainda enfrentamos desafios como baixa qualificação da força de trabalho, alta informalidade e grandes desigualdades regionais.

Assim, qualquer comparação deve considerar as particularidades de nosso contexto. O cenário mais provável de uma adoção de uma política de redução da jornada no Brasil é o de um choque negativo a curto prazo durante o processo de transição, cuja dimensão é difícil de estimar.

Os setores de maior valor agregado até podem experimentar ganhos de produtividade, entretanto, parte expressiva de nossa economia é marcada por setores intensivos em mão de obra barata, os quais tendem a apresentar perdas. Desse modo, uma eventual reforma deveria ser pensada em conjunto com medidas complementares que procurem mitigar os potenciais impactos negativos de curto prazo e maximizar os benefícios no médio e longo prazo.

Sem investimentos na qualificação e outras políticas complementares, é possível que uma mudança na legislação só desloque parte do tempo dos trabalhadores do setor formal para o informal

Ciclo da baixa qualificação e a armadilha da produtividade

Um dos entraves ao potencial econômico do Brasil é o expressivo número de trabalhadores pouco qualificados presos em um ciclo repetitivo. Parte considerável de nossa população não tem oportunidades educacionais reais ou tem baixa expectativa de retorno sobre a educação. Isso, em conjunção com outros fatores, faz com que muitos invistam pouco no desenvolvimento de suas competências.

Dessa forma, eles ingressam no mercado de trabalho com baixa qualificação, ocupando cargos mal remunerados e intensivos em trabalho manual. As longas jornadas dessas funções deixam pouco espaço para os estudos e o aprimoramento de habilidades, fazendo com que eles permaneçam presos em empregos que não lhes dão apenas poucas chances de ter qualquer mobilidade social, mas também pouco tempo para descanso. O resultado é um ciclo de estagnação que é retroalimentado, fazendo com que os trabalhadores pouco qualificados permaneçam com baixa qualificação, mal remunerados e em empresas de baixa produtividade.

A redução da jornada de trabalho, se acompanhada de outras políticas bem desenhadas, sendo uma delas voltada para melhorar nosso sistema educacional, pode oferecer uma saída para essa armadilha. Com mais tempo disponível, os trabalhadores poderiam se qualificar para trabalhos mais bem remunerados.

Os ganhos de longo prazo se refletiriam em uma força de trabalho mais produtiva, que seria um dos vetores para impulsionar a mobilidade social. Sem investimentos na qualificação e outras políticas complementares, é possível que uma mudança na legislação só desloque parte do tempo dos trabalhadores do setor formal para o informal. Ou seja, não haverá ganhos de bem-estar para o trabalhador, visto que ele continuará passando grande parte da vida preso a trabalhos de longas jornadas e baixa remuneração.

*

O título é uma homenagem à música "Construção", de Chico Buarque.

Eufrázio

UE alivia regras de emissões para carro a gasolina

Bloco adia aplicação de multas a montadoras, que enfrentam dificuldade na transição para os veículos elétricos

FOLHA EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

LONDRES E BRUXELAS | FINANCIAL TIMES Bruxelas irá aliviar as novas regras de emissões para carros com motor de combustão, permitindo que a indústria automotiva, que enfrenta dificuldades, evite multas após uma transição mais lenta do que o esperado para veículos elétricos.

A Comissão Europeia manterá sua proibição de 2035 para carros a gasolina, mas permitirá flexibilidade nos próximos três anos em como os fabricantes atingem metas mais rigorosas de emissões de CO_2 que entram em vigor neste ano, de acordo com a presidente do braço executivo da União Europeia, Ursula von der Leyen.

"As metas permanecem as mesmas. Mas isso significa mais espaço de manobra para a indústria e também mais clareza," disse von der Leyen nesta segunda-feira (3).

Sob as regras, que foram projetadas como parte da transição verde do bloco, novos carros de passageiros e vans devem reduzir suas emissões de CO_2 em 15% em comparação com os níveis de 2021.

As montadoras têm feito pressão para que Bruxelas alivie as regulamentações após uma queda nas vendas de veículos elétricos em importantes mercados europeus, como Alemanha e França. Em 2024, os registros de novos veículos movidos a bateria caíram 1,3% em relação ao ano anterior.

A associação europeia da indústria automotiva Acea estimou anteriormente uma perda total de € 16 bilhões (cerca de R$ 98 bilhões) se as multas para 2025 não fossem adiadas.

Sob o novo regime flexível, as multas só serão aplicadas em 2027, permitindo que as empresas que não atingirem as metas em um ano possam superá-las em anos futuros e evitar pagamentos.

Isso também deve impedir que empresas europeias paguem a fabricantes de carros elétricos estrangeiros, como a Tesla, de Elon Musk, e a BYD, da China, para comprar créditos de carbono para cumprir conjuntamente as metas.

Há um amplo apoio ao movimento entre os Estados-membros e membros do Parlamento Europeu, que devem aprová-lo. Alguns fabricantes, no entanto, que estão à frente nas vendas de elétricos e investiram pesadamente na transição, pediram à UE que resistisse às pressões para enfraquecer as regulamentações.

"A Europa não pode se dar ao luxo de falhar na eletrificação ou atrasar a transição", disse Jim Rowan, diretor-executivo da Volvo Cars e do grupo sueco majoritariamente de propriedade da Geely.

BIASI leilões — LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE — itaú

1º Leilão: dia 13/03/2025 às 14h — 2º Leilão: dia 24/03/2025 às 14h

Eduardo Consentino, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 (JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício) [illegible] CLEITON PEREIRA FILHO [illegible] R$ 471.124,70 [illegible] APARTAMENTO Nº 304 [illegible] RESIDENCIAL VIVA AMÉRICA [illegible] R$ 447.185,78 [illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões — LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE — itaú

1º Leilão: dia 13/03/2025 às 14h — 2º Leilão: dia 24/03/2025 às 14h

Eduardo Consentino, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 (JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício) [illegible] CHAFI VIEIRA BORBA [illegible] APARECIDA SANDRA CARNEIRO BORBA [illegible] R$ 1.303.375,74 [illegible] R$ 651.687,87 [illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões — LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE — itaú

1º Leilão: dia 13/03/2025 às 14h — 2º Leilão: dia 24/03/2025 às 14h

Eduardo Consentino, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 (JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício) [illegible] RAISSA BARBARA POSSOLE GOMES [illegible] ALVARO DA COSTA ABREU RODRIGUES [illegible] R$ 106.527,84 [illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões — LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE — itaú

1º Leilão: dia 13/03/2025 às 14h — 2º Leilão: dia 24/03/2025 às 14h

Eduardo Consentino, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 (JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício) [illegible] MARIA CRISTINA FERREIRA COSTA DE MORAES [illegible] R$ 1.699.070,68 [illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões — LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE — itaú

1º Leilão: dia 13/03/2025 às 14h — 2º Leilão: dia 24/03/2025 às 14h

Eduardo Consentino, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 (JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício) [illegible] RAIMUNDO NONATO FERNANDES RODRIGUES [illegible] R$ 98.000,00 (Noventa e oito mil reais) [illegible] R$ 98.340,33 [illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões — LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE — itaú

1º Leilão: dia 13/03/2025 às 14h — 2º Leilão: dia 24/03/2025 às 14h

Eduardo Consentino, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 (JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício) [illegible] MATHEUS BEZERRA NOGUEIRA RABELO [illegible] RHAYSSA ABREU ROCHA [illegible] R$ 455.742,16 [illegible] "LA CITTÀ PARANGABA RESIDENCE" [illegible] R$ 227.871,09 [illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões — LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE — itaú

1º Leilão: dia 13/03/2025 às 14h — 2º Leilão: dia 24/03/2025 às 14h

Eduardo Consentino, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 (JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício) [illegible] HESTEVENS MARTINS FAE [illegible] THAIS SILVA DE SOUZA [illegible] R$ 260.966,08 [illegible] "PORTAL DAS ARTES I" [illegible] R$ 178.921,79 [illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões — LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE — itaú

1º Leilão: dia 13/03/2025 às 14h — 2º Leilão: dia 24/03/2025 às 14h

Eduardo Consentino, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 (JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício) [illegible] FELIPE ALVES MACHADO [illegible] R$ 680.218,70 [illegible] APARTAMENTO RESIDENCIAL, nº 79 [illegible] R$ 560.305,58 [illegible]

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br



Colheita de oliveiras no Lagar H, em Cachoeira do Sul (RS) Carlos Ferrari/Divulgação

Produtores miram azeite sustentável, mas divergem sobre selo de certificação

Embora sejam valorizados pelo mercado corporativo, atestados ambientais nem sempre turbinam vendas para o consumidor final

Flávia G. Pinho

SÃO PAULO A primeira extração brasileira de azeite extravirgem ainda não completou a maioridade —foi há 17 anos no campo experimental da Epamig, em Maria da Fé (MG). O que se viu, desde então, foi uma explosão de novos olivicultores, que pipocam principalmente no Sul e no Sudeste.

Não há números oficiais de abrangência nacional, mas a soma de dados dos principais estados produtores (Rio Grande do Sul, São Paulo e Minas Gerais) chega a 520 produtores.

Apesar de jovem, a olivicultura brasileira já se equipara às mais avançadas do mundo no quesito sustentabilidade —em alguns aspectos, estamos até à frente.

Dona de um olival com 170 hectares em Cachoeira do Sul (RS), Glenda Haas, fundadora da marca Lagar H, coleciona selos ambientais. Em 2023, foi a primeira empresa do mundo, no setor, a conquistar a certificação de carbono negativo —significa que sua produção absorve e armazena mais carbono do que emite.

Por ser uma cultura perene e longeva, a olivicultura é naturalmente sustentável —não é preciso cortar as plantas e arar o solo para replantio, e o carbono estocado pelas plantas não se dissipa. Quando se adicionam outros fatores, como o manejo com cobertura verde, a baixa aplicação de insumos químicos e o beneficiamento em um lagar que não desperdiça recursos naturais, o balanço quanto à emissão de gases do efeito estufa é negativo.

Haas contratou a startup Akvo-ESG, que escrutinou as práticas da empresa, do plantio das mudas à distribuição dos azeites. "É um dos raros casos de carbono negativo que conheço", diz Jean Carlos Budke, diretor da consultoria, que apresentou o caso no Congresso Internacional de Olivicultura, na Espanha, em 2023. "Vimos que as práticas dos produtores brasileiros estão entre as melhores do mundo. Nossos azeites têm pegada de carbono menor do que os europeus."

O azeite Lagar H conquistou mais dois selos reconhecidos internacionalmente: o Leed (Leadership in Energy and Environmental Design) atesta que sua planta industrial consome 39% menos energia e 31% menos água do que os lagares convencionais, enquanto o Sistema B extrapola a gestão ambiental e inclui até questões sociais e governança.

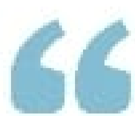
Os processos para obter as certificações demoram e são caros. Desde 2020, quando a Lagar H foi oficialmente lançada, Haas calcula ter investido R$ 350 mil. O valor inclui contratação das consultorias e custos das certificadoras.

"O candidato tem que ser muito organizado e ter capacidade de comprovar tudo o que foi anotado no caderno de campo." Se compensa? Ela diz que sim. O mercado corporativo, responsável por cerca de 20% das vendas, é o que mais valoriza selos ambientais —empresas adquirem azeites para presentear porque pega bem aliar as marcas a produtos comprovadamente sustentáveis.

A pouco mais de uma hora e meia dali, em Encruzilhada do Sul (RS), os donos do Azeite Sabiá mantêm a sustentabilidade na pauta do dia. Os 112 hectares de oliveiras e 6 hectares de vinhedos seguem o manual de boas práticas no campo e já atingiram 95% de manejo agroecológico.

O lagar movido a energia solar foi instalado no subsolo, aproveitando o relevo do terreno, o que garante a eficiência térmica —toda a água é tratada após o uso e 100% dos resíduos industriais são reaproveitados.

Mas Costa não buscou certificações ambientais. Para ele, os prêmios internacionais que o azeite Sabiá vem acumulando são mais eficientes para atrair o consumidor final, que paga R$ 129 por garrafa de 250 ml. "O nicho de mercado preocupado com selos ambientais ainda é muito restrito. Já os prêmios repercutem diretamente sobre as vendas."



O nicho de mercado preocupado com selos ambientais ainda é muito restrito. Já os prêmios repercutem diretamente sobre as vendas

Bob Vieira da Costa
dono do Azeite Sabiá

Autor do "Guia de Azeites do Brasil", Sandro Marques fez uma enquete com olivicultores, em 2024, e constatou que a maioria concorda com Costa. Um questionário sobre práticas sustentáveis foi enviado a 210 produtores, mas só 48 responderam. "Com exceção do Lagar H, todos declararam que são sustentáveis, mas não têm como comprovar os dados. E ninguém investe na comunicação sobre essas práticas", diz.

Até a certificação orgânica é uma exceção entre os brasileiros —são só três marcas. Uma delas é a Olivas Vikaz, de Baependi (MG), de João Ricardo Nogueira.

Para ele, a alta incidência de fungos, o preço salgado de insumos certificados e a falta de pesquisas direcionadas para a olivicultura orgânica impedem que mais produtores adotem o manejo orgânico. "Gastaria de 30% a 40% menos se minha lavoura fosse convencional", calcula.

VAIVÉM DAS COMMODITIES

Mauro Zafalon
mauro.zafalon@uol.com.br

Melhora em estoques externos segura os preços de grãos

Safra global de milho menor, no entanto, mantém cotação do grão aquecida

Enquanto as colheitas avançam no país, os preços continuam menos favoráveis para o produtor do que os das safras anteriores. Oferta mundial maior, estoques recompostos e demanda externa com ritmo menos intenso seguram os preços.

Mas há exceções, e o milho é uma delas. A safra mundial de 2024/25 recua para 1,21 bilhão de toneladas; a procura pelo cereal para rações é maior, e os estoques finais deverão cair para 290 milhões de toneladas. Com isso, o cereal atinge os maiores preços em 15 meses no mercado externo, segundo o Amis (Agricultural Market Information System).

As safras do Brasil e da China crescem, mas a dos EUA recuou para 378 milhões de toneladas, abaixo dos 390 milhões do período anterior. União Europeia e Ucrânia também produzem menos desse cereal.

Outra preocupação, por ora, é com o trigo. Os estoques mundiais caem 4%, para 258 milhões de toneladas, segundo o Usda (Departamento de Agricultura dos EUA), e há uma preocupação com a safra de inverno de várias regiões produtoras importantes.

A safra mundial fica em 794 milhões de toneladas, com queda na Rússia e na Europa. Já Argentina e Austrália, com produção maior, ajudam a abastecer o mercado.

10%
é quanto sobem os estoques finais mundiais de soja, que vão para 124 milhões de toneladas

4%
é a queda estimada para os estoques mundiais de trigo, para 258 milhões de toneladas, de acordo com o Usda

A pressão externa ocorre em um ano em que o Brasil melhora um pouco a produção, conforme dados ainda provisórios, mas mantém importações em 5,8 milhões de toneladas. O consumo nacional é de 11,8 milhões, e os estoques finais brasileiros para a safra foram estimados em 1,9 milhão de toneladas pela Conab (Companhia Nacional de Abastecimento). A soja não tem muito espaço para reação de preço. O Brasil coloca uma grande safra no mercado, avaliada pela Conab em 166 milhões de toneladas.

Na avaliação do Usda, a produção brasileira atingirá 169 milhões. Mato Grosso, líder nacional e que deverá produzir 47 milhões de toneladas, já está perto de colocar toda a safra nos armazéns, segundo o Imea (Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária).

A AgRural estima que 50% da área nacional cultivada com a oleaginosa no Brasil já houvesse sido colhida até o final de fevereiro. Na avaliação da consultoria, a colheita entra na reta final em Mato Grosso e segue sem maiores percalços nos estados com calendário de plantio antecipado.

As atenções, segundo a AgRural, estão concentradas no clima dos estados com semeadura mais tardia, com destaque para o Rio Grande do Sul, onde as lavouras estão perdendo potencial produtivo.

Com a oferta maior de Brasil, EUA e Argentina, a produção mundial sobe para 424 milhões de toneladas, e os estoques finais vão para 124 milhões (+10%).

A liquidez do arroz também aumenta neste ano. Segundo o Amis, países asiáticos, como China e Vietnã, colocam mais produto no mercado e ajudam a elevar a safra para 539 milhões de toneladas. Com isso, os estoques finais sobem para 204 milhões.

O Brasil também tem perspectivas de uma safra maior do que a esperada inicialmente, ficando próxima dos 12 milhões de toneladas. Avanço da colheita no país e perspectivas melhores no mercado externo derrubaram os preços do arroz em 11% no campo no mês passado, segundo o Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada).

Eufrázio

mercado

Fundadores da Tok&Stok dizem que farão oferta pela Mobly

Júlia Galvão

SÃO PAULO A Mobly, rede de varejo de móveis, confirmou o interesse da família Dubrule, fundadora da Tok&Stok, em adquirir até 100% das ações da companhia. A empresa recebeu uma carta de intenções assinada por Régis Edouard Alain Dubrule, Ghislaine Thérèse de Vaulx Dubrule e Paul Jean Marie Dubrule.

A oferta representa uma reviravolta, pois, em novembro passado, a Mobly assumira o controle da rival, depois de o Cade (Conselho Administrativo de Defesa Econômica) ter aprovado, sem restrições, o negócio.

No documento, é manifestado o interesse da Tok&Stok em comprar até 100% do capital social da Mobly. A operação teria um valor de R$ 83,47 milhões.

"Com base em sua larga experiência no setor de varejo de móveis e decoração, os potenciais ofertantes acreditam firmemente em sua capacidade de impulsionar os resultados da Mobly, como fizeram com a Tok&Stok", afirma a família Dubrule.



Unidade da Tok&Stok em SP Felipe Gabriel - 9.ago.24/Projetor/Folhapress

TRIBUTAÇÃO

Governo retomará neste ano projeto para taxação de big techs, diz ministro

Gustavo Soares

BARCELONA O ministro das Comunicações, Juscelino Filho, disse nesta segunda-feira (3) que a discussão sobre a taxação das big techs será retomada neste ano como parte da agenda prioritária do governo no Congresso.

Inicialmente, o governo Lula buscou discutir o assunto no ano passado, mas o espaço acabou ocupado por outras pautas. A tributação das plataformas é uma das prioridades da pasta para este ano.

"Dialogamos bastante com a Fazenda durante o ano passado sobre isso, e não avançou por falta de espaço", disse o ministro durante o MWC (Mobile World Congress), evento do setor de telefonia realizado em Barcelona.

Juscelino afirmou que os embates de big techs com o STF (Supremo Tribunal Federal) não preocupam por antecederem a discussão sobre a taxação, mas destacou os desafios políticos da pauta no Congresso.

O repórter viajou a convite da Honor

BIASI leilões — LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE — Alienação Fiduciária itaú

1º Leilão: dia 13/03/2025 às 14h 2º Leilão: dia 24/03/2025 às 14h

Eduardo Consentino, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 (JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício), com escritório à Av. Fagundes Filho, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, devidamente autorizado pelo Credor Fiduciário ITAÚ UNIBANCO S/A, doravante designado VENDEDOR, [...] levará a PÚBLICO LEILÃO de modo Presencial e On-line [...] no dia 13 de março de 2025, às 14:00 horas [...] em PRIMEIRO LEILÃO, com lance mínimo igual ou superior a R$ 416.589,06 [...] do loteamento denominado "MONTES BELOS" [...] Matrícula nº 15.428 da Comarca de São Luís de Montes Belos/GO. [...] dia 24 de março de 2025, às 14:00 horas [...] SEGUNDO LEILÃO [...] A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB - Banco Central do Brasil. [...]

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões — LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE — itaú

1º Leilão: dia 13/03/2025 às 14h 2º Leilão: dia 24/03/2025 às 14h

Eduardo Consentino, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 (JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício) [...] ITAÚ UNIBANCO S/A [...] FABRICIO AUGUSTO GOMES ROCHA [...] dia 13 de março de 2025, às 14:00 horas [...] PRIMEIRO LEILÃO [...] R$ 2.137.883,28 [...] UM LOTE DE TERRENO sob nº 987, da Quadra 1.126 – Setor 03 [...] Iguape/SP [...] dia 24 de março de 2025, às 14:00 horas [...] SEGUNDO LEILÃO [...] R$ 1.925.934,57 [...]

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões — LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE — itaú

1º Leilão: dia 13/03/2025 às 14h00 2º Leilão: dia 24/03/2025 às 14h00

EDUARDO CONSENTINO, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 (JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício) [...] ITAÚ ADMINISTRADORA DE CONSÓRCIOS LTDA [...] MANOEL PEREIRA LEITE NETO [...] SUELY MARIA DE OLIVEIRA LEITE [...] Governador Valadares/MG [...] R$ 426.206,40 [...] APARTAMENTO nº 203 [...] "CONDOMÍNIO RESIDENCIAL FLORENÇA" [...] R$ 274.352,00 [...]

Mais informações: (11) 4083-2575 | www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões — LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE — itaú

1º Leilão: dia 13/03/2025 às 14h 2º Leilão: dia 24/03/2025 às 14h

Eduardo Consentino, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 (JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício) [...] ITAÚ ADMINISTRADORA DE CONSÓRCIOS LTDA [...] MARCELO CARNEIRO DE SOUZA FROES [...] R$ 81.000,00 [...] LOTE nº 172, do "CONDOMÍNIO HOLIDAY PARK LAND II" [...] Itaboraí/RJ [...] R$ 141.267,76 [...]

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões — LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE — itaú

1º Leilão: dia 13/03/2025 às 14h00 2º Leilão: dia 24/03/2025 às 14h00

EDUARDO CONSENTINO, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 (JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício) [...] ITAÚ UNIBANCO S/A [...] RICARDO DE JESUS E SILVA [...] R$ 1.497.347,22 [...] RESIDENCIAL BARRAVENTO [...] Goiânia/GO [...] R$ 1.183.076,72 [...]

Mais informações: (11) 4083-2575 | www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões — LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE — itaú

1º Leilão: dia 13/03/2025 às 14h 2º Leilão: dia 24/03/2025 às 14h

Eduardo Consentino, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 (JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício) [...] ITAÚ ADMINISTRADORA DE CONSÓRCIOS LTDA [...] DIEGO DOS SANTOS MEIRELES [...] R$ 424.375,08 [...] "CIDADE INDUSTRIAL DE LUZIÂNIA" [...] Luziânia/GO [...] R$ 212.187,93 [...]

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões — LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE — itaú

1º Leilão: dia 13/03/2025 às 14h 2º Leilão: dia 24/03/2025 às 14h

Eduardo Consentino, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 (JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício) [...] ITAÚ UNIBANCO S/A [...] ANGELO ROGERIO ABUD [...] MARLY SANTORO CARLIO ABUD [...] R$ 1.419.206,60 [...] APARTAMENTO nº 41 [...] "EDIFÍCIO PORTAL DA SERRA" [...] São Paulo/SP [...] R$ 1.315.325,27 [...]

Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br



Manifestação organizada por ativistas conservadores contra o aborto na praça do Trocadéro, em Paris Martin Lelievre - 19.jan.25/AFP

Como Trump, ultradireita europeia vê maternidade como nacionalismo

Líderes usam chancela de gênero para promover família tradicional enquanto fazem propostas anti-imigração e criam incentivos para tentar reverter crise demográfica

TODAS

Bárbara Blum

SÃO PAULO A Europa precisa de bebês. Sob a sombra do envelhecimento populacional que assola o continente há anos, a ultradireita apresenta opções. Nomes como Giorgia Meloni, Viktor Orbán e Marine Le Pen unem às suas políticas anti-imigração a ideia de que casais europeus precisam procriar em nome da pátria —ideia esta que vem ressoando nos Estados Unidos sob Donald Trump.

No final do mês passado, por exemplo, Orbán, primeiro-ministro da Hungria que inspirou populistas do mundo inteiro com suas políticas autocráticas, anunciou que diminuiria o número mínimo de filhos necessários para receber isenção de impostos pela metade, de quatro para dois. A política inaugurada em 2023 afeta apenas as mães dessas crianças. Os pais continuam a pagar impostos.

A política foi elogiada por Elon Musk, magnata à frente da Tesla, SpaceX e do X, antigo Twitter, que se tornou um dos mais influentes conselheiros do presidente americano. De origem sul-africana, Musk 12 filhos e usa seu perfil no X para bradar contra o uso da pílula anticoncepcional e em favor de famílias numerosas.

O próprio Trump anunciou proposta alinhada a essa retórica recentemente, ao anunciar incentivos à fertilização in vitro. O assunto tinha sido alvo de protestos de alguns republicanos sulistas durante as eleições, uma vez que o procedimento ocasionalmente leva ao descarte de embriões.

Para Judith Goetz, pesquisadora da rede alemã Mulheres e Extremismo de Ultradireita, as políticas pró-natalistas que proliferam dos dois lados do Atlântico têm muitas semelhanças. Afinal, o "America First", ou EUA em primeiro lugar, "enfatiza valores da família tradicional e de identidade nacional, o que ressoa com o discurso pró-natalista da ultradireita europeia", diz.

Goetz reforça, no entanto, que a procriação como uma espécie de salvação da pátria não é nova na Europa —posição compartilhada com Andrea Pato, professora de estudos de gênero na Universidade de Centro-Europeia, na Áustria.

Ambas afirmam que o continente já viveu momentos de baque demográfico, como as grandes guerras, em que mulheres eram convocadas a procriar para compensar as perdas. Agora, porém, o projeto ganha "subtons eugenistas", nas palavras de Goetz, e bebe de uma fonte controversa, a teoria conspiratória conhecida como "A Grande Substituição".

De autoria do francês Renaud Camus, ela afirma que as elites cooperam para substituir populações europeias brancas, afetadas por baixas nas taxas de fecundidade, por povos não-brancos por meio da migração em massa. A solução para os teóricos da conspiração seria, assim, o incentivo à procriação.

Katalin Novak, ex-presidente da Hungria, era uma das vozes da defesa do natalismo no governo Orbán. Ela continuou defendendo a bandeira mesmo depois que se viu obrigada a renunciar ao cargo, após perdoar um homem condenado por pedofilia. No ano passado, ela fundou uma ONG dedicada à promoção global do projeto de crescimento populacional, a XY Worldwide.

São figuras femininas como Novak, a primeira-ministra italiana Meloni e a política francesa Le Pen que atuam como garotas-propaganda da ideia de centralidade na família. Meloni, por exemplo, bradou que era "mulher, mãe, italiana, cristã" em um discurso famoso de 2021 em que contestava os direitos LGBTQIA+.

"[Meloni e Le Pen] se posicionaram estrategicamente como figuras que simbolizam os valores familiares", diz Goetz. "Ao enfatizar o papel de mães em público, elas tentam normalizar as políticas natalistas centralizadas na família."

Essa ênfase na maternidade busca justificar políticas que encorajam mulheres a assumir papéis tradicionais, "posicionando a maternidade como uma escolha pessoal e um dever nacional", diz Goetz.

Pato chama o fenômeno de familismo e afirma que ele é um dos pilares do nacionalismo europeu atual. O termo implica a compreensão da família como "fundação da nação" e "subjuga direitos reprodutivos individuais à demanda nacional pela reprodução".

Líderes que promovem essas ideias "não precisam de um gabarito vindo dos EUA", observa Goetz. "Mas acredito que os partidos da ultradireita europeia se sentem validados pelo que acontece lá, como uma forma de justificar ainda mais a sua agenda."

1,46

foi a taxa de fecundidade (média de filhos por mulher) na União Europeia em 2022



Incentivo à natalidade na Europa

Medidas apresentadas por líderes de ultradireita do continente

VIKTOR ORBÁN (HUNGRIA)
- Isenção de Imposto de Renda para mães com 2 filhos ou mais
- Limite para taxa de juros praticados para compra de imóveis

GIORGIA MELONI (ITÁLIA)
- Bônus de 1.000 euros para filhos nascidos a partir de 2025

MARINE LE PEN (FRANÇA)*
- Empréstimo a taxa zero para jovens famílias, com perdão de dívida para núcleos com 3 filhos ou mais

* Proposta feita durante sua campanha presidencial, em 2022

Mãe de Elon Musk é requisitada por países que tentam se aproximar dos EUA

Mara Hvistendahl e Joy Dong

THE NEW YORK TIMES Nos últimos seis meses, Maye Musk, mãe de Elon Musk, visitou a China, o Cazaquistão e os Emirados Árabes Unidos.

Hoje aos 76 anos, ela viaja pelo mundo há tempos para fazer trabalhos como modelo, promover palestras e divulgar sua autobiografia. Mas recentemente ela parece estar ainda mais requisitada, em especial fora dos Estados Unidos. Sua fama ganhou ainda mais significado agora que seu filho tem uma influência considerável sobre bilhões de dólares em gastos militares e em ajuda externa.

No final de 2024, ela visitou a China pelo menos quatro vezes para apoiar ou servir de modelo para sete marcas locais, incluindo produtos de maquiagem, jaquetas de plumas e equipamentos de massagem. Suas visitas foram promovidas por meios de comunicação estatais que no passado a citaram pedindo melhores relações entre Washington e Pequim.

Em outubro, três semanas antes da eleição presidencial americana, ela foi a principal palestrante de um fórum sobre mulheres no Cazaquistão, onde falou sobre o sucesso de seu filho, segundo relato de agência de notícias estatal local.

Depois, em janeiro, na semana anterior à posse de Donald Trump, ela esteve em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos, para participar de uma conferência sobre influencers com o ex-apresentador da Fox News Tucker Carlson. O título de sua palestra era "Como Criei Três Filhos Incríveis, Incluindo o Homem Mais Rico do Mundo", de acordo com a agência Emirates News, também estatal.

Todas essas viagens ocorreram depois que Elon Musk se tornou um forte apoiador da campanha de Trump, e vários dos países que ela visitou recentemente tentam resolver problemas com Washington.

Pequim se opõe às tarifas anunciadas pelos EUA sobre seus produtos, e os líderes por lá parecem ver Musk, que tem extensos interesses comerciais na China, como um potencial aliado. O Cazaquistão espera que o governo Trump acabe com as restrições ao comércio. E os Emirados Árabes compram armas de Washington e gastaram centenas de milhões de dólares com lobistas e doações a think tanks.

A agência de Maye Musk, a Creative Artists Agency, baseada em Los Angeles; sua gerente, Anna Sherman; e uma advogada que trabalhou recentemente para ela, Doreen Small, não responderam a perguntas sobre os compromissos internacionais dela, incluindo quanto ela ganhou para palestras e endossos de produtos.

Reino Unido e França divergem sobre a Ucrânia

Autoridade britânica nega que proposta de cessar-fogo parcial sugerida por Macron no dia anterior seja final

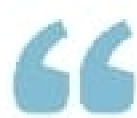
MOSCOU | AFP E REUTERS Um congressista britânico afirmou nesta segunda-feira (3) que Reino Unido e França não chegaram a um acordo sobre a proposta de um cessar-fogo de um mês na Ucrânia mencionada na véspera pelo presidente francês, Emmanuel Macron, após uma reunião de líderes europeus para discutir o futuro da guerra em Londres.

"Mas estamos trabalhando juntos, com a França e com nossos aliados europeus, para determinar o caminho a seguir para uma paz duradoura na Ucrânia", ressaltou Luke Pollard, subsecretário parlamentar de Estado para as Forças Armadas, à rádio Times.

Ele ainda disse que há várias propostas possíveis para uma trégua sobre a mesa. Macron havia afirmando ao jornal Le Figaro que França e Reino Unido propunham uma pausa que não afetaria os confrontos terrestres, apenas "nos céus, nos mares e nas infraestruturas energéticas".

"Tal trégua em infraestrutura aérea, marítima e energética nos permitiria determinar se o presidente russo Vladimir Putin age de boa-fé quando se compromete com um cessar-fogo, e neste momento as verdadeiras negociações de paz poderiam começar", complementou o ministro das Relações Exteriores da França, Jean-Noël Barrot.

O presidente da Ucrânia, Volodimir Zelenski, afirmou a repórteres em Londres que estava ciente do plano anunciado pelo presidente francês. Ele, que na sexta (28) enfrentou um humilhante confronto com o seu homólogo americano, Donald Trump, na Casa Branca, passou o fim de semana na capital britânica, primeiro para reunir-se com o premiê do país, Keir Starmer, e depois para participar da reunião que tinha a sua nação como pauta.



Tal trégua em infraestrutura aérea, marítima e energética nos permitiria determinar se o presidente russo Vladimir Putin age de boa-fé quando se compromete com um cessar-fogo, e neste momento as verdadeiras negociações de paz poderiam começar

Jean-Noël Barrot
ministro das Relações Exteriores da França

Durante o evento, Starmer anunciou um apoio de € 1,6 bilhão (cerca de R$ 11 bilhões) a Zelenski. Este permitirá que o país invadido compre 5.000 mísseis de defesa aérea.

O Kremlin, que já tinha criticado a cúpula na véspera, afirmou nesta segunda que o encontro era um "incentivo à guerra" e uma indicação do desalinhamento crescente entre a Europa e os Estados Unidos —sob Trump, Washington tem se aproximado cada vez mais da Rússia, e recentemente abriu negociações diretas com Moscou à revelia de Kiev e sem consultar seus aliados ocidentais.

"Vemos que uma fragmentação do Ocidente coletivo começou", disse o porta-voz do governo russo, Dmitri Peskov. "Kiev e Zelenski não querem a paz. É muito importante que alguém force Zelenski a mudar sua posição", acrescentou, fazendo referência à insistência do presidente americano e de seu vice, J. D. Vance, em obrigar seu homólogo ucraniano a aceitar as suas condições para a paz no Leste Europeu.

Peskov contou, aliás, que o presidente russo, Vladimir Putin, tinha acompanhado o que chamou de "evento sem precedentes" na Casa Branca. Disse ainda que o entrevero entre os líderes demonstrou a falta de habilidades diplomáticas de Zelenski.

A repórteres, o americano voltou a dizer nesta segunda que achava que o ucraniano "tinha que ser mais grato" aos EUA. Trump afirmou que deve comentar o acordo de minerais entre EUA e Ucrânia nesta terça-feira (3) à noite, durante o seu discurso do Estado da União.



Andador abandonado em local de atropelamento em Mannheim, cidade no oeste da Alemanha Heiko Becker/Reuters

Motorista atropela multidão no oeste da Alemanha e mata ao menos duas pessoas

MANNHEIM (ALEMANHA) | REUTERS E AFP Duas pessoas morreram e várias ficaram feridas quando um carro atropelou uma multidão na cidade de Mannheim, no oeste da Alemanha, nesta segunda (3).

A informação é da polícia local, que acrescentou que o motorista do carro, um Ford preto, foi detido. O suspeito é um alemão de 40 anos.

Thomas Strobl, ministro do Interior do estado de Baden-Württemberg, onde fica Mannheim, afirmou que não há indícios de que este tenha sido um incidente terrorista ou motivado por razões religiosas.

"A motivação pode estar mais relacionada às circunstâncias pessoais do agressor. Isso é, porém, objeto de investigações em andamento", afirmou Strobl.

O ministro disse ainda que havia vários feridos em estado grave. O tabloide Bild afirmou que 25 pessoas haviam sido registradas como feridas, mas o número não foi confirmado oficialmente. Imagens de televisão mostravam pertences pessoais espalhados pelo chão, incluindo o sapato de uma criança, uma bolsa e um casaco.

O incidente ocorre em meio ao Carnaval na Alemanha, onde, assim como no Brasil e em outros países, também são comuns celebrações à fantasia. A polícia estava em alerta máximo para os desfiles deste ano depois que perfis associados ao Estado Islâmico (EI) na internet convocaram seus seguidores a atacar festas em Colônia e em Nuremberg.



A ministra do Interior da Alemanha, Nancy Faeser, inclusive cancelou sua participação no tradicional evento carnavalesco de Colônia e estava sendo informada sobre o incidente, disse um porta-voz da pasta. "O resgate de vidas humanas, os cuidados com os feridos e as investigações iniciais das autoridades em Mannheim são agora a prioridade", afirmou ele.

O incidente é o terceiro atropelamento em massa a ocorrer na Alemanha nos últimos meses. Em janeiro, um Mini Cooper avançou contra pedestres em uma rua movimentada em Munique e matou uma mãe e sua filha de dois anos, além de ferir dezenas, na data de abertura da Conferência de Segurança de Munique. Em dezembro, um BMW invadiu um mercado de Natal em Magdeburgo e matou seis pessoas.

SAÚDE DO PONTÍFICE

Papa Francisco tem episódios de insuficiência respiratória aguda

CIDADE DO VATICANO | REUTERS O papa Francisco sofreu dois episódios de "insuficiência respiratória aguda" nesta segunda (3), em mais um revés para o religioso de 88 anos, disse o Vaticano em comunicado.

Segundo a nota, a situação foi causada "por um acúmulo significativo de muco endobrônquico", e o papa precisou de ventilação mecânica não invasiva, isto é, que não exige intubação.

O muco nos brônquios leva ao estreitamento das vias respiratórias. Os médicos realizaram então duas endoscopias pulmonares para remover as secreções, disse a Santa Sé.

O Vaticano diz que o prognóstico do papa "permanece reservado", o que significa que ele não está fora de perigo.

Francisco está no hospital Gemelli, em Roma, desde 14 de fevereiro. Ele recebeu o diagnóstico de pneumonia bilateral, uma infecção grave em ambos os pulmões que pode inflamá-los e cicatrizá-los, o que dificulta a respiração.

A notícia de mais dificuldades respiratórias para o pontífice se dá após declarações relativamente otimistas sobre a sua saúde no fim de semana.

Francisco tem enfrentado vários problemas de saúde nos últimos dois anos. Ele é propenso a infecções pulmonares porque teve parte de um pulmão removida após ter pleurisia quando jovem.

A internação representa o maior período em que o líder da Igreja ficou longe da vista pública desde que seu papado começou, em março de 2013. Seus médicos não disseram quanto tempo seu tratamento pode durar.



Retrato de Mao Tse-tung em frente à praça da Paz Celestial, em Pequim, na véspera de sessões políticas anuais Pedro Pardo/AFP

China inicia Duas Sessões, seu encontro político anual, sob ameaças de Trump

Eventos do Partido Comunista Chinês apresentam metas e prioridades do regime para 2025 em múltiplas disciplinas

Nelson de Sá

PEQUIM Em meio a saltos em tecnologia e sinais de aceleração na economia, a China realiza nesta semana as Duas Sessões, como são chamadas as reuniões anuais do Comitê Nacional da Conferência Consultiva Política do Povo Chinês, nesta terça-feira (4), e da Assembleia Popular Nacional, nesta quarta-feira (5). Os eventos devem durar até o dia 10.

O encontro da Assembleia é o que mais importa, e remete ao Discurso sobre o Estado da União dos Estados Unidos, na comparação do analista chinês Wang Xiangwei, da Universidade Batista em Hong Kong e Shenzhen.

O evento abrange a apresentação do relatório anual do primeiro-ministro, Li Qiang, responsável pela economia, e uma entrevista coletiva do chanceler, Wang Yi, sobre política internacional, entre outras intervenções de lideranças chinesas.

De Washington, o presidente Donald Trump anunciou que um acréscimo de 10% nas tarifas sobre produtos chineses também deve começar na terça, num "timing" destacado por analistas americanos especializados em China como Bill Bishop, da newsletter Sinocism. Nesta segunda, Pequim ameaçou retaliar tarifando produtos agrícolas e alimentícios dos EUA.

Outra notícia na véspera das Duas Sessões foi que a atividade industrial cresceu em fevereiro acima da expectativa dos analistas, tanto no índice oficial quanto na Caixin, que faz um acompanhamento com a consultoria S&P Global. "De maneira geral, [a China] mostrou sinais claros de recuperação", afirmou o relatório privado.

A reunião do Comitê Nacional tem caráter mais formal do que a da Assembleia apesar de ser presidida por Wang Huning, quarto no ranking de poder do Partido Comunista da China. Além dele, outras autoridades devem participar das discussões, incluindo Xi Jinping. Ao longo da semana, ele deve se reunir com conselheiros de vários dos 34 setores em que o Comitê se divide.

Segundo o analista Jiang Jiang, do think tank da agência oficial Xinhua, tanto o Comitê quanto a Assembleia "servem como uma janela para a direção política da China neste ano", com implicações não só internas, mas externas.

Ele sugere acompanhar a movimentação de Xi já a partir das reuniões da Assembleia da delegação da província de Jiangsu, que ele também representa. No ano passado, foi num encontro do líder com representantes militares que ele apresentou um novo conceito estratégico para as forças chinesas, traduzido como "novas capacidades de combate de qualidade".

Jiang também considera a coletiva do ministro das Relações Exteriores, que costuma ser programada para o final das Duas Sessões, especialmente significativa neste ano, uma vez que acontece no segundo mês do novo governo Trump. Wang Yi deve usar a ocasião para expor a estratégia diplomática chinesa para "os EUA, a Europa, a Rússia e o Sul Global".

Usualmente aguardada com ansiedade, a meta de crescimento do PIB para 2025, a ser anunciada no relatório do primeiro-ministro, foi em grande parte adiantada nas reuniões preparatórias de janeiro, as chamadas Duas Sessões provinciais.

A média das metas adotadas pelas 31 províncias foi de 5,3%, projetando a repetição da meta nacional do ano passado, "em torno de 5%". As prioridades adotadas pelas províncias também indicam que o estímulo ao consumo deve encabeçar a lista nacional, seguida por medidas visando a modernização industrial e inovação tecnológica.

Li Daokui, professor da Universidade Tsinghua, afirmou em um telejornal diário sobre a China exibido na Bloomberg de Hong Kong que "a estratégia para lidar com as tarifas é a mesma que aquela usada para lidar com outras questões na economia chinesa, ou seja, impulsionar o consumo interno".

As ações que objetivam alcançar as prioridades e as metas do regime podem ser mudadas ao longo do ano, e o consenso é de que vão depender do alcance das tarifas de Trump.

O que não deve mudar é a atenção para as "novas forças produtivas de qualidade", expressão de Xi para designar os saltos chineses em tecnologia, vistos mais recentemente nas áreas de inteligência artificial, com o DeepSeek, e de robótica, com a Unitree. Foi isso que adiantou o porta-voz do Comitê, Liu Jieyi, nesta segunda.

Despacho da Xinhua com previsões para a semana adiantou que, "sem dúvida, a inovação tecnológica será o foco principal durante as Duas Sessões deste ano, com a indústria de IA muito provavelmente no centro do palco".



O que são as Duas Sessões e quando eventos começam

Conferência Consultiva Política do Povo Chinês, na terça (4)
- Principal órgão consultivo do país, não tem poder para formular políticas
- Reunião é presidida por Wang Huning, quarto no ranking de poder do Partido Comunista

Assembleia Popular Nacional, na quarta (5)
- Reúne membros do Legislativo e, por isso, é a mais importante
- Premiê Li Qiang, responsável pela economia, apresenta relatório anual sobre a área; chanceler, Wang Yi, dá entrevista coletiva sobre política internacional

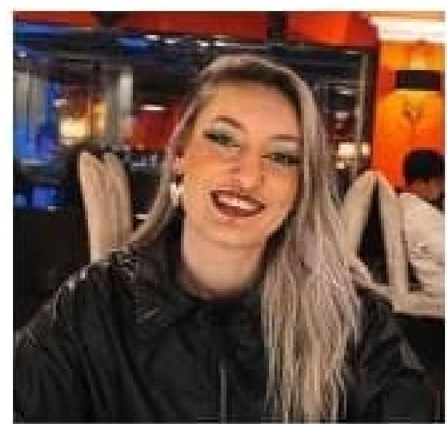
Pole dance é 'mais família' no país, diz gaúcha que faz shows em Pequim

PEQUIM Seis dias por semana, por volta das 20h, a brasileira Luiza Barbosa faz números de pole dance num restaurante colado ao parque Ritan, do Templo do Sol, entre os prédios imponentes do distrito financeiro e a praça Tiananmen, em Pequim.

Quando a música ao vivo para e ela começa a apresentação, meninas chinesas de 8 ou 9 anos e suas mães correm para cercar o palco, animadas e armadas com seus celulares. "É uma coisa mais família", diz a dançarina. "Os chineses não veem pole dance como algo imoral, que é como o brasileiro vê. Só me tratam como artista e ponto." Ela atribui a diferença de comportamento à educação artística no país.

Luiza completou seis meses vivendo na capital chinesa no final do ano passado. Desembarcou lá no final de junho, duas semanas antes de fazer 25 anos. "Já foi um baque", diz. Ela é de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Cresceu em um Centro de Tradições Gaúchas fundado por seus avós. Dançava peão e prenda e chula.

Fez licenciatura em dança na Universidade Federal de Santa Maria (UFRS) e iniciou um mestrado em história sobre o papel da mulher na dança tradicional gaúcha, segundo ela "muito machista". "O homem é protagonista, a mulher está ali só para aplaudir." NS



A dançarina gaúcha Luiza Barbosa Nelson de Sá/Folhapress

ATAQUE EM HAIFA

Homem mata 1 pessoa e fere outras 4 em ataque com faca no norte de Israel

JERUSALÉM E HAIFA (ISRAEL) | AFP E REUTERS Uma pessoa morreu e quatro ficaram feridas em um ataque com faca na cidade de Haifa, no norte de Israel, nesta segunda (3). O agressor foi morto pela polícia, que descreveu a ação como atentado terrorista.

Segundo o Mada (Magen David Adom), equivalente israelense à Cruz Vermelha, a pessoa morta no ataque era um homem de 70 anos. O agressor era um druso israelense que retornou de viagem na semana passada, após passar "os últimos meses no exterior", nas palavras da polícia.


Catia Drumond está à frente da presidência da Imperatriz Leopoldinense desde 2020 Nelson Malfacini/Divulgação/Imperatriz Leopoldinense

Mulheres presidem escolas de samba 60 anos após Ivone Lara fazer história

Grande Dama do Samba foi primeira mulher a assinar um samba-enredo no Carnaval carioca, em 1965, abrindo caminho para novas gerações femininas de destaque

Aléxia Sousa e Yuri Eiras

RIO DE JANEIRO Em 1965, Ivone Lara fez história ao se tornar a primeira mulher a assinar um samba-enredo no desfile principal do Rio de Janeiro. O clássico "Os Cinco Bailes da História do Rio", para o Império Serrano, marcou uma virada simbólica: uma mulher, em um espaço dominado por homens, não apenas participava, mas era reconhecida por seu talento.

Sessenta anos depois, o Carnaval carioca vive um novo capítulo desse protagonismo feminino com Anitta como uma das compositoras do samba-enredo da Unidos da Tijuca. O que antes parecia exceção hoje se multiplica em diferentes frentes da folia.

Mulheres estão à frente de escolas de samba, comandam barracões, dirigem Carnavais e puxam o samba na avenida. Guanayra Firmino, presidente da Estação Primeira de Mangueira, é um exemplo dessa transformação.

Criada na própria comunidade, ela percorreu todos os espaços possíveis dentro da escola antes de assumir o comando. "Passei por todas as áreas dentro da Mangueira, fui componente, diretora, presidente de ala, vice-presidência e hoje estou na presidência."

Apesar da trajetória consolidada, a presidente reconhece que o preconceito persiste: "Ainda tem muito isso de achar que uma mulher não vai dar conta, e o mais curioso é que muitas vezes esse preconceito vem de dentro do próprio samba", afirma.

Para Guanayra, um dos marcos de sua gestão é justamente o que costumava ser visto como um território masculino: a organização financeira da escola. "Estamos com as contas em dia, o cronograma do Carnaval está dentro do esperado, não falta material, não falta pagamento de funcionários, a quadra e o barracão estão em ordem."

Além da administração, Guanayra diz se orgulhar de ter criado um legado de inclusão e oportunidades. "Sempre que uma mulher chega a um espaço de poder, ela abre portas para outras. Isso significa ainda mais para mulheres da favela, como eu, que podem ver que é possível ser o que quiser. Tenho trazido os 'crias' da comunidade para cargos de confiança, e isso tem dado certo."

Na Imperatriz Leopoldinense, Cátia Drumond se tornou a primeira mulher a presidir a escola. Filha de Luiz Pacheco Drumond, histórico dirigente da agremiação, ela cresceu nos bastidores do Carnaval e assumiu a missão de dar continuidade ao legado da família.


Guanayra Firmino, primeira mulher a ocupar a presidência da Estação Primeira de Mangueira Divulgação/Mangueira

> **Sempre que uma mulher chega a um espaço de poder, ela abre portas para outras. Isso significa ainda mais para mulheres da favela, como eu, que podem ver que é possível ser o que quiser**
>
> **Guanayra Firmino**
> presidente da Estação Primeira de Mangueira

> **Nós, mulheres, ainda precisamos nos impor mais em relação aos homens. Quando se fala de uma festa tradicionalmente comandada por homens, não seria diferente**
>
> **Cátia Drumond**
> presidente da Imperatriz Leopoldinense

Apesar dos avanços, ela considera que ainda há barreiras e aponta também o machismo como seu maior desafio. "Nós, mulheres, ainda precisamos nos impor mais em relação aos homens. Quando se fala de uma festa tradicionalmente comandada por homens, não seria diferente."

Esse aumento da presença de mulheres em diferentes áreas do Carnaval inspira novas gerações. O histórico recente de Ludmilla, que puxou o samba-enredo da Beija-Flor ao lado de Neguinho da Beija-Flor, em 2023, mostram que o espaço das mulheres no samba está em expansão.

Tânia Bisteka, da Mangueira, é atualmente a única mulher a ocupar o cargo de diretora de barracão entre as escolas de samba do Rio. Sua trajetória é marcada pela quebra de paradigmas em um espaço historicamente associado ao trabalho masculino pesado.

Na Unidos de Padre Miguel, quem desafia expectativas é Lara Mara Rodrigues, de apenas 20 anos. Diretora de Carnaval da escola, ela surpreendeu o público ao discursar com paixão na Sapucaí antes do desfile de 2024, o que impulsionou a agremiação de volta ao Grupo Especial após 53 anos.

Seu trabalho envolve uma logística complexa: "Tenho de saber se a ferragem chegou, quanto precisa comprar em isopor, quantos artistas contratar, conversar com escultores, pintores, aderecistas", diz Lara, que cresceu nos bastidores da Vila Vintém.

O samba-enredo deste ano, que homenageia Iá Nassô, fundadora do candomblé da Barroquinha, traz o verso "no meu egbé governado por mulher", uma referência direta ao protagonismo feminino na própria gestão da escola.

O legado de dona Ivone Lara

A jornalista Rachel Valença, autora do livro "Serra, Serrinha, Serrano", destaca que, mesmo décadas após o pioneirismo de Dona Ivone Lara, as mulheres continuam sendo minoria em espaços como a ala de compositores.

"A lista dos ganhadores de samba deste ano pode ter uma ou outra mulher, mas está longe de ser igualitário. Isso é sintomático", afirma Valença. "Dona Ivone nunca desistiu. A capacidade de compor e criar estava ali guardada a sete chaves, proibida e reprimida, mas ela nunca desistiu."

Dona Ivone, nascida em berço musical em 1921, já compunha sambas desde a juventude. O primeiro veio aos 12 anos, "Tiê", ainda hoje um sucesso. Na década de 1940, já envolvida com o Prazer da Serrinha, depois com o Império, compôs sambas para serem cantados no terreiro das escolas, nenhum deles assinados por ela.

"A estratégia foi compor sambas em casa e entregá-los para o primo, Mestre Fuleiro, apresentar no Império como sendo dele. Ela não podia participar dessa parte da escola. Os sambas, supostamente de Fuleiro, foram um sucesso", diz Leonardo Bruno, autor do livro "Canto de Rainhas" (2021).

Ivone cantou com o Império Serrano pela primeira vez em 1961, e só dois anos depois, em 1963, passou a ser considerada como parte da ala de compositores. Mas ela jamais desfilou entre eles.

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

Marlene Bergamo/Folhapress



É NOSSO

O ator Humberto Carrão e colegas de elenco de 'Ainda Estou Aqui' vibraram com o anúncio da vitória de melhor filme internacional no Oscar 1. Eles assistiram a transmissão da cerimônia no camarote Folia Tropical, na Sapucaí. O deputado federal Pastor Henrique Vieria (PSOL-RJ) 2 e a atriz Sophie Charlotte 3 também compareceram à festa no Rio

Marlene Bergamo/Folhapress



PEGOU MAL

O deputado federal Pastor Henrique Vieira (PSOL-RJ) chamou de preconceituosas as críticas feitas por Paulo Barros a desfiles com temática africana. Para o carnavalesco da Vila Isabel, enredos afro são todos iguais. "A declaração dele é extremamente racista, carregada de preconceito", diz Vieira. O pastor considera que desfiles com tais temáticas fazem parte de uma reparação histórica que está em curso. A passos lentos. "O que o Carnaval carioca traz é um mínimo. Não tem exagero nenhum, muito pelo contrário", continua.

Marlene Bergamo/Folhapress



CAMINHOS

A atriz Sophie Charlotte confirmou que não está mais em um relacionamento com Xamã. "A gente não está mais junto, mas tenho muito carinho e admiração por ele. Está tudo certo", disse ela durante a primeira noite de desfiles na Marques de Sapucaí. Os dois ficaram juntos por quase um ano —eles assumiram publicamente o relacionamento, que nasceu nos bastidores da novela "Renascer" (TV Globo), no início do ano passado. Com um macacão preto e transparente, Sophie aproveitou a noite dos desfiles das escolas de samba.

Ronny Santos/Folhapress



Mônica Salmaso agitou foliões com sua apresentação na Casa de Francisca

SÃO PAULO

A cantora Mônica Salmaso afirmou aos foliões que dançavam ao som das marchinhas de Carnaval cantadas por ela no sábado (2) que a Casa de Francisca estava "criando um monstro" ao convidá-la para comandar o baile. Em uma das pausas entre as músicas, ela disse que a partir de agora exigiria, por exemplo, cantar com os adereços de cabeça coloridos desenvolvidos para ela em parceria com a designer e artesã Denize Barros, da Reina Madre. O dono da Casa, Rubens Amatto, circulava entre o camarim reservado a ela e aos músicos e os espaços onde estavam os foliões. Duas dezenas de integrantes da Freedom Big Band, que acompanharam a cantora, embalavam a festa.

Ronny Santos/Folhapress



Rubens Amatto e a funcionária Sandra da Silva Cavalcanti

com Ana Cora Lima, Cleo Guimarães, Karina Matias, Laura Intrieri, Manoella Smith, Marlene Bergamo e Ronny Santos

Eufrázio



Carro alegórico da Estação Primeira de Mangueira durante desfile na madrugada desta segunda-feira (3) Fotos Pablo Porciuncula/AFP

Com paradinhas e cantoria, Mangueira empolga no 1º dia de desfiles na Sapucaí

Imperatriz Leopoldinense, Unidos de Padre Miguel e Viradouro também se apresentaram pelo Grupo Especial do Rio de Janeiro



Viradouro, campeã do Carnaval no ano passado, desfila na Sapucaí

Yuri Eiras e Everton Lopes Batista

RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO Contando a história do povo banto e sua influência na formação da cidade do Rio, a Estação Primeira de Mangueira empolgou a Marquês de Sapucaí no primeiro dia de desfile do Grupo Especial, na madrugada de segunda (3).

Apesar disso, a escola passou momentos de apreensão por causa do tempo para executar o desfile. A agremiação precisou acelerar as últimas alas e terminou a apresentação faltando pouco mais de 1 minuto para o limite.

Unidos de Padre Miguel, Imperatriz Leopoldinense e Viradouro foram as outras escolas que estiveram na avenida.

Como acontece todos os anos, a torcida da Mangueira era maioria entre os presentes. O público vibrou com as diversas paradinhas que a bateria da escola fez. O refrão forte também fez sucesso e ajudou as pessoas a cantarem.

A comissão de frente, com figuras do povo banto que se transformavam nos "crias" das favelas, foi um dos pontos de destaque, em especial, quando os dançarinos simulavam a forma de empinar uma pipa em meio aos chamados passinhos, um jeito de dançar funk. A escola usou drones para fazer as pipas voarem.

A escola, última a desfilar na Sapucaí, também abordou o impactos da violência no cotidiano dos jovens negros. "O alvo que a bala insiste em achar/Lamento informar/Um sobrevivente", diz um trecho do samba-enredo.

Os povos bantos têm origem em países da África Central, como Angola, Gabão e Congo. Grande parte dos escravizados trazidos para o Brasil faziam parte desse grupo.

A presença da cantora Leci Brandão, 80, em um carro alegórico levantou o público.

Neste ano, a Liesa (Liga Independente das Escolas de Samba) instituiu pela primeira vez o desfile dividido em três noites (domingo, segunda e terça-feira).

Sorteadas para desfilar em sequência, Viradouro e Imperatriz vivem uma rivalidade recente, já que tem protagonizado a disputa nos últimos anos.

A Viradouro, estruturada com subvenções das prefeituras do Rio e de Niterói, cidade base da escola, venceu títulos em 2020 e 2024 (com a Imperatriz vice). A Imperatriz levou o título de 2023 (com a Viradouro vice).

Segunda escola a desfilar, a Imperatriz colocou uma lenda africana na avenida e desfilou com orixás. A comissão de frente trouxe uma dança das águas, com uma fonte jorrando sobre os dançarinos, em coreografia que simbolizava purificação.

Durante a passagem da escola, "Ainda Estou Aqui", filme de Walter Salles, venceu o Oscar de melhor filme internacional. Com o desfile em andamento, não houve divulgação imediata na Sapucaí, mas o público foi descobrindo aos poucos e comemorou o prêmio, o primeiro do país.

Depois do fim do desfile da Imperatriz, o narrador oficial do sambódromo anunciou ao público o resultado, antes da Viradouro entrar na avenida.

A escola de Niterói foi a terceira a desfilar. Vencedora no ano passado, entrou na avenida sob gritos de "é campeã" do setor 1, onde ficam torcidas organizadas.

A agremiação contou a trajetória de João Batista, líder do quilombo do Catucá no século 19, cuja luta por liberdade o tornou Malunguinho, figura reverenciada na jurema sagrada, uma tradição espiritual afro-indígena.

A escola apresentou problemas técnicos em quesitos como fantasias e evolução. O último carro, com o tema essência de jurema, trouxe Malunguinho tomando a bebida feita a partir da planta.

A comissão de frente trouxe representação do personagem, que se transforma em Malunguinho, em um canavial, sendo encantado e derrotando com fogo seu algoz, um feitor que o havia ferido.

O segundo carro alegórico tinha um efeito holográfico de uma chave brilhante —"a chave que um dia abriu a tranca dos portões do cativeiro, agora fecha o corpo dos enfermos", diz a escola na sinopse do enredo.

Rainha da bateria, a atriz Erika Januza usou uma fantasia com penas douradas, da qual saía fumaça, elemento que carrega significados espirituais na mitologia de Malunguinho.

No primeiro desfile da noite, a Unidos de Padre Miguel fez homenagem a Iyá Nassô, considerada mãe dos terreiros de candomblé no Brasil. Ela foi a fundadora da Casa Branca do Engenho Velho, um dos mais antigos do país.

"Iyá Nassô é rainha do candomblé!", cantou a escola ao passar pela avenida. A atriz Jéssica Ellen interpretou Marcelina Obatossi, que deu continuidade ao trabalho de Iyá Nassô.

Carros e alas retrataram a vida de escravizados e as manifestações da fé. A Revolta dos Malês, insurreição de escravos, muitos deles muçulmanos, que aconteceu em 1835, em Salvador, também foi lembrada.



Unidos da Tijuca abre 2ª noite com orixás na avenida

Escola apresenta enredo que homenageia Oxum e Oxóssi, composto em parceria com Anitta; carro abre-alas trouxe mulheres grávidas que expressavam a fertilidade Ricardo Moraes/Reuters

Eufrázio



Público acompanha bloco Espetacular Charanga do França, no centro de São Paulo Danilo Verpa/Folhapress

Gritos contra Bolsonaro e Oscar marcam Charanga do França, em São Paulo

Bloco arrasta multidão no centro da capital paulista com hits, calor, cerveja gelada e empurra-empurra em trechos estreitos

Bruno Lucca

SÃO PAULO Revolta com o Oscar e gritos contra o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) marcaram o cortejo da Espetacular Charanga do França, no centro de São Paulo, nesta segunda-feira (3).

Antes das 9h, foliões já se reuniam na rua Barão de Tatuí, no bairro da Santa Cecília, para o esquenta. Rapidamente, a via já estava lotada. Neste Carnaval, o cortejo mudou seu percurso a fim de evitar uma curva que espremia foliões.

Em vez de sair da rua Imaculada da Conceição e virar na rua Barão de Tatuí, a concentração foi direto à Barão, encerrando o trajeto que deu problemas noutros anos.

A banda começou a festa tocando alguns clássicos: "Azul", que tem sua interpretação mais famosa na voz de Gal Costa (e também é a cor oficial do bloco) e "Retalhos de Cetim", de Benito di Paula.

Primeiro, gritos pela prisão de Bolsonaro, denunciado pela Procuradoria-Geral da República sob acusação de participação na tentativa de golpe de Estado em 8 de janeiro de 2023. "Prende o Bolsonaro" e "Inelegível", entoava a massa de presentes na charanga.

Eles não paravam por ali. Havia outro alvo de seus cânticos, como o filme "Anora", filme de Sean Baker vencedor de cinco estatuetas no Oscar deste ano, que teve sua cerimônia neste domingo (2).

Entre os prêmios, o longa venceu na categoria de melhor atriz, com Mikey Madison. Ela concorria com Fernanda Torres, de "Ainda Estou Aqui". Segundo os foliões, a brasileira perdeu injustamente e fantasias com os dizeres "totalmente roubada" apareceram no cortejo.

Mas nem só de revolta viveram os presentes na charanga. A vitória da produção de Walter Salles na categoria de melhor filmes estrangeiro foi muito comemorada.

A cerimônia do Oscar terminou depois da meia-noite no Brasil, e as amigas Fernanda Yumi, 34, e Clara Garcia, 40, nem dormiram. Emendaram a bebedeira da madrugada com o bloco. "É muita felicidade para dormir", disse Clara.

O calorão foi uma questão. Às 10h, termômetros marcavam 30°C, e a vizinhança tentou ajudar. Com mangueiras, moradores jogavam água de seus apartamentos sobre as pessoas no bloco, que comemoravam.

Esse clima de festa só era interrompido pelo empurra-empurra em alguns pontos mais estreitos e pelo "pesado", como os vendedores ambulantes chamam suas caixas de isopor, que eles insistem em enfiar no meio da multidão com auxílio de carrinhos.

Ao menos a cerveja vendida estava gelada, afirmaram alguns foliões. Nos últimos dias, foram registradas reclamações sobre a temperatura das bebidas vendidas pelas ruas de São Paulo.

Era por volta de 14h quando o bloco chegou a seu finalmente. Virando na rua Frederico Abranches, sua última reta, "Eva", hino carnavalesco, foi tocado. Os foliões pulavam enquanto se aproximavam do largo da Santa Cecília, onde mais uma edição da Espetacular Charanga do França, a 12ª, terminou.

Foliões aliviam calor com água 'fresquinha'

Depois de relatos de água morna distribuída pela prefeitura em blocos de São Paulo nos últimos dias, a situação estava ao menos um pouco melhor no Ibirapuera nesta segunda-feira (3) de Carnaval.

A distribuição era feita por agentes da Sabesp, que serviam água de mochilas térmicas em copos.

"Estava geladinha, salvou", disse o folião Abdael Rodrigues, 28, que assistia ao bloco Vou de Táxi.

No geral, os relatos eram de água fresca ou fria. A reportagem provou água distribuída por duas agentes diferentes. Em ambas, a água estava gelada.

classificados classificados@grupofolha.com.br

Para anunciar ou ver mais ofertas acesse folha.com/classificados ou ligue 11 3224-4000

EMPREGOS

EMPREGADOS PROCURADOS

C

CAPTADOR DE OBRAS

CORRETOR DE IMÓVEIS

NEGÓCIOS

COMUNICADOS

CLASSIFICADOS FOLHA 11/3224-4000

COMUNICADO

CLÍNICAS E MASSAGENS

MASSAG. TERAPÊUTICA

siga folha

Evolução será primeiro critério para desempate no Carnaval de SP

Fábio Pescarini

SÃO PAULO A evolução da escola no seu desfile será o primeiro quesito de desempate, caso duas ou mais agremiações terminem com a mesma pontuação na apuração do Grupo Especial do Carnaval de São Paulo deste ano.

A ordem de leitura dos nove quesitos avaliados foi sorteada em reunião com os presidentes das 14 escolas na tarde desta segunda-feira (3) na sede da LigaSP, na zona oeste da capital paulista.

O último quesito sorteado, evolução, será critério de desempate. A ordem dos quesitos na apuração são: enredo, bateria, samba-enredo, mestre-sala e porta-bandeira, comissão de frente, harmonia, alegoria, fantasia e evolução.

A pior nota dos quatro jurados de cada quesito será descartada. De acordo com o regulamento, permanecendo empate de duas ou mais agremiações, em primeiro lugar, serão contabilizadas todas as notas descartadas.

Permanecendo o empate, deverão ser analisadas as notas da evolução.

Se ainda assim o empate prevalecer, será analisado o penúltimo quesito, que é fantasia, e assim por diante, do último para o primeiro.

Assim como nos anos anteriores, as duas últimas colocadas serão rebaixadas ao Grupo de Acesso 1.

A disputa deste ano foi marcada por enredos variados e forte recepção do público.

No primeiro dia, a Dragões da Real emocionou com uma homenagem à música "Aquarela". A Mancha Verde exaltou a cultura baiana, e a Camisa Verde e Branco celebrou Cazuza. Também se destacaram Colorado do Brás, Barroca Zona Sul, Acadêmicos do Tatuapé e Rosas de Ouro.

Problemas técnicos também impactaram algumas escolas. A Barroca Zona Sul teve um carro alegórico travado, prejudicando sua evolução. A Mocidade Alegre precisou empurrar um carro para concluir o desfile no tempo permitido.

No segundo dia, a Vai-Vai encerrou as apresentações com uma homenagem ao ator e diretor Zé Celso. A bicampeã Mocidade Alegre levou um enredo sobre a fé e enfrentou dificuldades com um carro alegórico. A Gaviões da Fiel apostou em um enredo afro, enquanto a Tucuruvi celebrou a cultura indígena com a história do manto tupinambá.

Outros momentos marcantes incluíram Benito di Paula emocionado com a homenagem da Águia de Ouro e o impacto visual da Estrela do Terceiro Milênio, com a história da população LGBTQIA+.

Eufrázio



Papangus, personagens mascarados do século 19, no Carnaval de Bezerros Fotos Adriano Vizoni/Folhapress

Bezerros, no interior de PE, brinca de esconder o rosto no Carnaval

Papangus, personagens mascarados que surgiram no século 19, tomam as ruas da cidade e arrastam uma multidão de foliões na maior festa do interior do estado

Roberto de Oliveira

BEZERROS (PE) Na festa da carne, mostrar o rosto é pecado. Ao contrário do que acontece nas festividades carnavalescas Brasil afora, em um município do agreste de Pernambuco a tradição prega pelo anonimato. As máscaras e as vestimentas brilhantes fazem dos papangus algo inédito no Brasil. Nessa brincadeira, quem tem a cara exibida é a mulher do padre.

Estamos em Bezerros, cidade com cerca de 62 mil habitantes localizada a pouco mais de 100 km da capital, Recife. Aqui é a terra dos papangus, personagens que surgiram no século 19 como um tipo de crítica de negros escravizados aos banquetes da elite, promovidos pelos senhores de engenho da cana-de-açúcar. A partir dos anos 1990, a manifestação passou a ganhar contornos de brincadeira, tornando-se símbolo do Carnaval.



Máscaras e adereços expostos durante a folia na cidade do agreste de Pernambuco

Mesmo com sensação térmica na casa dos 40°C, as ruas do centro ficam tomadas de gente, agraciada com muito brilho e, é claro, gente mascarada e fantasiada. Até o fim do Carnaval, cerca de 600 mil pessoas devem acompanhar os cortejos dos papangus.

O nome papangus, a propósito, vem de "papa-angu". Foi assim que essas pessoas mascaradas passaram a ser chamadas ainda no século 19, quando, trajadas de fantasias rudimentares, saíam pelas ruas brincando. Batiam de porta em porta pedindo angu de milho, ou seja, de fubá, aos bezerrenses. As crianças trataram logo de colocar um apelido nessa turma: "Lá vem os papa-angu".

Pronto! De "papa-angu" para papangus foi só um pulinho... de Carnaval.

"Na época da escravatura, os negros se fantasiavam, cobriam partes do corpo, sobretudo o rosto, como uma crítica a esses banquetes da elite. Se disfarçaram para não serem identificados e não sofrerem represália", explica Eudes Mateus, 28, secretário de Turismo e Cultura do município.

"Sempre de forma rústica, essas manifestações ocorreram em outros pontos do Nordeste. Aqui em Bezerros, contudo, elas foram se aprimorando, se moldando ao decorrer do tempo."

Ao todo, aproximadamente mil papangus devem desfilar pela cidade neste Carnaval. Bezerros criou seis polos de folia que passeiam do forró ao frevo, sem abrir mão do samba e do brega. Ao menos 300 artistas ajudam a embalar o cortejo dos mascarados.

O Carnaval do Papangu, como é chamado, já é reconhecido pelo estado como o terceiro maior de Pernambuco, atrás apenas do de Recife e Olinda. De acordo com o secretário Mateus, o evento consumiu investimento na ordem de R$ 6 milhões, divididos entre os governos federal, estadual e municipal, além de patrocínios oriundos da iniciativa privada.

Calcula-se que o mistério que esconde os papangus e atrai gente da capital pernambucana e de cidades vizinhas injete ao menos R$ 20 milhões no município.





Foi a partir do início dos anos 1900 que os papangus começaram a ganhar protagonismo nos cortejos carnavalescos de Bezerros. A tradição segue rezando a cartilha do anonimato.

"Até hoje, os foliões mascarados não são identificados. Ninguém do público que está assistindo aos desfiles sabe quem é quem. Quando questionados, eles alteram a voz para que um amigo, parente ou vizinho também não possa identificá-los", conta Mateus.

Para chegar ao formato atual, as máscaras passaram por diferentes processos criativos.

Conhecido como o "pai dos papangus", Lula Vassoureiro lembra que começou a fazer máscaras de Carnaval quando tinha seis anos de idade. "Mudou muito de lá para cá e vai continuar mudando."

O artesão aprendeu o pouco que sabe sobre ler e escrever por conta própria. Não foi à escola. Mantém um ateliê com suas obras aberto ao público, onde recebe 10 mil alunos por ano.

"Herdei muita coisa do meu pai, que idealizou uns 37 blocos de papangus, e de outros artistas do agreste de Pernambuco", conta ele, cujo nome de batismo é Amaro Arnaldo do Nascimento.

Ele conta que as primeiras fantasias que corriam pelas ruas eram feitas com coité, ou melhor, com a cabaça do fruto, dura e forte, num momento em que foliões não tinham recurso para algo mais inventivo e desfilavam com "roupinhas bem esfarrapadas".

Depois, artesãos como ele passaram a usar o papel de embrulhar charque na confecção das máscaras. Para Vassoureiro, o artesanato daquela época mantinha características simples.

Em outra fase de criação e aprimoramento, o artesão lembra que passou a usar tecidos, inclusive fronha de travesseiro. "Muita gente começou a se enveredar por esse caminho do uso do pano, de jeans, achando que a coisa era fácil", recorda-se ele, sorrindo.

O boom criativo, digamos assim, surge com a entrada do uso de papel colê, que, nas palavras do artesão, "deu um colorido especial às máscaras, que ganharam maior expressividade, com o nosso trabalho feito à mão".

No quinto ciclo, surgiu o que Vassoureiro gosta de nomear como cabeção, tipo de máscara com grandes ornamentos. Em 2007, ele próprio chegou a criar aquela que se tornaria sua maior obra em tamanho: uma máscara de 4,5 metros, confeccionada com papel machê, material que dominaria a sexta temporada inventiva das máscaras de Bezerros.

Com obras espalhadas por 70 países, patrimônio vivo de Pernambuco, Vassoureiro, aos 80 anos, garante que um novo período fértil se avizinha. Conta que pretende ampliar o uso de fibra de vidro em suas alegorias, mantendo, por óbvio, o anonimato da brincadeira. "Nisso não se mexe."

O Carnaval do Papangu de 2026 que o aguarde.

O repórter e o fotojornalista viajaram a convite da Empetur (Empresa de Turismo de Pernambuco)

cotidiano

Ministério da Justiça estuda levar projeto de desocupação de milícia e tráfico para o RN

Pasta diz que está firmando parcerias com associações e universidades, entre as quais a USP, para viabilizar a iniciativa

Raquel Lopes

BRASÍLIA O Ministério da Justiça e Segurança Pública estuda levar o projeto-piloto de desocupação de áreas controladas por milícias e pelo tráfico de drogas para o Rio Grande do Norte.

Segundo fontes próximas às negociações, a pasta já consultou integrantes da gestão estadual, que demonstraram interesse na iniciativa do governo Lula (PT). As tratativas seguem em andamento para que a decisão possa ser tomada.

Inicialmente, o ministério avaliou a Bahia como possível destino para o projeto, mas a opção foi descartada por razões técnicas.

O secretário Nacional de Segurança Pública, Mario Sarrubbo, afirmou à **Folha** que a iniciativa será implementada em quatro etapas em uma pequena cidade do Nordeste.

Para viabilizá-la, o Ministério da Justiça está firmando parcerias com associações e universidades, entre as quais a USP.

A primeira etapa do projeto consiste em trabalho de inteligência e levantamento de dados para entender o ciclo econômico da organização criminosa que atua na região e, em seguida, desarticulá-lo.

O objetivo é realizar operações policiais para remover traficantes e milicianos da região, mas garantir, a partir dai, a presença contínua do Estado para evitar o retorno da criminalidade e o recrutamento de novos integrantes.

A intenção é que essas operações sejam realizadas pelas polícias estaduais, com a União atuando apenas caso a unidade da Federação solicite apoio.

A iniciativa envolve ainda a avaliação de projetos e cursos que promovam a autonomia da comunidade, evitando que moradores recorram à criminalidade por falta de oportunidades financeiras.

"A etapa mais importante do projeto é o pós-intervenção policial. É uma operação policial que retoma e consolida. Então, se faz o que a gente chama de saturação [que mantém uma presença constante dos policiais nos bairros mais afetados pela violência]. Você não pode sair do local antes de substituir por outra coisa", disse Sarrubbo.

O secretário afirmou estar em planejamento uma alternativa para substituir o ciclo econômico na cidade onde será o projeto-piloto, previsto para ser implementado no primeiro semestre. A intenção, a médio e longo prazos, é expandir a iniciativa para outros municípios do país.

"Com esse piloto, vamos entender onde acertamos e onde erramos. [Após essa fase], queremos ir para um lugar um pouco maior, um território um pouco maior, já com os ajustes feitos."

Não é a primeira vez que o Ministério da Justiça implementa um projeto em cidades visando reduzir a criminalidade. Em 2019, o então ministro Sergio Moro lançou o Em Frente Brasil. O objetivo era promover um choque de segurança pública em cinco cidades. Mas a iniciativa se estendeu só até abril de 2021.

Vivemos um processo de fragilização crescente da democracia, diz Walter Salles, de 'Ainda Estou Aqui'

ILUSTRADA

Fernanda Ezabella e Pedro Martins



Walter Salles, Fernanda Torres e Selton Mello Fernanda Ezabella/Folhapress

LOS ANGELES E SÃO PAULO Em conversa com jornalistas na noite desta segunda-feira (3), um dia após ter feito história ao vencer o primeiro Oscar do Brasil, o cineasta Walter Salles refletiu sobre como seu filme "Ainda Estou Aqui" impactou os americanos, que agora veem investidas de Donald Trump contra direitos humanos.

"A gente está vivendo um processo de fragilização crescente da democracia, um processo que está se acelerando cada vez mais. O filme se tornou próximo de quem o viu nos Estados Unidos", disse Salles, ao responder uma pergunta relacionada à prática das deportações de imigrantes acorrentados pelos EUA.

O longa chegou a ser exibido em 762 salas de cinema nos Estados Unidos, acumulando US$ 5,2 milhões, cerca de R$ 30 milhões, e mais US$ 24,7 milhões, ou R$ 144 milhões, no resto do mundo.

"O filme ecoa o perigo autoritário que grassa no mundo todo. A gente vive um momento de extrema crueldade, da prática da crueldade como forma de exercício de poder. Estamos no meio disso e é inquietante. Agora, o jornalismo investigativo, a literatura, a música, o cinema, todas as formas de expressão se tornam fundamentais para combater isso e trazer polifonia democrática."

Mais cedo, em entrevista ao vivo ao Jornal Nacional, a atriz Fernanda Torres disse que seu trabalho em "Ainda Estou Aqui", no papel de Eunice Paiva, viúva de Rubens Paiva, é uma maneira de dar continuidade ao legado de sua mãe, Fernanda Montenegro.

De óculos escuros, para disfarçar a comemoração da noite de domingo, quando "Ainda Estou Aqui" venceu o Oscar de melhor filme internacional, a atriz disse que, da mesma forma que sua mãe resistiu à ditadura militar, ela sente fazer o mesmo por meio de seu trabalho. "Eu fico pensando nas crianças que estão vivas hoje, em que filmes eles farão daqui a 50 anos sobre a nossa resistência hoje ao autoritarismo, aos movimentos antidemocráticos, à anticultura. É um filme sobre transmissão e resistência ao longo do tempo."

Fernanda Montenegro interpreta a mesma personagem da filha na velhice. Eunice ficou conhecida por sua luta pelos direitos humanos, depois de se formar advogada, e por sua trajetória para reconhecer na Justiça o sequestro e a morte de seu marido por agentes da ditadura.

Selton Mello, que interpreta Rubens Paiva, acrescentou que o Oscar não é o fim de sua trajetória. "Um filme dessa grandeza é eterno. Ele continua em cartaz e vai estrear em outros países. É essa a força do cinema. Parece que encerramos o ciclo. Mas não fechamos nada. Foi só mais uma etapa. Ainda estamos aqui."

O que ganhamos com o Oscar?

Se cabe à arte trazer reflexão, inspiração e alento, vencemos todas as categorias

Vera Iaconelli

Diretora do Instituto Gerar de Psicanálise, autora de "Manifesto Antimaternalista" e "Felicidade Ordinária". É doutora em psicologia

Sentei para assistir à entrega da estatueta do Oscar, tomada por uma sensação tão inédita quanto a premiação. Foi curioso estar ali, sem grande preocupação com o desfecho do evento, mais interessada na forma como nos unimos em torno desse acontecimento.

Até ai, não havia novidade. Estamos acostumados a torcer juntos nas Copas, e a comparação entre os dois eventos era inevitável —mesmo com Fernanda Torres pedindo encarecidamente que lhe tirassem o fardo das costas. Mas mal sabia ela que a natureza dos acontecimentos era outra.

A torcida até era de Copa do Mundo, só que não, pois se tratava de comemorar... a própria torcida! Mais do que torcer, tratava-se de comemorar que houvesse algo em torno do qual ainda pudéssemos torcer juntos, diante da polarização que dividiu o país. E não é de menor importância que fosse algo ligado à cultura, sustentado na figura de uma mulher, num filme que denuncia a ditadura. Tudo isso depois de uma tentativa de golpe que reedita nosso maior fantasma: o traço conservador e autoritário que nos assombra.

E, como se o Universo conspirasse para que a celebração fosse à altura, tivemos nada mais, nada menos do que as bênçãos de um domingo de Carnaval para lhe servir de esquenta. Bom para lembrar que também somos adoradores de Eros. Enquanto se podia assistir à propaganda dos filmes concorrentes em intervalos de famosos podcasts, outdoors e ônibus norte-americanos, a campanha de "Ainda Estou Aqui" fez outro percurso. Como informou Walter Salles em entrevista, essa não foi a estratégia do filme brasileiro, baseada no corpo a corpo entre os atores, o diretor, os formadores de opinião e o público.

O filme renovou a discussão sobre os desaparecidos na ditadura, o destino de seus algozes e a obscena ideia de anistia que nos trouxe até aqui. Foi responsável por apresentar à nova geração algo que lhes parecia improvável

Trabalho de fôlego, que exigiu da equipe jogar-se numa maratona infindável de exibições seguidas de entrevistas coletivas, na participação em talk shows, em ensaios fotográficos, nos deslocamentos de costa a costa, nas festas para "fazer amigos e influenciar pessoas", nas premiações em festivais mundo afora que antecederam ao Oscar. Some-se a isso o fato de que Fernanda Torres leva algumas horas a mais que seus colegas homens fazendo cabelo, maquiagem e prova de modelitos de tirar o fôlego, e teremos uma ideia do tamanho da empreitada.

De forma insidiosa, falando de família, por intermédio de uma personagem feminina maternal, deixando a violência pairar opressivamente sem nunca explicitá-la, Salles, fiel ao tom do livro de Marcelo Rubens Paiva, criou seu cavalo de Troia. Perfurou barreiras que têm impedido que o contraditório compareça nas discussões, cada vez mais empobrecidas por cancelamentos e outras formas de violência.

O filme renovou a discussão sobre os desaparecidos na ditadura militar, o destino de seus algozes e a obscena ideia de anistia que nos trouxe até aqui. Foi responsável por apresentar à nova geração algo que lhes parecia anacrônico e improvável. Filme certo, na hora certa, que cumpriu uma função muito maior do que se podia prever e que está longe de dizer respeito só ao Brasil: a questão sobre a democracia se coloca para todos os governos mundiais. Se cabe à arte trazer reflexão, inspiração e alento diante das agruras de estar vivo, "Ainda Estou Aqui" ganhou em todas as categorias.

DOM. Antonio Prata SEG. Becky S. Korich / Giovana Madalosso
TER. Vera Iaconelli **QUA. Ilona Szabó de Carvalho** / Jairo Marques
QUI. Sergio Rodrigues SEX. Tati Bernardi
SAB. Oscar Vilhena Vieira / Luís Francisco Carvalho Filho

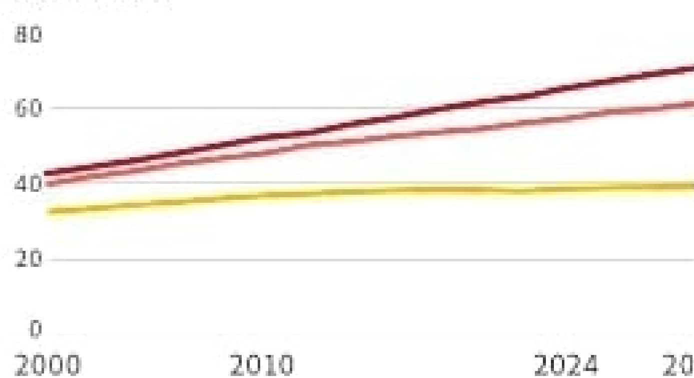
Eufrázio

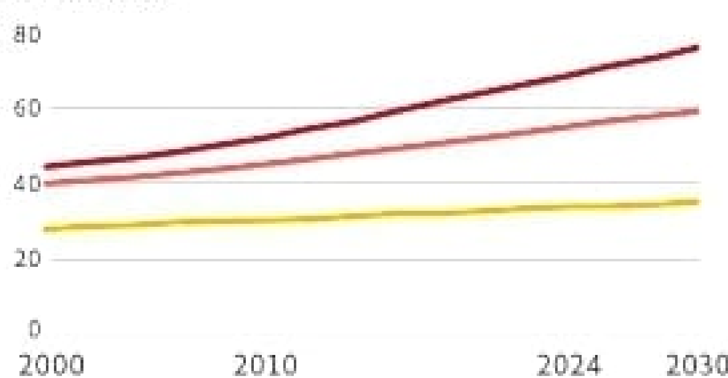
saúde

Prevalência de sobrepeso e obesidade no Brasil ao longo do tempo

Índice Massa Corporal, kg/m²

- 25-30
- 31-35
- Mais de 35





Fonte: Atlas Mundial da Obesidade 2025, da Federação Mundial da Obesidade

Brasil pode ter 119 milhões de adultos acima do peso em 2030

Se número for confirmado, aumento será de 50% em relação ao observado em 2015, de acordo com o Atlas Mundial da Obesidade

Luana Lisboa

SÃO PAULO Dados do Atlas Mundial da Obesidade divulgados nesta segunda (3) mostram que o número de brasileiros com mais de 18 anos vivendo com obesidade deve crescer em ritmo acelerado até 2030. Segundo o documento da Federação Mundial da Obesidade, estima-se que 68% dos adultos do Brasil tenham alto IMC (Índice de Massa Corporal).

O IMC é considerado elevado quando está acima de 25 kg/m2, o que indica sobrepeso. Quando passa 30 kg/m2, configura obesidade. Em 2030 poderão ser 119 milhões de adultos (55,8 milhões de homens e 63,3 milhões de mulheres) com IMC alto no Brasil.

A obesidade é impulsionadora de doenças não transmissíveis como câncer, derrame, diabetes tipo 2 e doenças cardíacas.

Presidente da Federação Mundial da Obesidade, Simon Barquera diz que mais pessoas morrem devido à obesidade do que em acidentes de trânsito. "Ficaríamos horrorizados se um país não tivesse uma política para reduzir as fatalidades nas estradas, mas muitos governos não têm um plano para reduzir a morte e a doença causadas pela obesidade."

Os pesquisadores reforçam que a obesidade não é apenas uma questão individual. Segundo Fábio Trujilho, presidente da Abeso (associação Brasileira para o estudo da obesidade), estudos mostram que no Brasil a condição tem relação com menores níveis de educação e renda. Isso significa que não basta indicar que as pessoas comam de forma saudável, é necessário que o alimento nutritivo seja mais acessível do que os ultraprocessados.

"Estamos vivendo em um ambiente obesogênico, em que o sedentarismo prevalece, em que o ultraprocessado é mais barato, em que andar na rua é perigoso. Hoje você vê pessoas só falando em emagrecimento com drogas. Não que os medicamentos não sejam importantes, mas é preciso pensar além", diz Trujilho.

Tony Bellotto, dos Titãs, recebe diagnóstico de câncer no pâncreas e passará por cirurgia

SÃO PAULO Tony Bellotto, guitarrista dos Titãs, afirmou nesta segunda-feira (3) que está com câncer no pâncreas e que passará por uma cirurgia. O músico de 64 anos compartilhou o diagnóstico e informações sobre seu tratamento em um vídeo nas redes sociais.

Bellotto disse que vai se afastar dos palcos durante os tratamentos, mas os Titãs seguirão cumprindo sua agenda. Ele será substituído pelo músico Alexandre de Orio.

A banda também emitiu uma nota, informando que Bellotto descobriu a doença ao fazer um exame de rotina. "Logo que eu me recupere, vou retornar aos shows e às minhas atividades profissionais", disse.


O músico Tony Bellotto durante lançamento de livro no Copan, no centro da capital paulista Ronny Santos · 27.ago.24/Folhapress

O artista também pediu que os fãs "não sofram", afirmou que está confiante no tratamento e que se inspira em Branco Mello, seu colega dos Titãs, que também teve câncer. No ano passado, ele foi submetido a uma cirurgia para a remoção de um tumor em uma das amígdalas e, antes, tratou a doença na borda da língua e na laringe.

"Estou tranquilo e confiante, enfrentando tudo com coragem e dignidade. Inspirado pelo nosso querido Branco Mello, que agora está aí tocando, cantando e se divertindo nos shows. Nos vemos em breve."

O grupo de rock, que fez uma turnê pelo Brasil afora com 47 shows celebrando seus 40 anos no ano retrasado, hoje conta com Branco Mello e Sérgio Britto, além de Bellotto, agora afastado.


Divulgação/TJSP

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

DIRCEU DE MELLO (1929 - 2025)

Combateu o Esquadrão da Morte na década de 1960

Promotor desistiu do sonho da mãe para se tornar um dos maiores juristas do país

Claudinei Queiroz

SÃO PAULO Em plena ditadura militar, nos anos 1960 e 1970, o então promotor público Dirceu de Mello fazia parte da equipe do Ministério Público de São Paulo comandada por Hélio Bicudo para combater o Esquadrão da Morte, um grupo paramilitar que contava com a cumplicidade do regime para assassinar supostos criminosos.

Ele próprio e a família foram intimidados e ameaçados de morte, mas o trabalho de investigação fez com que fosse possível a denúncia do grupo formado por policiais, membros do Poder Executivo, do Poder Judiciário e do empresariado. Um dos denunciados foi o delegado Sérgio Fernando Paranhos Fleury, considerado o líder do esquadrão.

Nascido em 1929 em Itapetininga, no interior de São Paulo, Dirceu era filho dos professores Albertina e Mauro de Mello, e tinha três irmãos. Aos 17 anos, foi para a capital paulista para se inscrever no curso de medicina na USP, o grande sonho da mãe, mas acabou de inscrevendo na Faculdade de Direito da USP.

Após formado, foi aprovado em concurso para o Ministério Público, no qual atuou de 1952 a 1979 em diversas cidades do interior paulista. Em 1979, ingressou na magistratura como juiz do Tribunal de Alçada Criminal de São Paulo e, em 1981, tornou-se desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo do qual foi presidente em 1998 e 1999.

O QUE FAZER EM CASO DE MORTE
Serviço Funerário Municipal de São Paulo
Central 156
Tel. (11) 3396-3800; prefeitura.sp gov.br/servicofunerario
Anúncio pago na Folha
Tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.
Aviso gratuito
folha.com/mortes. Até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos).

Dirceu foi também professor de direito penal na USP e na PUC-SP, onde lecionou nos cursos de graduação e pós-graduação. Foram 45 anos na instituição, na qual ocupou diversos cargos de gestão, incluindo a direção da Faculdade de Direito, e reitor da universidade de 2009 a 2012.

"Era um grande orador e nos debates e discursos sempre falava que o seu coração batia PUC-PUC-PUC", diz o neto Carlos Alberto Pereira Leitão Junior, também promotor de Justiça.

Quando cursava o último ano de direito, ele conheceu Therezinha Balester de Mello em um clube local. Ela fazia contabilidade na Fecap (Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado). Casaram-se em 1955 e tiveram cinco filhos: Maria Cecília, Ana Lúcia, Fernando, Maria Teresa e Ana Cristina.

"Nos momentos de lazer ele gostava de ir para uma pequena chácara em Ibiúna (SP), onde adorava manter contato com a natureza", diz Carlos Junior.

Dirceu de Mello morreu aos 95 anos no dia 24 de fevereiro, em São Paulo, de causas naturais. Deixa a mulher, os cinco filhos, dez netos, dez bisne (mais um a caminho), uma irmã e uma cunhada.



Volante França disputa a bola durante partida contra o ABC pelo Campeonato Potiguar Raphael Oliveira/Divulgação

Primeiro time vegano do Brasil estreia na elite potiguar com aposta em medalhões

Laguna SAF está invicto na 1ª divisão do Rio Grande do Norte e tem no elenco volante França, ex-Palmeiras, e atacante Bill, ex-Corinthians

Lucas Bombana

SÃO PAULO Volante com passagens por Palmeiras, Figueirense, Criciúma e Hannover-ALE, o experiente França, 33, recebeu no fim do ano passado um convite para defender o pequeno time do Laguna, SAF (Sociedade Anônima do Futebol) sediada em Tibau do Sul, no Rio Grande do Norte, que então disputava a segunda divisão do Campeonato Potiguar.

Uma preocupação inédita que surgiu em um primeiro momento foi relacionada à alimentação, pelo fato de o Laguna ser o primeiro time de futebol profissional vegano do Brasil.

"Quando me fizeram a proposta de vir para o Laguna, na minha cabeça imaginava que a alimentação era só folha, por ainda não ter conhecimento a respeito. Venho de uma cultura onde a carne é a única fonte de proteína que o atleta precisa. Claro que, quando cheguei, vi que a comida é normal. Arroz, feijão, macarrão, mandioca, salada. A única coisa que não tem é a proteína de origem animal, mas tem a proteína de soja que, somada a outras suplementações, ajuda muito no dia a dia", afirma o jogador à **Folha**.

Ele acrescentou que, ao passar a adotar a alimentação vegana, se adaptou mais rápido do que imaginava à dieta e sentiu que seu desempenho físico melhorou.

"Tenho me surpreendido com o que tenho feito dentro de campo. No ano passado, joguei todos os jogos e não saí nenhum minuto e, neste ano, está sendo a mesma coisa. A minha recuperação está sendo muito boa."

O resultado esportivo atribuído à alimentação vegana foi tão positivo que ele passou a seguir o cardápio sem proteína animal também em casa.

"Apesar de ter 33 anos, ainda tenho muita coisa pela frente no futebol e preciso focar a minha condição física", afirma o volante.

Com a braçadeira de capitão, França guiou o Laguna ao título da segunda divisão do Potiguar no ano passado, conquistando o acesso à elite do estado.

Com seis gols, o artilheiro do time na campanha de acesso foi outro rosto conhecido, o atacante Bill, 40, com passagens por Corinthians, Santos, Coritiba e Ceará.

"Para mim, os primeiros meses foram muito difíceis para se adaptar à comida, que é muito diferente, e às vezes a gente sente falta de uma carne", disse o atacante, que esteve nos últimos anos no futebol tailandês.

"Mas as cozinheiras do clube ajudam bastante e estão de parabéns pela comida, pelo tempero. E a dieta também ajudou a perder um pouco de peso, porque eu estava meio pesadinho", disse o jogador, que já se tornou o maior artilheiro da história do Laguna, com 10 gols em 18 partidas.

Em sua estreia na primeira divisão potiguar, o Laguna ainda não sabe o que é perder. São até aqui cinco empates, incluindo contra os dois grandes do estado, ABC e América-RN, e quatro vitórias. O clube está classificado às semifinais, tendo pela frente o ABC nos dias 8 e 15 de março.

"Por onde passo, trago títulos. Acho que todo mundo tem que ter a ambição de ter títulos, porque o jogador só é reconhecido com conquistas", diz Bill.

Ele diz ainda estar se adaptando à pequena cidade de Tibau do Sul, que tem apenas 17 mil habitantes e é mais conhecida pela Praia de Pipa. "Chega sete, oito da noite e já está tudo fechado, mas é uma cidade bem gostosa, com uma população que nos acolheu muito bem."

Fundador e CEO do Laguna, Gustavo Nabinger afirma que, ao decidir iniciar as atividades do Laguna, optou pelo veganismo por ser uma dieta que ele segue há anos. "Nossa ideia é acabar com o preconceito e levar informação para as pessoas. Mostrar que, se você é atleta e tem medo de adotar uma dieta vegana por conta de performance, pode ficar tranquilo."

Ex-jogador e treinador de times de base, Nabinger diz que o objetivo traçado para o clube é alcançar a Série A do Campeonato Brasileiro até 2032, quando a agremiação completa dez anos.

A opção pela camisa rosa, acrescenta, foi por ser uma cor pouco usual no futebol, que ainda não era usada por nenhuma grande equipe do país. "Quando começamos, ninguém falava do Inter Miami", diz, em referência ao time que ganhou os holofotes após contratar Lionel Messi.

Até aqui, foram investidos cerca de R$ 4 milhões no clube, entre capital próprio, de sócios e empréstimos. O CEO diz que pretende arrecadar entre R$ 1 milhão e R$ 1,5 milhão em uma campanha de crowdfunding recém-aberta e não descarta nem a abertura de capital (IPO, na sigla em inglês) do time na Bolsa de Valores.

"Nosso valuation [valor estimado do negócio] já é cinco vezes maior do que o investido. É um bom investimento", afirma.

Oscar com jeitinho de Copa do Mundo

Agora só temos um Oscar a menos que a Argentina, e dois Mundiais a mais

Sandro Macedo

Medalha de ouro no futsal (improvisado no gol) e no vôlei do ensino fundamental em 1986; na Folha desde 2001

Domingo, 2 de março de 2025. Foi um dia histórico. No meio do Carnaval, o Brasil finalmente ganhou o Oscar de melhor filme internacional com "Ainda Estou Aqui", do botafoguense Walter Salles, desencadeando uma comoção quase no estilo de Copa do Mundo. Quase.

Não chegaram a pintar as ruas, mas deu tempo de levarem máscaras de Fernanda Torres para os blocos e fazerem bonecão da atriz em Olinda.

Na mesma noite, teve também a primeira estatueta para a Letônia, com a animação "Flow". Paul Tazewell se tornou o primeiro homem negro a vencer um Oscar de figurino. E Pedro Raul marcou um gol em sua estreia pelo Ceará, após apenas dez minutos em campo, contra o Maracanã. Se você não pode marcar um gol no Maracanã, que seja contra o Maracanã, jovem time de Maracanaú. O feito de Pedro Raul, que já igualou sua campanha do Paulistinha, passará despercebido pela maioria diante do quadro geral —não por esta coluna.

Em um ano em que os cinemas não deram pelota para a transmissão do Super Bowl, o Oscar ganhou exibição em algumas salas. E este humilde escriba esteve presente no Cinesystem Frei Caneca para acompanhar a cerimônia e a torcida dos populares.

Para chegar ao cinema, tive que descer do carro e atravessar um bloco a pé. Foi a chance de bater o olho na TV dos bares e checar quem estaria ganhando a batalha das transmissões, o Oscar (já começando) ou o Santos de Neymar, que enfrentava o Bragantino. Nem um nem outro. O Carnaval.

Quando chegou a hora, a tensão era de decisão por pênaltis. E quando Penélope Cruz apitou gol, o estádio, quer dizer, o cinema pulou e gritou como em vitória de Copa. Pessoas se abraçavam e choravam

Já vi jogo de futebol em sala de cinema: um horroroso Brasil 0 x 0 Portugal, na Copa de 2010. Foi um jogo tão sem graça quanto "Um Completo Desconhecido". Se fosse em sala VIP, renderia sonecas.

Desta vez, não. Os jovens espectadores levaram vuvuzela (outra maldição de 2010) e vibravam como se estivessem no estádio. A noite tinha um vilão definido. A cada menção a "Emilia Perez", vaias e xingamentos na sala. Nem a coitada, e talentosa, coadjuvante Zoe Saldaña foi poupada —aliás, algum dia alguém vai me explicar por que Saldaña era a coadjuvante, e não a atriz principal.

Recebi óculos de plástico com armação em verde e amarelo e pulseirinha da mesma cor. Falei para a moça animada que me presenteou que estava tenso. Achava difícil bater "Emilia" entre os estrangeiros.

Ela tentou me motivar. "Vai dar certo, vamos torcer." Fernanda, então... Apesar do meu amor, no bolão fui de Demi Moore (não disse isso para a moça).

Quando chegou a hora, a tensão era de decisão por pênaltis. E quando Penélope Cruz apitou gol, o estádio, quer dizer, o cinema pulou e gritou como em vitória de Copa. Pessoas se abraçavam e choravam.

Me senti o torcedor do pequeno Leicester vencendo a Premier League de 2016 diante dos poderosos Arsenal (uhu), Manchesters e Chelsea.

Mas não tinha acabado. Pouco depois veio o Oscar de melhor atriz. A vitória em filme internacional me fez pensar no bolão. Chegou a juíza Emma Stone. Demi ou Fernanda?... E deu Mikey Madison, por "Anora", o que me fez rir alto, e sozinho. Parecia um gol com claro impedimento.

No fim, todos saíram felizes com os três pontos. Agora só temos um Oscar a menos que a Argentina, e duas Copas a mais. Papa não entra na conta.

DOM. Tostão, Juca Kfouri SEG. Juca Kfouri
TER. Sandro Macedo **QUA. Tostão** QUI. Juca Kfouri
SEX. No Corre/O Mundo é uma Bola SAB. Marina Izidro



Grupos se preparam para desfile no Carnaval de Luanda, uma das maiores festas da Angola

O tema do cortejo deste ano é o 50º aniversário da independência do país, proclamada em 1975; uma celebração da cultura local, a festa tem duração de três dias Marco Longari/AFP

TUDO + UM POUCO

Carolina Muniz
Jornalista e autora do blog Tudo + um pouco

Como limpar vidros sem deixar manchas?

Evitar o uso de receitas caseiras e de produtos abrasivos ajuda a prevenir danos em janelas e espelhos; edição da newsletter traz alguns cuidados para a limpeza

Na internet, é possível encontrar diversas receitas para limpar vidros e espelhos. Mas é bom ter cuidado, porque algumas delas podem causar manchas e riscos.

A seguir, veja as orientações de João Pedro Fidelis Lúcio, responsável técnico da rede de limpeza residencial e empresarial Maria Brasileira, para realizar a tarefa do jeito certo.

*

PASSO A PASSO PARA LIMPAR VIDROS DA FORMA CORRETA

1. Para remover a sujeira mais grossa, jogue água nos locais em que for possível. Ou, então, passe uma flanela de microfibra seca de maneira leve, só para tirar o excesso de pó;
2. Aplique detergente neutro incolor em uma esponja umedecida (o ideal é que ela seja própria para a limpeza de itens delicados);
3. Esfregue o vidro em movimentos circulares;
4. Faça o enxágue. Se não der para jogar água, coloque um pano na base do vidro e passe um rodinho de pia de cima para baixo (limpe o utensílio antes de usá-lo). Borrife água e repita o mesmo processo até remover todo o produto;
5. Seque o vidro com um rodinho ou de um pano de microfibra;
6. Se quiser dar mais brilho à superfície, finalize com limpa-vidros. Aplique-o com papel-toalha ou pano de microfibra. No caso do box do banheiro, o especialista indica fazer uma desinfecção depois de lavá-lo. Dilua água sanitária na proporção recomendada pelo fabricante, borrife no vidro e espalhe com papel-toalha.

Com que frequência devo fazer a limpeza?

A frequência da limpeza varia de acordo com a rotina de cada casa. De modo geral, ela deve ser feita: uma vez por semana, no box do banheiro e espelhos; e duas vezes por mês para a limpar as janelas.

Importante: ao limpar janelas, nunca coloque o corpo para fora para alcançar as partes externas. Há no mercado cabos extensores para a limpeza de vidros que facilitam essa tarefa.

Posso limpar direto com limpa-vidros?

Não é recomendado. Apesar do nome, o produto deve ser usado apenas como um finalizador, orienta Lúcio. "O limpa-vidros tem na sua formulação partículas que vão dar brilho, espelhamento para o vidro. Se tiver uma sujeira muito grossa, o produto vai agrupar toda essa sujeira e, dependendo do volume, isso pode até riscar o vidro."

Como evitar manchas e riscos?

Não faça a limpeza se estiver batendo sol no vidro e ele estiver quente. A aplicação de produtos nessa condição pode causar manchas;

- Use sempre panos limpos, de preferência de microfibra;
- Não esfregue o vidro com o lado verde da esponja ou jornal;
- Não utilize produtos abrasivos, como removedores;
- Cuidado com receitas caseiras que misturam diversos produtos;
- Enxágue até retirar todo resíduo de detergente;
- Sempre seque bem o vidro. Ao evaporar, a água pode deixar resíduos minerais, provocando manchas.

Dá para remover riscos e manchas?

Dependendo do tipo de dano, é possível recuperar o vidro. Mas Lúcio indica buscar um profissional especializado para fazer a avaliação. Ele explica que há muitos produtos no mercado que prometem tirar manchas e não resolvem, além de outros que podem acabar estragando ainda mais o material se não forem usados corretamente.

A frequência da limpeza varia de acordo com a rotina de cada casa. De modo geral, ela deve ser feita: uma vez por semana, no box do banheiro e nos espelhos; e duas vezes por mês na limpeza de janelas



Acesse o QR Code para se inscrever



Espécie não deve ficar sob sol forte
Roberto Assunção/Folhapress

Jardinagem
comigo ninguém pode

Popular nas casas brasileiras, a comigo-ninguém-pode é uma planta muito tóxica. Por isso, deve ficar longe do alcance de crianças e animais de estimação. Veja abaixo algumas dicas para o cultivo:

- **Luz** Vai bem perto de uma janela, recebendo iluminação de forma indireta. Não deve ficar sob sol forte.
- **Rega** Pode ser molhada duas vezes por semana no verão e uma no inverno. Mas, para saber de fato o momento certo, enfie o dedo na terra. Se ainda estiver muito úmida, não regue.
- **Adubo** Use NPK 10-10-10 (nitrogênio, fósforo e potássio), de acordo com as orientações do fabricante. Na primavera e no verão, a adubação pode ser feita uma vez por mês. Já no outono e no inverno, o intervalo aumenta para 45 dias.
- **Dica** Se a folha estiver amarelada, pode ser sinal de excesso de luz ou de rega.

ilustrada

FOLHA DE S.PAULO ★★★
TERÇA-FEIRA, 4 DE MARÇO DE 2025 B1



Fernanda Torres veste Chanel para a cerimônia do Oscar
Mariana Maltoni/Divulgação

E agora, Fernanda?

Mesmo sem levar o Oscar, que preferiu manter sua tradição de premiar as novatas, Fernanda Torres arrebatou Hollywood e pode seguir a rota trilhada pelas atrizes europeias Leia na pág. B2



Fernanda Torres pode fazer filmes em Hollywood após campanha ao Oscar

Atriz perdeu o troféu, mas cativou diretores e produtores e tem a chance de seguir o caminho de artistas europeias que se dividem entre seus países e os Estados Unidos

Alessandra Monterastelli

SÃO PAULO Ainda que tenha perdido o Oscar de melhor atriz na noite deste domingo, Fernanda Torres já é queridinha de Hollywood. Ela cumpriu uma agenda árdua para a divulgação de "Ainda Estou Aqui" nos últimos meses e, apesar de ter sido preterida por Mikey Madison, de "Anora", veio conquistando diretores e produtores americanos que a podem escalar para futuras produções.

Com uma careira prolífica, ela provou dominar todos os gêneros ao equilibrar papéis cômicos, caros ao público brasileiro, e dramas exigentes, como "Eu Sei que Vou te Amar", "O que É Isso, Companheiro?" e, agora, "Ainda Estou Aqui", que a lançaram ao mundo.

O caso de Torres é especial. Outras atrizes latino-americanas que seguiram carreia internacional já moravam nos Estados Unidos antes da indicação ao Oscar, penando para alcançar papéis de protagonismo, e chegaram ao prêmio com filmes americanos.

É o caso de Salma Hayek, que em 2003 concorreu à estatueta de atriz por "Frida". Ela já havia feito "Um Drink no Inferno", de Quentin Tarantino, e o faroeste "A Balada do Pistoleiro". Ana de Armas, última latina a concorrer antes de Torres, também já tinha carreira em Los Angeles quando competiu com "Blonde", sobre Marilyn Monroe. Catalina Sandino Moreno não tinha experiência prévia em Hollywood quando concorreu com o colombiano "Maria", em 2005. Foi cooptada, mas relegada a papéis menores em filmes de gênero, como policiais. Foi como Yalitza Aparicio, que não estrelou filmes americanos depois da comoção gerada por sua indicação com "Roma", de Alfonso Cuarón.

Não seria estranho se a atriz Fernanda Torres seguisse os mesmos passos da atriz francesa Isabelle Huppert, que jamais ganhou um Oscar, mas mesmo assim é considerada por muitos como a diva do cinema mundial

Continua na pág. B3

Continuação da pág. B2

Mas elas todas passaram pela corrida discretamente, diferente de Fernanda Torres, que cativou a simpatia americana com desenvoltura e piadas em programas de auditório, ensaios fotográficos e entrevistas a alguns dos jornais e programas de televisão mais importantes dos Estados Unidos. Foi capa da Variety e da The Hollywood Reporter —que afirmou que a brasileira já era uma vencedora, mesmo sem a estatueta, por levar o cinema brasileiro tão longe.

Sua mãe, Fernanda Montenegro, não chegou nem perto de causar o mesmo rebuliço em terras estrangeiras há 26 anos, quando foi a primeira latino-americana a concorrer na categoria de melhor atriz com um filme não falado em inglês.

Mas Torres chegou aos holofotes em tempos mais propícios para brasileiros em Hollywood, com a indústria mais interessada em artistas não americanos. Rodrigo Santoro e Alice Braga, por exemplo, são nomes conhecidos em Los Angeles e contam com vários blockbusters no currículo, como "300" e "Esquadrão Suicida". Recentemente, Seu Jorge e Gabriel Leone fizeram longas assinados por diretores renomados, como Wes Anderson e Michael Mann, e Wagner Moura foi a estrela de um dos filmes mais ambiciosos do ano passado, "Guerra Civil" —o ator se mudou para os Estados Unidos, inclusive.

Torres já disse que não pretende tentar a vida em Los Angeles. Ela chegou ao Oscar com uma carreira muito mais consolidada em seu país de origem do que Salma Hayek, Ana de Armas e Catalina Sandino Moreno. Sua trajetória lembra mais a de Marion Cotillard, que já era querida na França quando conquistou os Estados Unidos durante a campanha de "Piaf" para o Oscar —ela, inclusive, foi coroada melhor atriz.

Cotillard ainda é um rosto popular em produções francesas, mas vem estrelando vários filmes americanos desde a sua vitória.

Como sua mãe, Torres demonstrou estar mais interessada em voltar a trabalhar no Brasil, onde já tem uma carreira consolidada. A decisão combina com o seu desejo de contribuir com a cultura brasileira, uma espécie de ideal que ela cultiva desde a juventude.

Ela afirmou, depois de vencer o Globo de Ouro de melhor atriz, algo que pegou todos de surpresa, que não separa carreira internacional e nacional e que faria um filme americano apenas se fosse seduzida pelo papel. No domingo, em entrevista no tapete vermelho do Oscar, disse que adoraria participar de um remake de "O Jovem Frankenstein".

Segundo o produtor Rodrigo Teixeira, a versatilidade de Torres pode levar a atriz a qualquer tipo de papel que ela seja convidada a representar, em qualquer lugar.

A atriz pode, ainda, seguir os passos de Isabelle Huppert, que, vale lembrar, jamais ganhou um Oscar, mesmo sendo considerada a diva do cinema mundial. Apesar de participações pontuais em Hollywood, a francesa priorizou filmes de seu país, onde já era considerada uma das primeiras damas da atuação e sempre pôde escolher os papéis que desejava.



Fernanda Torres no Oscar
Fotos Mariana Maltoni/Divulgação

PLÁSTICO

Brasil e Amazônia estarão no centro da Arco, em Madri

Feira espanhola retoma sua dianteira do mercado latino com holofotes para o país

Silas Martí
silas.marti@grupofolha.com.br

Em pleno Carnaval e na ressaca de um Oscar que mobilizou todo o país, outros brasileiros têm os olhos voltados para Madri. A capital espanhola é o destino obrigatório de galeristas atrás de uma espécie de abre-alas mais potente de vendas neste ano, que andam devagar mesmo depois da Frieze, numa Los Angeles destruída pelos incêndios de janeiro, e da Zona Maco, numa Cidade do México mais morna, os dois grandes eventos do calendário até o momento.

Serão 20 casas brasileiras na Arco, uma presença recorde numa feira que já foi a principal porta de entrada de artistas latino-americanos no mercado europeu, foi perdendo relevância com os anos e agora parece retomar seu prestígio ante a gigantesca Art Basel Miami Beach, sua maior rival no planeta, no xadrez global da arte latino-americana. É uma espécie de retorno em grande estilo do primeiro escalão das casas do país a um evento que há décadas tem projetado o melhor da arte da região para o resto do planeta.

E parece que estenderam mesmo um tapete vermelho, convidando Denilson Baniwa para orquestrar toda uma seleção de artistas em grande parte indígenas ou que retratam a Amazônia em seus trabalhos. Nessa seleção, a galeria Danielian leva peças históricas de Anna Bella Geiger, com valores de R$ 30 mil a R$ 250 mil, e a Carmo Johnson Projects mostra trabalhos do coletivo Mahku, grande estrela da última Bienal de Veneza, na Itália, e Naine Terena. Já a galeria Vermelho terá trabalhos de Claudia Andujar, figura central na demarcação das terras yanomamis e uma das maiores ativistas do país.

Na Millan, mais nomes indígenas e ecos da Bienal de Veneza. A galeria paulistana que acaba de ser incorporada ao império que o grupo Almeida & Dale vem construindo terá trabalhos de Daiara Tukano e Gustavo Caboco, um dos artistas que organizou o pavilhão brasileiro na última mostra italiana.

Feira terá ainda obra clássica de León Ferrari, reflexo da briga do artista visual argentino com a figura do atual papa Francisco

ARTE DO ENCONTRO Galeria do mesmo grupo com sede em Goiânia, a Cerrado destaca os artistas do projeto Sertão Negro, escola artística fundada por Dalton Paula, um dos nomes mais celebrados do país.

MAIS DUPLAS Outros encontros marcam a seleção das galerias. Enquanto a paulistana Marcelo Guarnieri opõe as pinturas de Alice Shintani às esculturas de Liuba, uma artista que vem chamando mais a atenção no mercado internacional, a Raquel Arnaud também faz um confronto de gerações, contrastando desenhos de Carla Chaim às esculturas de Waltercio Caldas, um dos grandes mestres da arte conceitual do país, obras avaliadas entre R$ 30 mil e R$ 370 mil. Na Luciana Brito, pai e filha, Analivia Cordeiro e Waldemar Cordeiro, também se encontram, em peças que vão de R$ 30 mil a R$ 4,7 milhões.

O PAPA É POP Outra seleção de obras que chega à feira, num momento noticioso oportuno, ou infeliz, é uma série de trabalhos do artista argentino León Ferrari, na Gomide&Co, inspirados por sua oposição aos desmandos da Igreja Católica, isso quando Jorge Bergoglio, o atual papa Francisco, dava as cartas em Buenos Aires. Entre as peças está "A Civilização Ocidental e Cristã", escultura que retrata Cristo crucificado na fuselagem de um caça de guerra, avaliada em cerca de R$ 530 mil.

ESPACIAL Uma obra de Eduardo Kac, a minúscula escultura "Adsum", fez uma viagem bem mais longa do que de Chicago, onde vive o artista brasileiro, a Madri. Ela foi levada à Lua por módulo espacial da empresa Firefly Aerospace, num voo de R$ 600 milhões a serviço da Nasa, e estará à venda na Arco por R$ 190 mil.

Mikey Madison nos lembra as manias e os preconceitos que rondam todo Oscar

Análise

Atriz de 'Anora' desbancou Demi Moore e Fernanda Torres com um perfil bem mais jovem e americano, historicamente celebrado pelos votantes do prêmio



A atriz Mikey Madison em cartaz do filme 'Anora', de Sean Baker, vencedor do Oscar Divulgação

Leonardo Sanchez
Repórter de cinema da Ilustrada

SÃO PAULO Uma atriz que já teve popularidade arrebatadora envelhece, cai em desgraça e é preterida por uma bem mais nova, com seu senso de novidade e ar misterioso. A vida imitou a arte na última noite de Oscar, que pareceu repetir a trama do filme "A Substância" ao premiar Mikey Madison, de "Anora", em vez das favoritas Demi Moore ou Fernanda Torres.

Afinal, como uma desconhecida de 25 anos conseguiu desbancar as duas atrizes que vinham dominando a temporada, uma respeitadíssima e com um discurso de volta por cima irresistível e outra que arrebatou Hollywood com seu carisma, num papel que se encaixa nas preferências históricas da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas?

Moore, aos 62 anos, vinha ganhando boa parte dos troféus que servem de termômetro para o Oscar com "A Substância". Torres, aos 59, era a nova descoberta e obsessão da mídia na temporada de premiações com "Ainda Estou Aqui". Madison, por sua vez, nem garantida entre as indicadas era, há menos de dois meses.

Sua vitória, porém, diz mais sobre a Academia do que sobre sua performance —boa, mas longe de inesquecível, ao contrário das outras duas. Madison tem currículo modesto, com menos de uma dezena de papéis, pouco expressivos, em longas-metragens.

Nascida em Los Angeles, Mikaela Madison Rosberg já quis seguir carreira no hipismo, mas, criada no seio do cinema, mudou de ideia ao aparecer em curtas no início dos anos 2010. Não trabalhou com nenhum diretor de peso até ser escalada para viver uma integrante da família Manson em "Era Uma Vez em... Hollywood", de Quentin Tarantino —e foi incinerada viva por Leonardo DiCaprio em seu final catártico.

Em "Pânico", de três anos atrás, viveu outra psicopata, Amber Freeman, e depois integrou o elenco das séries "Better Things" e "A Informante", ambas de alcance bastante limitado. Então veio "Anora", e aí tudo mudou.

Neste domingo, o Oscar reforçou que ainda está preso a preconceitos e preferências do passado, por mais que tente se renovar com políticas como a diversificação de seus votantes. Mais importante, mostrou que não está imune ao etarismo que assola a indústria, retratado em "A Substância" e tão lembrado por atrizes de peso, como Nicole Kidman e Meryl Streep, que urgem o cinema e a televisão a criar bons papéis para mulheres acima de 40 anos de idade, as "lobas".

Em quase um século de história, apenas 30 mulheres com mais de 40 anos venceram o Oscar de melhor atriz, enquanto 63 atores na mesma faixa etária o fizeram. Adrien Brody, que recebeu sua segunda estatueta neste ano, é o único homem abaixo dos 30 anos a triunfar em melhor ator, enquanto 18 mulheres, contando agora com Madison, o fizeram. Os dados são de um levantamento da emissora Sky News.

Olhando para os números, parece delírio pensar que Moore tinha chances reais. Sua campanha perde força também ao lembrarmos a resistência da Academia em premiar filmes de gênero.

Não à toa, "A Substância", um terror com o agravante de seguir a linha "body horror" —filmes que causam espanto a partir da violação explícita do corpo humano— teve de se contentar com a estatueta de cabelo e maquiagem, apesar de competir, entre outras, nas prestigiosas filme, direção e roteiro original.

A mera indicação de Moore era um teste da elasticidade das normas informais da Academia, já que são várias as atrizes elogiadas por trabalhos de terror que ficaram de fora do prêmio. Em anos recentes, são exemplos notáveis Lupita Nyong'o, por "Nós", e Vera Farmiga, por "Invocação do Mal".

Na categoria de melhor filme, "A Substância" engordou uma franzina lista de terrores indicados, composta por "Amargo Pesadelo", "O Exorcista", "Tubarão", "O Silêncio dos Inocentes", "O Sexto Sentido", "Cisne Negro" e "Corra!".

No caso de Fernanda Torres, o desafio era maior. Um quarto de século depois de sua mãe, Fernanda Montenegro, perder para outra novinha da indústria, uma insossa Gwyneth Paltrow, então com 27 anos, ela também viu sua poderosa campanha ruir diante do clubinho de homens brancos, mais velhos, heterossexuais e americanos que continuam tendo peso enorme nos resultados das premiações do Oscar.

Se nem americanas conseguem driblar os preconceitos enraizados no corpo de votantes, imagine uma forasteira. Emma Stone, hoje aos 36, acabou com a festa de estrangeiras mais velhas em duas ocasiões. A primeira foi com "La La Land: Cantando Estações", ao levar o prêmio em cima de Isabelle Huppert, diva do cinema francês. A segunda, com o recente "Pobres Criaturas", em cima da alemã Sandra Hüller.

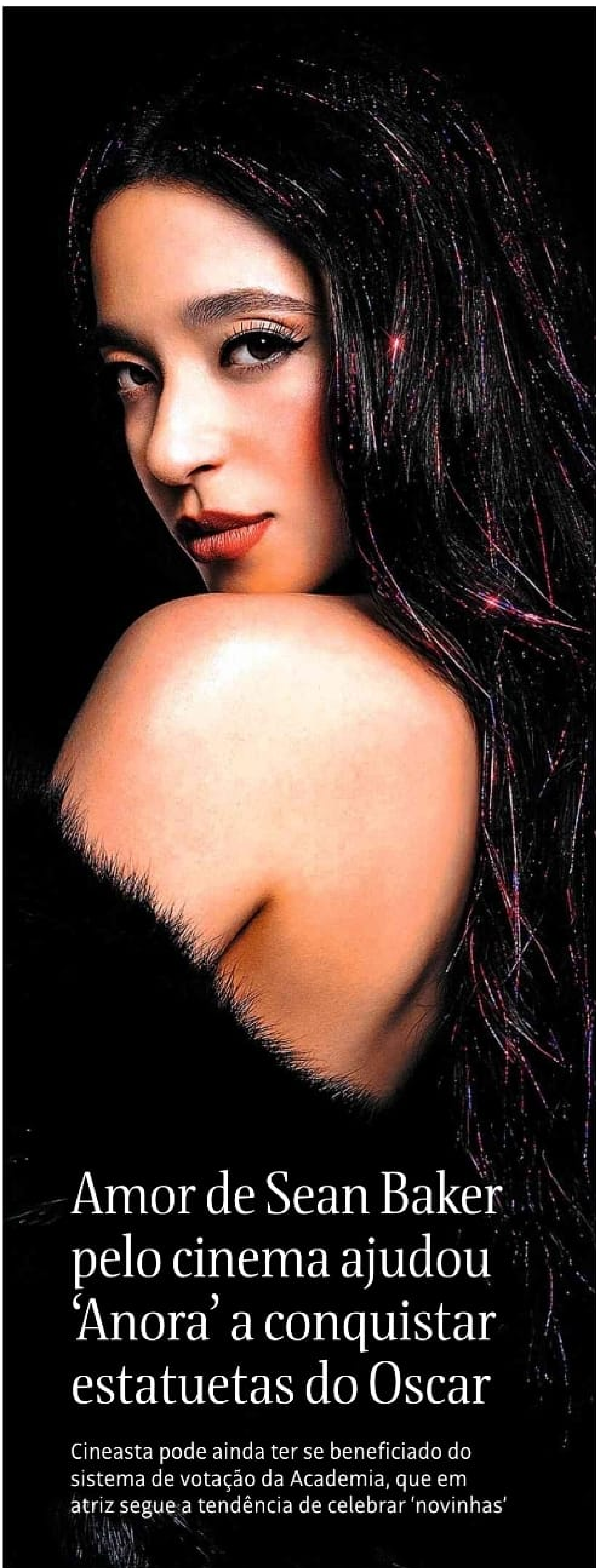
Outras grandes damas francesas, Emmanuelle Riva, por "Amor", e Catherine Deneuve, por "Indochina", são mais dois exemplos de peso entre as preteridas por atrizes americanas ou britânicas.

Torres parecia estar no caminho para quebrar o tabu e fazer justiça para a mãe e para o Brasil, que ainda sente o amargor da derrota de "Central do Brasil", mas não conseguiu, mesmo num papel que historicamente agrada aos votantes do Oscar.

A atriz, afinal, interpretou uma personagem real, precisou passar por uma transformação física ao perder peso e entregou uma performance que, apesar de contida, lançava mão de sentimentalismo. Tudo parte de uma receita que a Academia tende a recompensar.

Com um vestido num tom de rosa ironicamente parecido com aquele usado por Paltrow para aceitar seu Oscar na cerimônia de 1999, Madison frustrou os brasileiros, que pareciam estar mais empolgados em torcer por Torres em melhor atriz do que pelo próprio "Ainda Estou Aqui" em melhor filme ou filme internacional.

A história se repete, apesar de a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas dar sinais tímidos de que quer mudar. Eles só não valem tanto para mulheres.



Amor de Sean Baker pelo cinema ajudou ‘Anora’ a conquistar estatuetas do Oscar

Cineasta pode ainda ter se beneficiado do sistema de votação da Academia, que em atriz segue a tendência de celebrar 'novinhas'

A atriz Mikey Madison em cartaz do filme 'Anora', de Sean Baker Divulgação

Leonardo Sanchez

SÃO PAULO Não foi só Sean Baker que foi premiado na última noite de Oscar com "Anora". Ao dar sua principal estatueta ao filme, a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas celebrou também toda a comunidade cinematográfica, ao menos aquela mais "raiz".

Diante da crise mundial nas salas de cinema, a vitória de Baker em quatro categorias —melhor filme, direção, roteiro original e montagem— é também uma escolha por laurear um tipo de cinema específico, aquele que nasce com pretensão de chegar às telonas, ativista ao resistir às lógicas comerciais da indústria.

"Anora", afinal, é uma produção verdadeiramente independente, pouco interessada no streaming e que já havia encantado também o Festival de Cannes, outro guardião da experiência cinematográfica, de onde saiu com a Palma de Ouro. Vence na sequência de "Oppenheimer", longa de grande orçamento e de um grande estúdio, seu oposto, mas igualmente celebrado por levar o público de volta às salas.

Tanto que o clímax deste Oscar não veio na revelação do vencedor de melhor filme, mas na de direção. Ao subir ao palco para receber a estatueta, Baker entregou um discurso fortemente aplaudido, que mais pareceu um chamado para a união da classe cinematográfica contra aqueles que declaram, equivocadamente, uma suposta morte do cinema.

"Num momento em que o mundo parece estar dividido, ir ao cinema é mais importante do que nunca. É uma experiência comunitária que não se tem em casa. Neste momento, a experiência de ir ao cinema está sob ameaça. Cineastas, continuem fazendo filmes para a telona. Distribuidores, por favor, se concentrem, antes de mais nada, no lançamento em salas de cinema", afirmou, depois de apoiar seu Oscar no chão, dando ainda mais dramaticidade ao momento.

"Pais, apresentem filmes aos seus filhos em salas de cinema, e assim vocês estarão moldando a próxima geração de amantes de cinema e de cineastas. E, para todos nós, quando pudermos, por favor, vamos assistir a filmes nas salas, vamos manter essa grande tradição que temos viva e bem."

Mas não é só o apoio a um discurso corporativista que ajuda a entender a vitória de "Anora" em cinco categorias — melhor filme, direção, roteiro original, montagem e ainda melhor atriz, para Mikey Madison.

Pensando de forma mais pragmática, o longa provavelmente se beneficiou do sistema de votação da Academia, em que os membros inserem seus votos em ordem de preferência. Isto é, em vez de apenas eleger seu filme favorito, eles precisam elencar todos os longas indicados.

Isso prejudica produções que polarizam demais, como é o caso do campeão de indicações desta edição, "Emilia Pérez", que sofreu na mão dos votantes latino-americanos, e "O Brutalista", que agradou a uma ala mais conservadora, mas incomodou quem viu no filme de três horas e meia um delírio de grandeza.

Outros candidatos fortes eram "Conclave", que nas premiações que servem de termômetro parecia ter mais apoio europeu do que americano, e o próprio "Ainda Estou Aqui", que pode não ter sido levado a sério por uma ala relutante em abraçar produções estrangeiras nas categorias principais do Oscar.

"A Substância", "Wicked" e "Duna: Parte 2" encontraram resistência por serem filmes de gênero, já "O Reformatório Nickel" se abre para a diversidade e desagrada a uma parcela mais retrógrada. "Um Completo Desconhecido" era o único a seguir um padrão mais claro do que a Academia gosta, mas não há muito de especial nele.

"Anora", mesmo que tenha dividido opiniões, não rendeu grandes polêmicas ou despertou fortes aversões. Portanto, podemos supor que não foi puxado para baixo na maioria das listas de votantes. É um filme que agrada aos liberais da Academia, com sua visão não moralista sobre a prostituição, e também os tradicionalistas, com sua forma e o bom equilíbrio na drama cômico.

Diretor de longas celebrados, como "Projeto Flórida" e "Red Rocket", Baker se tornou, assim, a primeira pessoa a vencer quatro estatuetas do Oscar por um mesmo filme. O feito, que nem Bong Joon Ho ou Francis Ford Coppola alcançaram, é fruto de uma tendência da Academia em premiar trabalhos mais artesanais.

Independente, "Anora" exigiu que seu diretor fizesse também as vezes de produtor, montador e roteirista. Baker não tem medo de pôr a mão na massa e faz seus filmes não só apesar de, mas utilizando a seu favor as adversidades —"Tangerina" foi gravado em três iPhones, por exemplo.

As múltiplas vitórias também seguem a tendência da Academia de concentrar seus prêmios, pouco importando se o grande vitorioso era mesmo a melhor opção para uma categoria mais lateral ou até mesmo uma grande, como atriz.

Madison, aos 25 anos, além de se encaixar no perfil de "novinha", da jovem promessa que a Academia gosta de premiar na categoria, se beneficiou da força de "Anora", como fizeram outros atores em anos recentes, ao desbancar concorrentes com trabalhos muito mais memoráveis.

Foi assim com Michelle Yeoh, ao enfrentar Cate Blanchett, impulsionada pelo favoritismo de "Tudo em Todo o Lugar ao Mesmo Tempo", e com Cillian Murphy no ano passado, numa vitória apenas oportuna, por "Oppenheimer". Além do Oscar de melhor ator, o longa de Christopher Nolan levou outras seis estatuetas, incluindo a de melhor filme.

A filmografia de Baker é fruto de amor pelo cinema, feita em tática de guerrilha. É uma comovente e conveniente trajetória para se premiar. Em meio às crises que se abatem sobre Hollywood já há anos, o cineasta lembrou que o Oscar é, acima de qualquer coisa, não uma celebração de méritos individuais, mas da experiência e do fazer cinematográfico.

Oscar para o Brasil freia complexo de vira-lata, diferença ideológica e política

Opinião

Sucesso do cinema nacional, consolidado em festivais, chega à ala comercial da indústria e ainda ao coração de Hollywood, que agora conhece mais a nossa cultura

Leonardo Sanchez
Repórter de cinema da Ilustrada

Há 23 anos o Brasil não vibrava em unissono como fez na noite deste domingo, quando Penélope Cruz anunciou que "Ainda Estou Aqui" havia vencido o Oscar de filme internacional, o primeiro do país. Lá atrás, era o futebol que trazia motivo de alegria. Agora, é o cinema, alvo de ataques em anos recentes, mas capaz de reproduzir o clima de patriotismo que lembra a Copa do Mundo.

O filme de Walter Salles já era dado como favorito e desbancou o francês "Emilia Pérez", o dinamarquês "A Garota da Agulha", o alemão "A Semente do Fruto Sagrado" e também o letão "Flow".

É o primeiro Oscar do país, indicado pela última vez na cerimônia de 1999, com "Central do Brasil", também de Salles e estrelado por Fernanda Montenegro. Antes disso, bateu na trave com "O Que É Isso, Companheiro?", em 1998, "O Quatrilho", em 1996, e "O Pagador de Promessas", em 1963.

Em 1960, "Orfeu Negro" levou o Oscar para a França, apesar de narrar uma história brasileira, numa relação complexa como a de "Emilia Pérez" com o México.

"Ainda Estou Aqui" também estava indicado às estatuetas de melhor filme, que ficou com "Anora", de Sean Baker, e melhor atriz, com Fernanda Torres, preterida por Mikey Madison, do mesmo concorrente. Com a tripla indicação e a vitória, os motivos de comemoração vão muito além das telas de cinema.

Com "Ainda Estou Aqui", veículos estrangeiros discutiram capítulos da história brasileira e os cenários político e cultural do país. Falaram muito sobre os ataques e cortes de Jair Bolsonaro nas artes, o embate acalorado entre esquerda e direita e questões mal resolvidas da ditadura militar.

Os porta-vozes, Salles e Torres, despersonalizaram a campanha pelo Oscar, levando o debate a encontros em cinemas, programas de televisão e entrevistas. Frisaram, com frequência, que o golpe de 1964 só foi possível graças à ajuda dos americanos.

"Ainda Estou Aqui", mais do que uma obra pessoal —seja para seu realizador, seja para a família de Eunice Paiva—, foi capaz de levar todo o Brasil consigo na bagagem. Levou nossa música, história, traumas, realidade política, nosso comportamento, nossas paisagens e estrelas, nas figuras de Torres, Selton Mello e Fernanda Montenegro, principalmente.

Foram ao menos 762 salas de cinema nos Estados Unidos, acumulando US$ 5,2 milhões no país, cerca de R$ 30 milhões, e mais US$ 24,7 milhões, cerca de R$ 144 milhões, no resto do mundo, com temporadas notáveis e ainda em curso em Portugal e no Reino Unido.

São espectadores estrangeiros que acompanharam a harmoniosa vida da família Paiva na primeira parte do filme, até o patriarca ser levado por agentes da ditadura militar. E que, a partir daí, foram tragados por uma delicada aula de história que ajuda a entender os arroubos autoritários da extrema direita e a sombra da violência que paira sobre o Brasil.

Não à toa, a revista americana The Hollywood Reporter cedeu às emoções causadas pelo filme e publicou, na última semana, que "Ainda Estou Aqui" poderia "salvar vidas" e "suprimir o renascimento de um movimento de extrema direita". Uma reflexão ingênua, mas ao menos interessada.

O prêmio também coroa duplamente a boa fase do cinema nacional —porque o Urso de Prata para Gabriel Mascaro, no Festival de Berlim, na semana passada, já havia dado início às comemorações. Se em anos recentes os filmes brasileiros já vinham conquistando prestígio em festivais europeus, agora a ala mais comercial da indústria também encontra motivos para prestar atenção no que se produz no país.

A vitória deve alavancar não apenas acordos de coprodução, como impulsionar as carreiras daqueles que tentam entrar no zeitgeist hollywoodiano. Internamente, justifica para os resistentes a leis de fomento a importância de investir dinheiro na cultura —mesmo que o longa não tenha usado dinheiro público.

Os primeiros sintomas nem aguardaram a vitória. Na semana passada, o Festival de Cannes anunciou que o Brasil seria o país homenageado em seu Mercado do Filme, em maio, ampliando o alcance das iniciativas locais.

A verdade é que sempre estivemos aqui, e também lá fora. O cinema brasileiro merece ser mais visto, aqui e lá fora, e o Oscar é boa publicidade contra qualquer complexo de vira-lata, diferença ideológica ou falta de hábito.



Cena do filme 'Orfeu Negro', que ganhou Oscar para a França apesar de história brasileira Divulgação

Nas redes sociais, os brasileiros abriram o caminho de Walter Salles até seu Oscar

Opinião

Fãs dobraram a aposta da campanha de 'Ainda Estou Aqui' e mostraram força que o país tem para derrubar, só com a internet, seus adversários como 'Emilia Pérez'

Davi Galantier Krasilchik
Repórter da Ilustrada

Dos foliões fervendo no Carnaval às salas de estar de todo o país, é certo que o Brasil vibrou com a vitória de "Ainda Estou Aqui" neste domingo, quando o longa levou para casa o Oscar de melhor filme internacional e se tornou o primeiro título brasileiro a conquistar o cobiçado troféu.

Também no páreo por melhor filme e melhor atriz, o longa de Walter Salles teve nas outras categorias uma disputa mais desafiadora e o vencedor foi o favorito da noite, "Anora". O diretor Sean Baker, conhecido por seus filmes independentes, levou os prêmios de melhor montagem, melhor roteiro, melhor direção e a estatueta principal, enquanto a personagem-título da jovem de 25 anos Mikey Madison desbancou a Eunice Paiva de Fernanda Torres.

Mas o feito inédito não deixa de representar uma nova cena para a premiação da Academia e a sua relação com o cinema brasileiro. Com um histórico de quatro indicações à disputa da categoria, o Brasil vê hoje circunstâncias muito diferentes daquelas que fizeram seus precursores deixarem a premiação de mãos abanando.

Apesar do intervalo entre "O Pagador de Promessas", vencedor da Palma de Ouro e indicado ao Oscar em 1963, e "O Quatrilho", de Fábio Barreto, indicado em 1996, esse quarteto, que se completa com "O Que É Isso, Companheiro?", de Bruno Barreto, e "Central do Brasil", também de Salles, enfrentou desafios parecidos. A produção brasileira sofreu mudanças mais significativas nessa passagem de mais de três décadas que a própria Academia, ainda restrita nas nacionalidades e visões representadas por seus votantes, entre os quais muitos ignoravam essa categoria.

Mas as empreitadas em 1990 já criavam sobre Barreto e Salles, agora oscarizado, a urgência de reforçar suas campanhas, além dos temas sociais tateados pelo cinema da era da retomada.

Para não dizer que nesse meio tempo o Oscar não sofreu suas transformações, virou algo comum que produtoras americanas afetassem a disputa estrangeira a partir da sua influência.

Foi o caso da Sony, que em 1998 barrou a vitória de Barreto com o holandês "Caráter" e da Miramax de Harvey Weinstein, que, no ano de "Central do Brasil", garantiu a vitória do italiano "A Vida É Bela". Hoje, a parceria entre "Ainda Estou Aqui" e a mesma Sony Pictures Classic espelha uma equipe que aprendeu com essas lições e trilhou um caminho de sucesso desde a sua estreia no Festival de Veneza, onde o filme conquistou o prêmio de melhor roteiro.

A campanha do longa se beneficiou do calendário internacional previsto para o auge da votação e de uma Fernanda Torres sempre assertiva, que soube unir a sobriedade dos looks com o carisma em traduzir traumas da ditadura para o imaginário americano.

Representante de outro tempo, a história de Eunice, mulher que luta pelo reconhecimento da morte de seu marido pelos militares, encontrou ressonância nos Estados Unidos de uma nova era de Donald Trump e sob a incomum covardia de sua classe artística, como a cerimônia reforçou.

Mas ao corpo de votantes mais diversos, às exibições com nomes como Guillermo Del Toro e à encenação clássica e dedicada a sensibilizar tudo e todos, sem qualquer dissonância, também se juntou outro aliado —as redes sociais.

Se a queda de magnatas como Weinstein se deve à vigilância digital que cunha movimentos como o MeToo, esse mesmo agente mostrou a força do engajamento brasileiro e derrubou concorrentes como o francês "Emilia Pérez".

As mesmas plataformas que revelaram aos americanos o fôlego dos brasileiros em torcer pelos seus deram vazão às críticas que acusavam o longa de Jacques Audiard de ser ofensivo em sua forma de representar o México.

Indicado ao Oscar em 13 categorias, o musical da Netflix sobre um chefe do crime que passa por transição de gênero tentou misturar aquele projeto eurocêntrico anterior, comum a uma indústria que se sente ameaçada pela vitória do sul-coreano "Parasita", a um roteiro ousado e inovador.

Mas a ressurgência de publicações ofensivas da protagonista Karla Sofía Gascón fortaleceram o drama familiar de Salles e Torres como uma via segura a uma Academia que busca renovação sem abandonar tradições. É o que autorizou um estrangeiro a fazer parte de uma noite de prêmios máximos a dois americanos, Sean Baker e Mikey Madison.



Lula afirma se sentir orgulhoso do cinema nacional após vitória de 'Ainda Estou Aqui'

Lara Paiva

SÃO PAULO "Ainda Estou Aqui", longa de Walter Salles que conquistou o Oscar de melhor filme internacional neste domingo, é um dos motivos para se orgulhar de ser brasileiro, afirmou o presidente Lula. "Hoje é dia de sentir ainda mais orgulho de ser brasileiro. Orgulho do nosso cinema, dos nossos artistas e, principalmente, orgulho da nossa democracia. Eu e Janja estamos muito felizes assistindo tudo ao vivo", disse o presidente da República.

"O Oscar de melhor filme internacional para 'Ainda Estou Aqui' é o reconhecimento do trabalho de Walter Salles e toda a equipe, de Fernanda Torres e Fernanda Montenegro, Selton Mello, Marcelo Rubens Paiva e família e todos os envolvidos nessa extraordinária obra que mostrou ao Brasil e ao mundo a importância da luta contra o autoritarismo", acrescentou o presidente.

Indicado a três categorias — melhor filme, melhor filme estrangeiro e melhor atriz, com Fernanda Torres—, o filme parou o Brasil em pleno domingo de Carnaval. Além dos foliões e fãs do longa, políticos e figuras públicas celebraram as conquistas. A ex-presidente Dilma Rousseff, o vice-presidente Geraldo Alckmin e o prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes, são alguns dos nomes.

Rousseff usou as redes sociais para celebrar o longa. Assim como a família Paiva, retratada no filme, ela foi perseguida na ditadura militar. Durante seu governo, criou a Comissão Nacional da Verdade, para investigar os crimes da época.

"Um orgulho para todos os brasileiros e brasileiras que, em meio ao Carnaval, pararam para assistir ao nosso país ser reconhecido mundialmente pela sua arte e pela defesa dos valores democráticos, tão bem representados pela família Paiva", afirmou Alckmin.

Até políticos que não se alinham com o filme, a maioria de partidos de centro e direita, comemoraram a vitória. O prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes, foi um desses. "Parabéns a todos pelo Oscar de melhor filme internacional, 'Ainda Estou Aqui', a estatueta de ouro é nossa! Mais um orgulho de ser brasileiro. A cidade de São Paulo está em festa!", escreveu.

O Secretário de Cultura e Economia Criativa de São Paulo, Tota Parente, que se diz "radicalmente de centro", também publicou sobre o filme. "É do Brasil", escreveu em nota com a secretaria. "Orgulho nacional do cinema do nosso país." O governador do Rio de Janeiro, Cláudio Castro, classificou a conquista como um "marco inesquecível". "É uma vitória para a nossa cultura."

Eufrázio

Oscar 2025
Melhor filme internacional



Cena do filme 'Ainda Estou Aqui', de Walter Salles Alile Dara Onawale/Divulgação

Eufrázio

Ainda Estou Aqui



Tapete vermelho do Oscar teve predominância de referências a personagens de atores e atrizes

Opinião

Feranda Torres, por exemplo, usou um vestido da Chanel, roupa sóbria e elegante que combina com a personalidade discreta de Eunice Paiva em 'Ainda Estou Aqui'

Carolina Casarin

Professora de história da moda, figurinista e autora do livro 'O Guarda-Roupa Modernista: O Casal Tarsila e Oswald e a Moda'



Detalhe das mãos da atriz Cynthia Erivo, de 'Wicked', no tapete vermelho do Oscar Mario Anzuoni/Reuters

O tapete vermelho do Oscar no domingo foi, sem dúvida, o mais esperado pelos brasileiros desde 1999, quando Fernanda Montenegro foi indicada ao prêmio de melhor atriz por sua atuação em "Central do Brasil". Vinte e seis anos depois, sua filha, Fernanda Torres, concorreu ao mesmo prêmio por seu papel de protagonista em "Ainda Estou Aqui", dirigido por Walter Salles, que também é o diretor de "Central do Brasil".

Todos esperavam ansiosos pelo momento em que a atriz desfilaria triunfal em sua elegância discreta pelo tapete vermelho do Dolby Theatre, coração de Hollywood, na cidade de Los Angeles.

Eis que ela surge, usando um vestido preto Chanel, o clássico dos clássicos das casas da alta-costura francesa. É de se lamentar que Antonio Frajado, o stylist de Fernanda Torres, tenha deixado passar a oportunidade de vestir a nossa diva com a roupa de algum representante da moda brasileira, como Lino Villaventura, Walter Rodrigues, Alexandre Herchcovitch, Angela Brito, Guto Carvalhoneto.

Entretanto, o vestido escolhido, um look "couture" da Chanel, com plumas e bordados executados pela Maison Lesage, está à altura do momento que Torres vive. Afinal, a atriz precisava de plumas e brilho caso subisse ao palco para receber a estatueta.

Na temporada de prêmios que antecedeu o Oscar, Torres e Cynthia Erivo, artista que também concorreu na categoria de melhor atriz por sua atuação no filme de fantasia "Wicked", dirigido por Jon M. Chu, pareceram seguir à risca a ideia daquilo que se convencionou chamar de "method dressing".

Ou seja, quando as atrizes usam roupas na vida real que coadunam com o estilo de suas personagens, como uma forma de homenagem ao filme e aos papéis que representam. Fernanda Torres, como aconteceu ao longo de toda a temporada, optou por uma roupa sóbria e elegante, numa cor escura, que faz jus à personagem de Eunice Paiva, que ela representa no longa. Selton Mello, que interpreta Rubens Paiva, o marido de Eunice, que foi sequestrado e morto pelos militares brasileiros na ditadura, também optou por homenagear seu personagem no look escolhido para a noite do Oscar.

Com um smoking preto chiquérrimo escolhido pela stylist Patricia Zuffa, ele contou num vídeo antes da premiação que a flor preta em sua lapela —que anteriormente havia sido usada somente na ocasião da estreia de "Ainda Estou Aqui", no Festival de Veneza, na Itália, representou seu tributo a Rubens Paiva. E o anel que o ator portou numa das mãos era de sua mãe, dona Selva, que teve Alzheimer por 12 anos e morreu no ano passado. O anel é uma bijuteria, mas tem valor inestimável.

Demi Moore também concorreu à estatueta de melhor atriz por seu papel em "A Substância".

Continua na pág. B11

Continuação da pág. B10

No tapete vermelho, Demi Moore apareceu usando um vestido Armani Privé prateado, com cauda. Cabelos longos e soltos, cinturinha apertada, é possível dizer que Moore, assim como Fernanda Torres e Cynthia Erivo, se utiliza da estratégia do "method dressing" para promover a sua atuação?

Numa noite em que costumam pulular roupas douradas e vermelhas, o tapete vermelho do Oscar de 2025 apresentou looks predominantemente pretos e na cor prata. Como o vestido "wet look" estonteante de Whooppi Goldberg, que usou um Cristian Siriano arrojado e elegante, numa cor que parecia mercúrio líquido, ou água metalizada. Essa tendência apareceu também na roupa da linda Felicity Jones, muito bem vestida num Armani Privé.

Uma tendência das passarelas que esteve presente no tapete vermelho do Oscar são as basques. Pequena saia costurada ao corpete do vestido, as basques imprimem uma visualidade retrô aos looks, incrementando a suntuosidade das roupas vestidas nessa ocasião. No vestido de Torres, por exemplo, foi usada a estratégia da basque, justamente nessa parte da roupa que se sobrepõe ao quadril, bordada com plumas, o que deixa a silhueta do look ainda mais interessante.

Na dinâmica autorreferencial da moda, outro exemplo de elemento vintage usado nos vestidos luxuosos escolhidos para o Oscar foi o look Givenchy de Elle Fanning. Um vestido de renda branca que apresentou aquilo que na história do vestuário é chamado de prega Watteau, uma capa plissada que parte dos ombros até o chão. As joias usadas por Fanning são modelos Cartier de 1958.

O Oscar é o último evento da temporada de premiações. Ele vem coroar a jornada de uma produção cinematográfica. É o evento mais importante, que dá legitimidade, que envolve a maior quantidade de dinheiro e que não serve álcool durante a premiação. A coisa é seria. Com dinheiro, é claro, não se brinca.

As grandes marcas de moda investem pesado no lobby para que as atrizes apareçam usando suas roupas. Ariana Grande, sem dúvida uma das maiores representantes do "method dressing", vestiu um modelo exclusivo da Schiaparelli com nada menos do que 190 mil cristais bordados na saia de tule. Lupita Nyong'o, com vestido Chanel, tinha 22.410 pérolas bordadas em sua roupa.

Se o Oscar serve também como termômetro do que vem a seguir —e o look mercúrio líquido da apresentadora Whooppi Goldberg não nos deixa mentir—, o que podemos esperar da relação da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas com o presidente, Donald Trump? A julgar pela cerimônia de domingo, sem discursos inflamados como nos acostumamos a ver no primeiro mandato do republicano, os executivos e artistas serão condescendentes.

Talvez a sobriedade de suas roupas ou o método de se vestir da mesma forma como fazem seus personagens, coisas que predominaram agora, sejam também formas de isenção política.


Elle Fanning no tapete vermelho do Oscar Aude Guerrucci/Reuters

Casa de 'Ainda Estou Aqui' será transformada em um centro cultural no Rio

SÃO PAULO O prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, afirmou nesta segunda-feira que a prefeitura da cidade vai comprar a casa no bairro da Urca, na zona sul carioca, onde foi filmado "Ainda Estou Aqui". O longa de Walter Salles trouxe ao Brasil, neste domingo, o seu primeiro Oscar, na categoria de melhor filme estrangeiro.

De acordo com Paes, o imóvel será transformado na Casa do Cinema Brasileiro, "um lugar de memória permanente da história de Eunice Paiva e sua família", figuras centrais na trama dirigida por Salles, que trata do desaparecimento e morte de Rubens Paiva, o marido de Eunice, pelos agentes da ditadura, em 1970.

Segundo o prefeito, o local vai abrigar exposições interativas sobre a história das participações do Brasil no Oscar. Além disso, a casa será a sede da Rio Film Comission, entidade que oferece suporte e informações a produtores do Brasil e do mundo que querem filmar obras no Rio de Janeiro.

O decreto que oficializa a iniciativa "ressalta o dever institucional do Estado de valorizar a memória dos brasileiros que resistiram e superaram o autoritarismo, contribuindo para a retomada da democracia". O documento menciona ainda o apelo turístico pelo cenário do filme que teve reconhecimento internacional.

Por fim, a casa prestará tributo às atrizes Fernanda Montenegro e Fernanda Torres, mãe e filha que deram vida a Eunice Paiva em diferentes fases da vida no longa "Ainda Estou Aqui". Torres, inclusive, concorreu ao Oscar de melhor atriz e venceu o Globo de Ouro na categoria de melhor atriz de drama. "Vamos tornar público o espaço que trouxe o primeiro Oscar do Brasil em quase cem anos da premiação", escreveu o prefeito na rede social X, o antigo Twitter. Ele acrescentando que "a casa vai estar pronta para receber a nossa primeira estatueta" e deixou aberta a possibilidade de que a estatueta seja mantida no imóvel.

O imóvel está avaliado em R$ 14 milhões e pertence a um proprietário privado. Construído em 1937, possui 480 metros quadrados e conta com quatro suítes, quatro salas, uma piscina e um elevador. Para as filmagens, passou por reformas que o transformaram em uma réplica fiel da residência original dos Paiva na década de 1970, que ficava no bairro do Leblon e hoje já demolida.

Após o término das gravações, o imóvel da Urca foi novamente reformado, preservando parte das adaptações.

OUTRO CANAL

Gabriel Vaquer
gabriel.vaquer@grupofolha.com.br

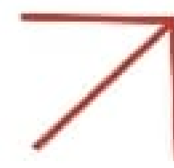

MÃO NA MASSA
Erick Jacquin confere os pedidos durante reinauguração do restaurante Alternativa no episódio desta terça (4) do Pesadelo na Cozinha, da Band Renato Pizzuto/Band

'Ainda Estou Aqui' ganha data de estreia no streaming

A Globo marcou a data de estreia de "Ainda Estou Aqui", vencedor do Oscar de filme internacional, no Globoplay. O longa-metragem de Walter Salles é uma produção original do serviço de streaming, em parceria com a Conspiração e a Sony Pictures. Protagonizada por Fernanda Torres, a obra será disponibilizada na plataforma no dia 6 de abril, um domingo. Coincidentemente, a estreia ocorrerá no mês em que o Grupo Globo vai comemorar cem anos de existência. Nos cinemas, o longa-metragem ficará disponível até 2 de abril. O filme também deve ser mostrado na televisão aberta ainda neste ano.

EFEITO BRASIL A vitória de "Ainda Estou Aqui" no Oscar rendeu bons números de audiência para a Globo e para a TNT, que exibiram a cerimônia ao vivo. A Globo conseguiu 14 pontos de média em São Paulo, principal mercado de TV do Brasil, onde cada ponto equivale a 191 mil indivíduos. Foi o maior número alcançado pelo canal com a exibição do evento desde 2004. Na TV paga, TNT alcançou picos de seis pontos. Foi o recorde do canal da Warner desde que passou a exibir a premiação, no início dos anos 2000.

NOVA VERSÃO O narrador Sérgio Maurício, da Band, admitiu que era dele a conta no X, antigo Twitter, que ofendeu Erika Hilton (PSOL-SP). Em nota enviada à coluna, ele pediu desculpas à deputada federal e disse que se arrependeu do fato. "Lamento profundamente as palavras equivocadas que usei ao me referir à deputada Erika Hilton, parlamentar por quem tenho o mais elevado respeito. Peço desculpas a ela, a seus eleitores e a quem mais tenha se ofendido", afirmou. Anteriormente, Sérgio havia dito que a conta não pertencia a ele.


GLOBO
EVERALDO MARQUES E MILTON CUNHA
Dupla improvável brilhou na transmissão deste Carnaval

SUCESSO MULTIPLATAFORMA Popular nas redes sociais, Blogueirinha fará uma participação importante nos primeiros capítulos do remake de "Vale Tudo". A personagem, criada e interpretada pelo humorista Bruno Matos, vai participar de um evento das empresas da família Roitman e vai entrevistar Afonso Roitman, interpretado por Humberto Carrão. A nova versão da novela estreia neste mês na faixa das nove da Globo.

HOMENAGEM Filha de Silvio Santos (1934-2024), Silvia Abravanel vai comandar um especial de Dia Internacional da Mulher no SBT no próximo sábado (8). Nele, a emissora vai apresentar, de forma editada, um documentário sobre Hebe Camargo (1928-2012).

AXÉ A Justiça de São Paulo condenou a Record a pagar uma indenização de R$ 30 mil a um fã da cantora Ivete Sangalo que foi ridicularizado no Fala que Eu te Escuto, atração exibida pela emissora, mas produzida pela Igreja Universal. Cabe recurso.

QUADRINHOS

Piratas do Tietê Laerte



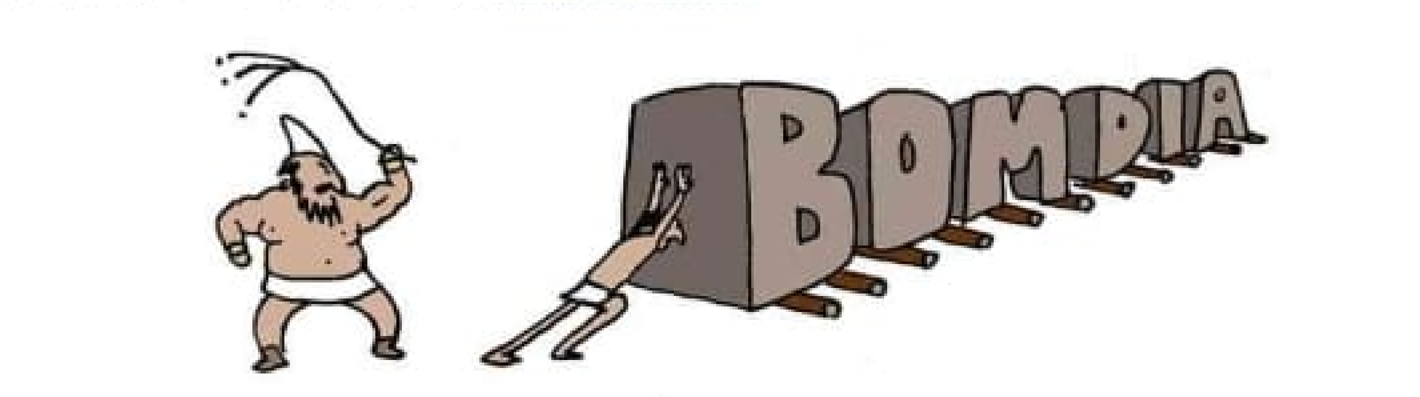
Bicudinho Caco Galhardo



Níquel Náusea Fernando Gonsales



Não Há Nada Acontecendo André Dahmer



Viver Dói Fabiane Langona



Péssimas Influências Estela May



Vida Besta Galvão Bertazzi



SUDOKU texto.art.br/fsp

MÉDIO

		8	9		3			2
		7			8			
5				4				6
			1	6			5	
			8					
					4	7		
	9				2	4		
	6			3			8	
		3						1

O **Sudoku** é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

6	4	8	9	5	3	1	7	2
9	2	7	6	1	8	3	4	5
5	3	1	2	4	7	8	9	6
3	7	4	1	6	9	2	5	8
2	1	9	8	7	5	6	3	4
8	5	6	3	2	4	7	1	9
1	9	5	7	8	2	4	6	3
4	6	2	5	3	1	9	8	7
7	8	3	4	9	6	5	2	1

CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. Vento forte e constante de certas regiões do nordeste **2.** Cidade histórica egípcia, às margens do Nilo / 1.000 **3.** (Red., ingl.) Adolescente / (-de-açúcar) A planta que dá pinga e rapadura **4.** Origenes Lessa (1903-1986), escritor / Usar o mouse **5.** Tubulação de instalação de ar condicionado **6.** Comodidade da vida **7.** Confeccionada com fios **8.** Pequeno vaso, próprio para lavagens **9.** (-grande) Indivíduo invejoso / Mistura de metais fundidos **10.** Que entra em propriedade alheia **11.** Ação de amansar um cavalo / Médicos Sem Fronteiras **12.** Igreja Presbiteriana / Nome de dois estados dos EUA **13.** Que contém água (fem.) / Se repetem em corporal.

VERTICAIS
1. (lá) Expressão equivalente a pare / Uma saudação matinal **2.** Plaqueta com um furo central que serve de base à porca / Exatamente igual / As letras separadas pelo N e pelo R **3.** Gênero musical baiano de ritmo enérgico / Cidade do Rio Grande do Sul, "a capital do trigo" **4.** Diz-se de mineral formado por incrustação ou agregação **5.** Agildo Ribeiro (1932-2018), ator e humorista / Acesso a um programa / São três em Batatais **6.** Área circundada por muralhas defensivas / Quiloampere **7.** Dogma católico pelo qual Maria é declarada imune do pecado original **8.** Natural, instintivo / O mês em que se comemora o dia dos pais **9.** Que recebe muita luz / Respirar com dificuldade.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1								■	
2						■			
3					■				
4			■						
5	■								
6	■	■							■
7	■							■	■
8									■
9					■				
10		■							
11					■	■			
12			■						
13							■		

HORIZONTAIS: 1. Aracati, **2.** Luxor, Mil, **3.** Teen, Cana, **4.** OL, Clicar, **5.** Aeroduto, **6.** Regalo, **7.** Tecida, **8.** Bacineta, **9.** Olho, Liga, **10.** Invasor, **11.** Doma, MSF, **12.** IP, Dakota, **13.** Aquosa, Or. **VERTICAIS: 1.** Alto, Bom dia, **2.** Ruela, Tal, OPQ, **3.** Axé, Erechim, **4.** Concrecionado, **5.** Ar, Login, Ás, **6.** Cidadela, Ka, **7.** Imaculatismo, **8.** Inato, Agosto, **9.** Claro, Arfar.

Eufrázio

As virtudes do cortesão

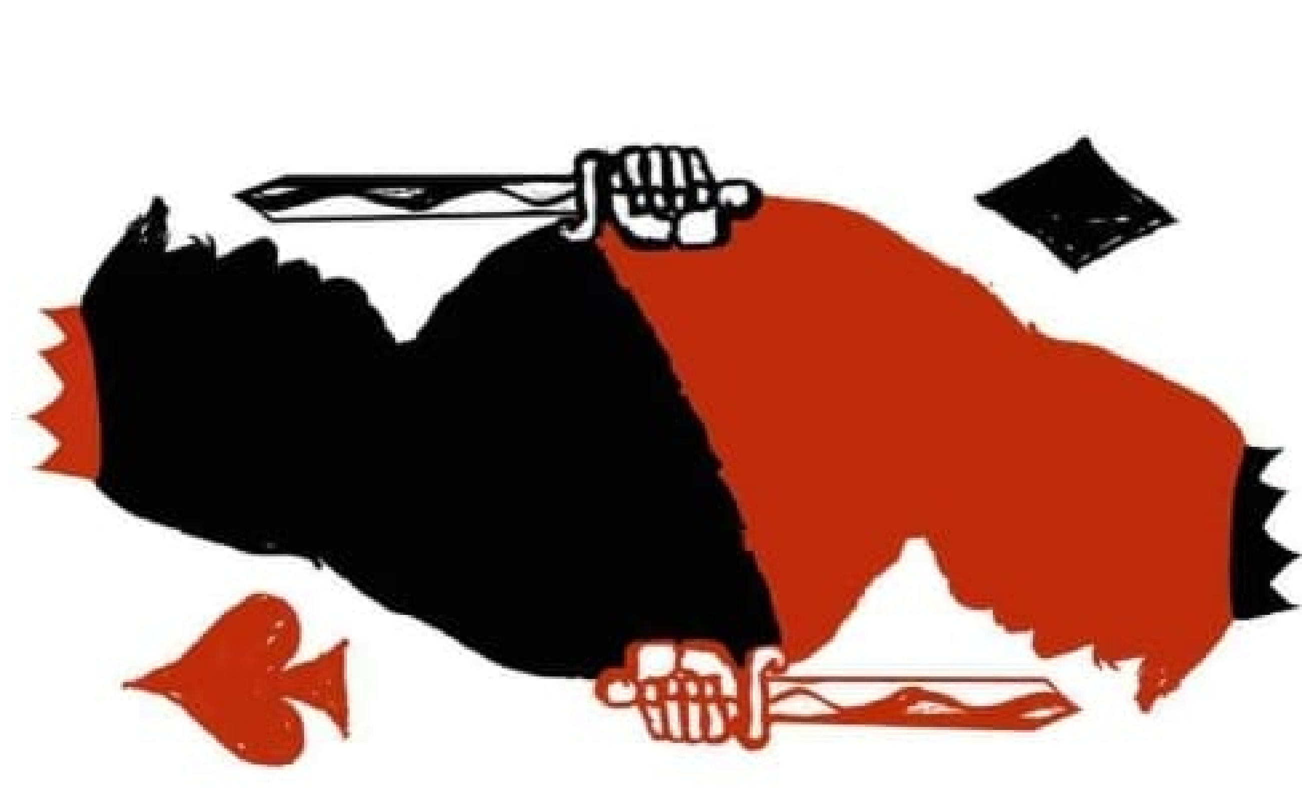
Zelenski é herói de guerra, mas não sei se é a melhor pessoa para as negociações de paz

João Pereira Coutinho

Escritor, doutor em ciência política pela Universidade Católica Portuguesa

Volodimir Zelenski é um herói de guerra que a história vai recordar. Na hora mais sombria, quando as tropas russas se aproximavam de Kiev, o presidente ucraniano recusou a carona de Joe Biden e ficou no país para liderar a resistência ao invasor.

Mas será Zelenski a pessoa indicada para as negociações de paz? Tenho dúvidas. O circo a que assisti no Salão Oval só aprofundou minhas dúvidas. Para lidar com Donald Trump, é preciso o tipo de inteligência estratégica que Castiglione ensinava no "Livro do Cortesão". É preciso cinismo e falsa modéstia. Hipocrisia e lisonja. Tudo isso feito com "sprezzatura", ou seja, como se fosse a coisa mais natural do mundo.



Angelo Abu

Zelenski, brutalizado por três anos de guerra, não controla os primeiros impulsos, sobretudo quando é soterrado por ignorância e desumanidade. Os seus músculos de ator atrofiaram no exato momento em que ele precisava mais deles. O filme até começou bem. Trump elogiou a resistência ucraniana e o acordo que os dois países vão assinar para a exploração da riqueza mineral do país.

Zelenski, com pouca paciência para jogar conversa fora, foi direto ao assunto: quer garantias de segurança, chamou Putin de "assassino", acusou Moscou de ter sequestrado 20 mil crianças e mostrou a Trump e aos jornalistas fotografias dos prisioneiros de guerra, torturados por Moscou. Tem razão em todos os pontos? Claro que tem. Sem garantias de segurança, um acordo de paz não vale o papel onde foi escrito. A história é a melhor vitrine:

> **Será Zelenski a pessoa indicada para as negociações de paz? Tenho dúvidas. O circo a que assisti no Salão Oval só aprofundou minhas dúvidas. Para lidar com Donald Trump, é preciso a inteligência estratégica que Castiglione ensinava no 'Livro do Cortesão'. É preciso cinismo**

assim foi em 1994, em 1997 e nos Acordos de Minsk de 2014 e 2015.

De resto, a monstruosidade de Putin é uma evidência para qualquer cabeça que não tenha apodrecido com a propaganda russa nas redes sociais. Mas aquele não era o lugar nem o momento para expor as limitações do rei Trump. Nem para o corrigir, já agora, defendendo a contribuição da Europa para a Ucrânia, que foi maior do que a americana (embora não em material militar, que é o que conta).

E quem fala do rei Trump, fala do príncipe JD Vance, ridicularizado por Zelenski com uma simples e fatal pergunta: "Já foi à Ucrânia?". Obviamente que não foi. Obviamente que falava do país sem conhecimento de causa. Mas o que interessa isso? O que interessa ganhar uma discussão e perder o essencial?

E o essencial é manter viva a chama do envolvimento americano no destino da Ucrânia. O resto é para ser discutido quando as câmeras não estão filmando. Mas o desastre do Salão Oval não foi apenas um fracasso de simulação. Foi também um confronto entre a utopia e o realismo nas relações internacionais.

A utopia pertence a Zelenski, que quer da nova administração americana a mesma postura da anterior: um apoio robusto que permita continuar a luta. De preferência, até a libertação total do território ocupado. Esse seria também o meu desejo, se as relações internacionais fossem feitas de desejos. Não são. É com Trump que Zelenski terá de lidar, não com Joe Biden. E a nova administração não está interessada em apoiar o esforço de guerra ucraniano. Nem sequer nos termos ambíguos que Biden promoveu desde 2022: resistir, sim; derrotar a Rússia, fora de questão.

A brutalidade de Trump tem o mérito de ser mais clara: nem derrotar, nem resistir. A ideia é acabar com a guerra a qualquer preço porque há negócios a serem feitos. Em teoria, o afastamento americano poderia ser compensado por um maior envolvimento europeu.

Mas a Europa só agora começa a despertar para o seu trágico desarmamento. Não será com a produção industrial do continente, nem com os seus sistemas antiaéreos, nem com os mísseis balísticos de longo alcance, que Zelenski vai virar o jogo. Quem diz o contrário mente. E quem mente condena os ucranianos à morte.

Esse é o motivo pelo qual o premiê britânico Keir Starmer, em difícil equilibrismo, procura uma solução de paz que não aliene Washington. Se houver tropas europeias na Ucrânia para garantir um cessar-fogo, o apoio dos Estados Unidos, nem que seja como último recurso, continua sendo algo essencial.

E Zeleneski? Dias atrás, o presidente ucraniano afirmou estar disposto a deixar o cargo em troca do fim da guerra e da entrada da Ucrânia na Otan.

O segundo cenário não está em cima da mesa e Zelenski sabe disso. Mas o primeiro pode estar: um fim que será sempre imperfeito, uma paz mutilada, uma injustiça histórica. Mas, com garantias de segurança realistas, um fim apesar de tudo. Esse fim não se consegue com as virtudes guerreiras que Zelenski aprendeu a duras penas. É preciso cinismo e falsa modéstia. Hipocrisia e lisonja. É preciso um novo cortesão para lidar com uma nova corte.

SEG. Luiz Felipe Pondé TER. João Pereira Coutinho QUA. Wilson Gomes QUI. Drauzio Varella, Fernanda Torres SEX. Djamila Ribeiro SAB. Mario Sergio Conti

MULTITELA

Jacqueline Cantore

cantorejac@gmail.com

Meghan Markle estreia programa de bem-estar em canal de streaming

Com Amor, Meghan

Netflix, livre

Em "Com Amor, Meghan", a duquesa de Sussex aposta em estilo de vida, produzindo um programa que mistura instruções práticas de cozinha e jardinagem, enquanto ela conversa com amigos novos e antigos, como Mindy Kaling e Abigail Spencer. Meghan Markle compartilha truques e dicas pessoais e abraça a brincadeira em vez da perfeição com o objetivo de mostrar como pode ser fácil criar beleza e felicidade.

A Vilã das Nove

Disney+, 16 anos

Karine Teles vive Roberta, uma mulher recém-divorciada que está numa fase boa da vida. Até ela assistir à estreia da novela "A Má Mãe" e descobrir que a vilã é baseada na sua vida. A novela vira um sucesso de audiência e Roberta fica desesperada para saber como seus segredos acabaram na televisão.





O Auto da Compadecida 2

Prime Video, 12 anos

Estrelado pelos atores Matheus Nachtergaele e Selton Mello, a produção mostra o reencontro dos dois velhos amigos depois de 25 anos do primeiro filme. João Grilo agora é famoso em Taperoá em razão das histórias de sua ressurreição contadas por Chicó

Hunters

Film&Arts, 21h, 12 anos

Erik passou anos na polícia de Estocolmo e voltou para o norte para ajudar seu sobrinho, o jovem cadete Peter, quando um caso resolvido há 15 anos ressurge. A série de suspense, ambientada na selvagem natureza nórdica, é derivada do filme "The Hunters", de 1996.

Lorena Bobbitt: A Mulher que Castrou o Marido

Lifetime, 22h, 14 anos

Lorena Bobbit ficou conhecida em junho de 1993, quando, depois de anos de assédio físico e mental pelo marido, cortou o pênis dele com uma faca e fugiu. O filme dramatiza o relacionamento dos dois desde que a imigrante equatoriana de 19 anos conheceu John, com quem ficou casada quatro anos.

Casas Muito Loucas

Max, livre

De um silo de mísseis reformado no estado americano de Nebrasca a uma igreja convertida em moradia no Missouri, o ator Jack McBrayer, de "30 Rock", visita algumas para conhecer as suas histórias e as vidas de seus proprietários.

Hanalei Bay

Filmicca, 14 anos

Depois que o filho adolescente morreu enquanto surfava no Havaí, nos Estados Unidos, Sachi vai até a baía de Hanalei todos os anos e fica por semanas tentando se reconectar com ele. Um dia Sachi conhece dois jovens surfistas da mesma idade que o filho tinha. O filme é dirigido por Daishi Matsunaga.

CINEMA

Em áudio, Fernanda Montenegro destaca 'Ainda Estou Aqui' como força do Brasil

SÃO PAULO Fernanda Montenegro celebrou "Ainda Estou Aqui" e a atuação de sua filha, Fernanda Torres, na noite do Oscar. Em resposta a uma mensagem enviada pelo ator Lázaro Ramos, um dos apresentadores da transmissão da cerimônia pelo streaming Max, a artista enviou um áudio, compartilhado por Ramos nas redes sociais, em que destaca a importância do filme.

"É um trabalho extraordinário que ela está trazendo para esse prêmio. Eu acho que ela foi lá só pegar, porque ganhar, já ganhou. Mas tem que ir lá pegar, entendeu? Não tem saída", afirmou Fernanda, comemorando o feito. "É impressionante o momento em que um filme atravessa a linha do Equador."

Eufrázio



Novo utilitário esportivo compacto Volkswagen Tera é apresentado no Sambódromo do Rio no domingo de Carnaval; modelo percorreu a Marquês de Sapucaí Fotos Divulgação

Volkswagen Tera desfila na Marquês de Sapucaí em pleno Carnaval

Novo SUV compacto é apresentado no Sambódromo do Rio e passa pela avenida antes das escolas do Grupo Especial

Rodrigo Mora

RIO DE JANEIRO Principal lançamento da Volkswagen em 2025, o SUV compacto Tera apareceu ao vivo pela primeira vez neste domingo (2), no Sambódromo do Rio de Janeiro.

A estratégia de marketing incluiu passagens dos carros pela avenida Marquês de Sapucaí antes dos desfiles das escolas de samba do Grupo Especial.

Produzido na fábrica da Volkswagen de Taubaté (interior de São Paulo), o Tera é o quarto lançamento da marca após o anúncio de R$ 16 bilhões para a criação ou renovação de 16 modelos até 2028. O valor abrange a chegada de opções com tecnologia híbrida flex de diferentes níveis.

Posicionado em um segmento que representou 24% das vendas em 2024, o novo utilitário esportivo compacto nacional começará a ser vendido no segundo trimestre deste ano.

"A missão do Tera é democratizar os SUVs, não vem para substituir nenhum carro, mas, sim, para completar o nosso portfólio no Brasil", diz Hendrik Muth, vice-presidente de vendas e marketing da Volkswagen na América do Sul. "O [hatch] Polo segue como nosso modelo de entrada, seguido pelo Tera e depois por Nivus e T-Cross."

O executivo confirma que o modelo será exportado para países da América Latina, como Argentina, México, Bolívia, Uruguai, Suriname e Peru, entre outros. O modelo também será vendido no continente africano.

O porte é semelhante ao dos concorrentes Fiat Pulse (a partir de R$ 107.990 na opção 1.3 flex) e Renault Kardian (R$ 106.990 na versão Evolution 1.0 turbo com câmbio manual).

O SUV da Volks vai custar entre R$ 90 mil e R$ 100 mil na versão de entrada, que deve ser equipada com motor 1.0 flex (84 cv) e câmbio manual. As opções mais caras serão 1.0 turbo e trarão caixa automática.





Interior do Volkswagen Tera em versão 1.0 turbo com câmbio automático tem forração que imita couro; porta-malas do SUV deve comportar cerca de 350 litros de bagagens

O Tera demandou, segundo a Volkswagen, 347 novos robôs para a fábrica de Taubaté. A montadora diz que a ampliação da linha de montagem resultou em 260 novos empregos diretos e mais 2.800 indiretos. Hoje, a planta tem 2.800 colaboradores.

Desenhado e desenvolvido no Brasil, o SUV compacto é o primeiro VW a incorporar o que o chefe de design da empresa, José Carlos Pavone, define como "design 2.0, mais progressivo, moderno e futurista".

Os fárois das versões apresentadas no Sambódromo do Rio trazem lâmpadas de LED nos fachos alto e baixo. A sigla TSI indica tratar-se da motorização turbo, conciliada ao câmbio automático de seis marchas já usado em diversos modelos da montadora.

É o lançamento mais importante da Volkswagen desde a chegada da quinta geração do Gol, em 2008, quando a empresa investiu R$ 1,2 bilhão para reformular aquele que era o carro mais vendido do país e principal nome da marca no mercado nacional desde 1980.

"Cerca de 80% das peças são nacionais, é um carro brasileiro, não é um CKD", diz Ciro Possobom, presidente da Volkswagen no Brasil. O método CKD consiste em trazer o automóvel desmontado de seu país de origem e reconstruí-lo no destino, sem produção local de componentes.

O jornalista viajou a convite da Volkswagen

Eufrázio

Volvo inicia pré-venda no Brasil do utilitário esportivo puramente elétrico EX90

Modelo de luxo tem sete lugares e é capaz de rodar cerca de 500 quilômetros com uma carga, segundo cálculo da montadora


Sistema de recarga rápida permite ir dos 10% aos 80% de capacidade da bateria em meia hora Fotos Divulgação

Eduardo Sodré

SÃO PAULO A montadora sueca Volvo iniciou a pré-venda do SUV elétrico EX90 no mercado brasileiro. O carro pode ser encomendado nas concessionárias da marca, com preço sugerido de R$ 849.990. As entregas terão início em abril.

Como é tradição na marca, os destaques do modelo são os itens de segurança. Sensores monitoram o motorista e podem fazer o carro dar solavancos caso seja detectado algum nível de desatenção ao volante. Se não houver reação do condutor, o veículo pode estacionar no acostamento por conta própria.

O quadro de instrumentos é pequeno e minimalista, combinando com as forrações da cabine. As informações do carro estão concentradas na tela da central multimídia, que é instalada na vertical.

Por fora, o estilo segue o novo visual da marca, com faróis que destacam ainda mais a silhueta do martelo de Thor, o deus da mitologia nórdica. As lanternas traseiras são divididas em dois blocos, com luzes em formato de "C" na tampa do porta-malas e réguas de LEDs nas laterais do vidro traseiro.


Painel do Volvo EX90 destaca central multimídia com tela vertical

A combinação de dois motores elétricos gera 517 cv de potência. De acordo com a Volvo, é o suficiente para fazer o SUV de cinco metros e 2.757 quilos ir do zero aos 100 km/h em 4,9 segundos.

Pelo cálculo do Inmetro (Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial), a autonomia é de 459 quilômetros com uma carga completa. Como o instituto aplica um fator de correção que joga a média para baixo, é possível estimar um alcance superior a 500 km, compatível com cálculo da montadora.


Utilitário esportivo elétrico Volvo EX90 tem cerca de cinco metros de comprimento e sete assentos


Iveco Daily na versão chassi-cabine com baú; opção é voltada para entregas urbanas Divulgação

Iveco Daily completa 25 anos de produção local

Comercial leve atinge 60 mil unidades fabricadas em Sete Lagoas (MG)

Eduardo Sodré

Jornalista especializado no setor automotivo

A montadora italiana Iveco chegou a 60 mil unidades do comercial leve Daily produzidas em Sete Lagoas (MG). Inaugurada em 1997, a unidade é a maior planta fabril da empresa no mundo.

O modelo, que lidera o segmento chamado chassi-cabine com 41% de participação, completa 25 anos de fabricação nacional em 2025, sempre com motorização a diesel. Há ainda a opção 100% elétrica, que desde junho de 2024 é importada da Itália e custa a partir de R$ 549 mil.

A montadora está investindo R$ 100 milhões na eletrificação até 2026, valor adicional ao ciclo de R$ 1 bilhão que se encerra neste ano. A opção a bateria, contudo, ainda tem participação tímida no mercado nacional, com vendas restritas a poucas concessionárias da marca.

No total, a linha Daily registrou crescimento de 52% nos emplacamentos em 2024 na comparação com o ano anterior. A divisão de comerciais leves da Iveco teve 3.938 unidades licenciadas no ano passado, segundo dados da Anfavea (associação nacional das montadoras).

Os principais concorrentes dos modelos da família Daily são a linha Sprinter, da Mercedes-Benz, a Renault Master, a Ford Transit e a Fiat Ducato; os preços desse segmento partem de R$ 250 mil, aproximadamente

O comercial leve está na terceira geração, e sua história global começa em 1978. O furgão foi o primeiro modelo, e diferentes versões foram lançadas nos anos seguintes.

As opções chassi-cabine são pensadas para entregas urbanas, sendo possível configurar o implemento de acordo com a necessidade da empresa.

O segmento de veículos comerciais leves tem seu grande volume de vendas concentrado em picapes compactas e médias. No primeiro bimestre de 2025, foram comercializadas 75.860 unidades nessa categoria, com crescimento de 19,1% na comparação com o mesmo período do ano passado. Os dados de licenciamento são baseados no Renavam (Registro Nacional de Veículos Automotores).

A atuação da Iveco se concentra na fatia mais rentável desse nicho, onde estão as vans de médio e grande portes e os VUCs (veículos urbanos de carga).

Os principais concorrentes dos modelos da família Daily são a linha Sprinter, da Mercedes-Benz, a Renault Master, a Ford Transit e a Fiat Ducato. Os preços dos veículos desse segmento partem de R$ 250 mil, aproximadamente.

Em comum, os modelos têm gerações longevas. Embora recebam evoluções de tempos em tempos, mantêm as linhas básicas e o mesmo chassi por anos, o que é bom para as fabricantes.



Audi A3 Sedan na versão Performance Black; opção é equipada com rodas de 19 polegadas e traz novos desenhos dos para-choques e da grade frontal Fotos Divulgação

Audi A3 chega à linha 2025 com mudanças em motorização e estilo

Versão sedã perdeu sistema híbrido leve e teve piora no consumo de gasolina, enquanto o desempenho melhorou; veja resultados do teste Folha Mauá

SÃO PAULO O Audi A3 Sedan está entre os raros representantes de um segmento que já foi sucesso no Brasil. São os modelos de três volumes derivados de hatches médios, nicho que já teve Chevrolet Monza, Ford Escort e Mercedes Classe A Sedan entre os representantes em diferentes épocas.

São opções que perderam espaço para SUVs de tamanhos variados, e os resultados de venda da marca alemã comprovam que a migração é mais intensa no segmento premium.

Enquanto o Audi Q3 teve 2.516 unidades vendidas no ano passado, o A3 Sedan terminou 2024 com 456 emplacamentos. O utilitário esportivo é montado em São José dos Pinhais com peças importadas e custa a partir de R$ 299.990, uma diferença de R$ 10 mil em relação à versão mais em conta do três volumes, chamada Advance (R$ 289.990).

Já a opção que chegou para o teste **Folha Mauá** foi a mais cara da linha: A3 Performance Black tem preço sugerido de R$ 344.390. Seus diferenciais são as rodas de liga leve aro 19, forração em tons escuros e sistema de som da marca Sonos, com tecnologia tridimensional.

O motor 2.0 turbo a gasolina permanece com 204 cv de potência, porém, não há mais o auxílio do sistema híbrido leve. A perda resultou em diferença no consumo, de acordo com os números aferidos pelo Instituto Mauá de Tecnologia.

O modelo atual atingiu as médias de 9,1 km/l no uso urbano e de 18,5 km/l na rodovia (a 90 km/h). A versão anterior, testada em 2023, chegou às marcas de 13,8 km/l e de 21,7 km/l, respectivamente.

O desempenho, contudo, melhorou. O novo A3 precisou de 6,9 segundos para ir do zero aos 100 km/h, sendo meio segundo mais rápido que o "antigo".

No estilo, as diferenças estão nos novos para-choques e na grade frontal redesenhada, além de mudanças nas logomarcas. A lista de itens de série agora inclui assistentes de direção em todas as versões, com leitores de faixa e auxílio ao estacionamento.

Ao volante, o sedã mantém a percepção de se estar em um modelo premium de apelo esportivo. A boa posição de dirigir e os comandos divididos entre tela tátil e botões físicos facilitam a vida do motorista. O quadro de instrumentos é digital e de fácil visualização, com caracteres em branco sobre fundo preto.

O espaço no banco traseiro é razoável, bem como o porta-malas com 425 litros de capacidade. São pontos como esses que fazem o Q3 ser mais procurado. A versão SUV recebe melhor os passageiros na segunda fila de assentos, além de ter 530 litros disponíveis para bagagens.

A maior distância em relação ao solo também conta a favor do esportivo utilitário no Brasil, mas o sedã é um modelo mais agradável no uso rodoviário.

Ágil, o Audi A3 tende a agradar quem deseja ter uma clássica experiência premium sem gastar cerca de R$ 400 mil em um automóvel zero-quilômetro, que é o patamar atual de valor de modelos de luxo como Mercedes Classe C e BMW Série 3.

Eduardo Sodré



Motor 2.0 turbo mantém 204 cv de potência na linha 2025 do Audi A3



Interior da versão Performance Black do A3 tem forrações escuras



Audi A3 Sedan Performance Black

PREÇO R$ 344.990 (fevereiro/2025)

MOTOR dianteiro, turbo, 1.984 cm³, gasolina

POTÊNCIA 204 cv a 4.500 rpm

TORQUE: 32,6 KGFM A 1.600 RPM

TRANSMISSÃO tração dianteira, câmbio automático de dupla embreagem e sete marchas

PNEUS 235/35 R19

PESO 1.485 kg

PORTA-MALAS 425 litros

COMPRIMENTO 4,50 m

LARGURA 1,82 m

ALTURA 1,44 m

ENTRE-EIXOS 2,63 m

ACELERAÇÃO (0 A 100 KM/H, EM SEGUNDOS) 6,9

RETOMADA (80 KM/H A 120 KM/H, EM SEGUNDOS) 4,6

CONSUMO URBANO (KM/L) 9,1

CONSUMO RODOVIÁRIO (KM/L) 18,5